



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
LITERATURA E RECEPÇÃO

**“DA CONJURAÇÃO DOS VERSOS”: A EXPRESSÃO POÉTICA
FEMININA AFRO-BRASILEIRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

JOILDA ALVES DE OLIVEIRA

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2021

JOILDA ALVES DE OLIVEIRA

**“DA CONJURAÇÃO DOS VERSOS”: A EXPRESSÃO POÉTICA
FEMININA AFRO-BRASILEIRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras com área de concentração em Literatura e Recepção.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2021



JOILDA ALVES DE OLIVEIRA

“DA CONJURAÇÃO DOS VERSOS”: A EXPRESSÃO POÉTICA FEMININA AFRO-BRASILEIRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

APROVADA EM: 09-02-2021

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade

Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho

Profa. Dra. Cristiane Rodrigues

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O48d Oliveira, Joilda Alves de
“Da conjuração dos versos” : a expressão poética
feminina afro-brasileira de Conceição Evaristo / Joilda Alves
de Oliveira ; orientador, Alexandre de Melo Andrade.– São
Cristóvão, SE, 2021.
124 f.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal
de Sergipe, 2021.

1. Poesia brasileira. 2. Evaristo, Conceição, 1946- .
Poemas da recordação e outros movimentos – Crítica e
interpretação. 3. Escritoras. 4. Negras na literatura. I.
Andrade, Alexandre de Melo, orient. II. Título.

CDU 821.134.3(81)-1.09

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus pais Hilda e José que sempre foram grandes incentivadores durante o meu percurso na vida acadêmica. Dedico também a todos os amigos e pessoas próximas que sempre me apoiaram durante a minha caminhada. Por fim, dedico este trabalho a todos que lutam e persistem na busca por seus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido coragem e persistência durante todas as etapas do mestrado.

Agradeço aos meus familiares, amigos e colegas de mestrado por todo o apoio a mim concedido.

Agradeço também a todos os professores das disciplinas do mestrado, pois através das leituras e reflexões propostas eles contribuíram para a construção deste trabalho. E agradeço também ao meu orientador Alexandre Andrade por todo o apoio e suporte a mim concedido.

Ciente de que a literatura não pode ser considerada como fiel retrato da sociedade em que é produzida, não se pode afirmar, entretanto, que o discurso literário nasce e circula imune e impune ao meio em que foi criado. No ato criativo de “imitação da vida”, no movimento de discordância e/ou concordância com a existência que lhe é consentida, ou com aquela que a sua percepção lhe permite alcançar, o sujeito autoral acaba por colocar no texto sinais reveladores da constituição de uma sociedade em determinado momento histórico. (EVARISTO, 2009, p. 19).

*A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas (só as visíveis) sorriam,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém da vida.*

*[...]E viu que nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvares nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo no tempo.
(EVARISTO, 2017, p.38-40).*

RESUMO

A produção literária de Conceição Evaristo a cada dia se torna mais comentada nos ambientes acadêmicos, seja nas dissertações, teses, ou artigos científicos. Suas obras vêm tornando-se mais conhecidas e são recorrentes objetos de pesquisa no campo dos Estudos Literários. A expansão do alcance de suas criações constitui um avanço para a consolidação do lugar de existência e de fala das obras de autoria feminina na literatura brasileira contemporânea. Este trabalho utiliza como objeto de pesquisa *Poemas da recordação e outros movimentos*, com o objetivo de analisar a figura feminina afro-brasileira expressa através da poesia brasileira contemporânea de autoria feminina de Conceição Evaristo. Intentamos estabelecer diálogo entre as questões estéticas e sociais que permeiam a poética de Conceição Evaristo. Na obra em questão serão identificadas as marcas da poesia contemporânea. Além de observar a imagem feminina da mulher negra que é constituída através da poética da autora. A análise de poemas atentará para a leitura dos procedimentos de linguagem, metaforização, ritmo e, em alguns casos, o prosaísmo; pois tais recursos se entrecruzam com temas ligados à memória, ao engajamento e à figurativização feminina. Serão destacados aspectos como: a correlação entre a obra de Evaristo e as poéticas contemporâneas; a singularização do “feminino” em Evaristo; e a abordagem de aspectos de relevância para a compreensão do lirismo e da memória, além dos procedimentos intertextuais e o diálogo possível entre lirismo e contexto social. Ao longo da obra, estão presentes poemas que dialogam com temas de destaque dentro do universo feminino afro-brasileiro como a opressão, o aborto, o papel social da mulher, a discriminação, a presença da mulher na literatura, entre outros. É notável o engajamento da mulher negra que coloca em debate as opressões sofridas nos mais diversos âmbitos. Para o trabalho de pesquisa serão destacados alguns poemas da coletânea, que possui sessenta e seis poemas. As abordagens teóricas que compõem a pesquisa buscam o diálogo entre os estudos da crítica e da teoria literária, teorias sobre o gênero textual poema, a poesia brasileira contemporânea e algumas concepções dos Estudos Culturais. Entre os textos consultados estão: Staiger (1997), com um estudo sobre o gênero lírico; Rezende (2014), que traz concepções sobre a poesia brasileira contemporânea; Duarte e Lopes (2020), estudiosos das obra de C. Evaristo; Álos (2011), com crítica referente à obra de Evaristo; e Bordini (2009), que tece reflexões sobre os Estudos Culturais. Com relação à análise da imagem da mulher negra nos poemas serão utilizados os estudos de Ribeiro (2017), que apresenta reflexões relativas ao lugar de fala direcionado à mulher afro-brasileira, e Evaristo (2009) com sua visão analítica sobre a literatura negra. A análise do *corpus* literário buscará refletir, à luz das teorias pertinentes, sobre a imagem da mulher afro-brasileira expressa através de poemas. Logo, busca-se analisar as questões estéticas presentes nos textos e sua relação com a figura feminina afro-brasileira, um processo de análise que suscita indagações de cunho sociocultural.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea. Autoria feminina. Conceição Evaristo. *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*. Figura feminina afro-brasileira.

ABSTRACT

Conceição Evaristo's literary production is becoming more commented on in academic environments, whether in dissertations, theses, or scientific articles. His works are becoming better known and are recurrent objects of research in the field of Literary Studies. The expansion of the scope of his creations constitutes an advance for the consolidation of the place of existence and speech of works of female authorship in contemporary Brazilian literature. This work uses Poems of Remembrance and other movements as the object of research, in order to analyze the Afro-Brazilian female figure expressed through contemporary Brazilian poetry of female authorship. We intend to establish a dialogue between the aesthetic and social issues that permeate Conceição Evaristo's poetics. In the work in question, the marks of contemporary poetry will be identified. In addition to observing the female image of the black woman that is constituted through the author's poetics. The analysis of poems will focus on reading the procedures of language, metaphorization, rhythm and, in some cases, prosaism; because these resources are intertwined with themes related to memory, engagement and female figuration. Aspects such as: the correlation between Evaristo's work and contemporary poetics will be highlighted; the singularization of the "feminine" in Evaristo; and the approach of aspects of relevance to the understanding of lyricism and memory, in addition to intertextual procedures and the possible dialogue between lyricism and social context. Throughout the work, poems are present that dialogue with prominent themes within the Afro-Brazilian female universe such as oppression, abortion, the social role of women, discrimination, the presence of women in literature, among others. The engagement of the black woman is notable, which puts into debate the oppressions suffered by her class in the most diverse spheres. For the research work, some poems from the collection will be highlighted, which has sixty-six poems. The theoretical approaches that make up the research seek a dialogue between the studies of criticism and literary theory, theories about the textual genre poem, contemporary Brazilian poetry and some conceptions of Cultural Studies. Among the theorists used are: Staiger (1997), with a study on the lyrical genre; Rezende (2014), which brings concepts about contemporary Brazilian poetry; Duarte and Lopes (2020), scholars of the works of C. Evaristo; Álos (2011), with criticism referring to the work of Evaristo; and Bordini (2009), who reflects on Cultural Studies. Regarding the analysis of the image of the black woman in the poems, the studies by Ribeiro (2017), which presents reflections related to the place of speech directed to Afro-Brazilian women, and Evaristo (2009) with their analytical view of black literature, will be used. The analysis of the literary corpus will seek to reflect, in the light of the relevant theories, on the image of Afro-Brazilian women expressed through poems. Therefore, an attempt is made to analyze the aesthetic issues present in the texts and their relationship with the Afro-Brazilian female figure, a process of analysis that raises questions of a socio-cultural nature.

Keywords: Contemporary Brazilian poetry. Female authorship. Conceição Evaristo. Poems of Remembrance and Other Movements. Afro-Brazilian female figure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PERCURSOS DA POESIA BRASILEIRA MODERNO-CONTEMPORÂNEA	14
1.1 Herança Modernista.....	15
1.2 Concretismo e Geração Marginal.....	23
1.3 <i>Violão de rua: poesia social</i>	30
1.4 Literatura Negra.....	39
1.5 Poesia Contemporânea.....	50
2. POESIA CONTEMPORÂNEA AFRO-BRASILEIRA: CONCEIÇÃO EVARISTO ----	58
2.1 Conceição Evaristo.....	58
2.2 Conceição Evaristo e a crítica literária.....	63
2.3 <i>Poemas da recordação e outros movimentos (PROM)</i>	81
3. CONCEIÇÃO EVARISTO: A IMAGEM DA MULHER AFRO-BRASILEIRA -----	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	122

[...] *Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que me molda a dura pena
de minha escrita.
É este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do autorretrato meu.*
(EVARISTO, 2017, p.81).

INTRODUÇÃO

A literatura de autoria feminina vem conquistando seu espaço ao longo das décadas e, assim, passa-se a falar mais dessa literatura, a consumi-la, e é crescente o número de estudos acadêmicos que se dedicam a investigar a produção literária feita por mulheres. A autoria feminina se torna assunto nas discussões acadêmicas sobre literatura, a mulher passa a estar presente no meio científico e literário, e tudo isso à custa de movimentos de luta por direitos como o feminismo, esse abriu espaço para o surgimento dos estudos da crítica feminista. No cenário atual a mulher trilha seu caminho, ainda limitado, mas que já lhe oferece maiores liberdades e oportunidades. E assim, tornam-se conhecidas as mulheres que escrevem, e são percebidas a importância e a qualidade de suas produções. O mundo acadêmico está diante do crescimento do número de pesquisas que têm como enfoque principal a produção literária que é produzida por essa parcela da sociedade, que por tanto tempo foi privada de exercer suas habilidades e de seguir suas aspirações. Diante deste cenário, alguns estudos fazem o recorte de escritos de autoria feminina, desvelando a visão de mundo que se descortina nestes textos, indo além da representação da figura feminina.

Nesse sentido, destacam-se movimentos que buscam a consolidação do espaço da mulher na literatura, como é o caso do “Leia mulheres¹”. De acordo com informações disponíveis na página do movimento, na aba “sobre nós”, sua iniciativa aconteceu em 2015, inspirada na ideia da escritora Joanna Walsh, que propôs em 2014 o “#readwomen2014”; a escritora e ilustradora britânica criou a *hashtag* através da rede social *Twitter*. Walsh iniciou uma campanha virtual para que as pessoas passassem a ler mais livros de autoria feminina². No Brasil “em 2015, Juliana Gomes convidou as amigas Juliana Leuenroth e Michelle Henriques para transformarem a ideia de Joanna Walsh em algo presencial em livrarias e espaços culturais.

¹ O site do movimento “Leia mulheres” pode ser acessado através de: < <https://leiamulheres.com.br/>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

² Informações com base em matéria do site “Modifica”. Disponível em: < <https://www.modifica.com.br/readwomen2014-mulheres-literatura-e-mais-uma-provocacao/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

Um convite a leitura de obras escritas por mulheres, de clássicas a contemporâneas³". O grupo está presente em todos os estados da Federação Brasileira e ainda no exterior (Portugal e Suíça). A ideia das três amigas segue a linha da iniciativa de Walsh, incentivar e proporcionar a difusão dos escritos de autoria feminina no meio social.

Também, o grupo de estudos "A mulher na literatura", formado em 1984⁴, objetiva tornar as produções femininas importante ponto de análises e pesquisas acadêmicas. As pesquisadoras do grupo legitimam o tema e a presença da mulher na literatura. Seus membros são pesquisadoras e professoras de diversas universidades do país. A coordenação é realizada por Fani Miranda Tabak (UFTM), e a vice coordenadora Vania Maria Ferreira Vasconcelos (Unilab).

Ainda na esteira dos movimentos que envolvem literatura e reconhecimento do lugar de fala de gênero ou etnia tem-se o "Letras pretas⁵". Trata-se de um blog, e de acordo com a apresentação disponível na aba "quem somos", está voltado para a análise crítica e divulgação de produções literárias e artísticas de autoria feminina negra. Visando destacar a produção de autoras independentes brasileiras, "O blog LetrasPretas é vinculado ao projeto de extensão homônimo, chancelado junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e ao Proiniciar/Caiac⁶". O idealizador e coordenador do projeto é Henrique Marques Samyn, a iniciativa também conta com a presença de mais três coordenadoras, além de nove pesquisadoras, e três colaboradoras.

Com a presença dos movimentos que incentivam e refletem sobre a literatura e a vertente da autoria feminina observa-se que essa temática passa a destacar-se no cenário social e acadêmico. A partir da abertura para os estudos sobre as obras femininas, também verifica-se a construção do espaço para abordagem das questões da autoria feminina afro-brasileira.

Assim, a discussão sobre autoria feminina torna-se ainda mais problemática ao abordar a questão da autoria feminina negra, pois historicamente a carga de preconceitos, proibições e lutas da mulher negra é maior do que aquela delegada à mulher branca. Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, da autora afro-brasileira Conceição Evaristo. O livro é uma coletânea de poemas, alguns deles já haviam sido publicados

³Trecho retirado do site "Leia mulheres" na aba "sobre nós".

⁴Informações disponíveis em "A mulher na literatura". Disponível em: < <http://anpoll.org.br/gt/a-mulher-na-literatura/>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

⁵"Letras pretas" - informações disponíveis no blog em: < <https://letraspretas.com/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

⁶Retirado do site em "quem somos".

ao longo da participação da autora nas publicações da série “Cadernos negros⁷”. Essa série de publicações voltada para as produções literárias afro-brasileiras foi criada em 1978. “A partir de 1978 a produção literária afro-brasileira dinamizou-se bastante por conta da criação da série Cadernos Negros, que, publicando contos e poemas, tem se tornado o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo⁸”. A série de publicações *Cadernos Negros*, encabeçada pelo movimento “Quilombhoje”, também merece destaque entre os movimentos que unem a literatura e a expressão característica e cultural das/os afrodescendentes e das/os afro-brasileiras/os.

A análise proposta no decorrer deste trabalho buscará investigar poemas que evidenciam a figura feminina afro-brasileira, figura esta que está sugerida em diversos poemas presentes na obra de Evaristo. Para isso serão utilizados estudos e concepções teóricas referentes ao estudo das manifestações literárias femininas afrodescendentes como estudos de Duarte (2009); Evaristo (2009); Ribeiro (2017); e Hooks (2015).

Conceição Evaristo é hoje uma das escritoras mais comentadas no cenário da literatura brasileira. Ela é dona de uma escrita marcada por sua afro-brasilidade, sua manifestação literária resulta na “escrevivência”, que traz consigo a visão de uma mulher negra e sua história de vida em uma sociedade machista e preconceituosa. Diante das interrogações que envolvem o trabalho com o texto literário, acredita-se ser relevante para a pesquisa acadêmica trabalhar com a literatura observando os aspectos sociais e estéticos que compõem uma obra.

A autoria feminina afro-brasileira é o pilar central deste trabalho, e com a popularização das produções feitas por mulheres negras e brancas, se torna ainda mais relevante analisar e debater sobre essa temática. No decorrer desta investigação busca-se observar a expressão da figura feminina afro-brasileira e sua caracterização e construção através dos versos de Conceição Evaristo, para evidenciar como se apresenta e se constitui a mulher afro-brasileira e suas memórias que habitam as produções poéticas da autora.

A organização deste trabalho divide-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo, intitulado “Percurso da poesia brasileira moderno-contemporânea”, através dos tópicos “1.1 Herança modernista”; “1.2 Concretismo e geração marginal”; “1.3 *Violão de rua*: poesia social”; “1.4 Literatura negra” e “1.5 Poesia contemporânea”, apresenta uma linha com o percurso dos principais movimentos literários que contribuíram para a atual configuração da

⁷“Cadernos negros” disponível em:< <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

⁸Trecho retirado do site “Quilombhoje” na aba “Cadernos negros”. Disponível em:< <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

poesia contemporânea brasileira. Inicia-se com a herança deixada pelo movimento modernista e suas inovações e rompimentos literários e artísticos. Em seguida, são apontadas as contribuições e influências que o Concretismo e a Geração marginal fizeram à poesia contemporânea, destacadas algumas presenças poéticas de cada momento literário. Após, resgata-se a expressividade trazida para a poesia brasileira com as expressões advindas da série *Violão de rua*, que carrega alguns pontos de proximidade com a expressão relativa a algumas problemáticas sociais abordadas por Evaristo em seus poemas.

O tópico “Literatura negra” aponta algumas classificações e busca guiar o trabalho com o texto literário de autoria afro-brasileira, a chamada literatura negra, debatendo algumas questões centrais de importância ao abordar tal temática. Além de destacar algumas autoras negras e suas expressões poéticas. O tópico final do primeiro capítulo, “Poesia contemporânea”, apresenta uma introdução sobre as principais ideias críticas relacionadas aos dilemas da poesia contemporânea no Brasil.

O segundo capítulo, “Poesia contemporânea afro-brasileira: Conceição Evaristo”, divide-se de acordo com os seguintes tópicos: “2.1 Conceição Evaristo”; “2.2 Conceição Evaristo e a crítica literária”; “2.3 *Poemas da recordação e outros movimentos* (PROM)”. Este capítulo direciona-se especificamente ao trabalho com a poesia contemporânea de autoria feminina afro-brasileira. O primeiro tópico apresenta a autora e sua biografia. O segundo tópico aborda as principais características e a recepção crítica com relação às obras de Evaristo, além de se direcionar à recepção crítica de *Poemas da recordação e outros movimentos*. O último tópico do segundo capítulo trata das especificações, recepção crítica, e introduz algumas das questões centrais da obra a ser investigada nesse trabalho, dentre elas a construção da imagem feminina afro-brasileira que se apresenta através da escrita da autora e das construções poéticas dos seus versos.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Conceição Evaristo: a imagem da mulher afro-brasileira”, apresenta a análise crítica de alguns poemas escolhidos da obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (são eles: “Eu-mulher”; “Vozes-mulheres”; “A noite não adormece nos olhos das mulheres”; “Fêmea-fênix” e “Do fogo que em mim arde”). Os poemas eleitos para a análise circulam em torno do universo feminino da mulher afro-brasileira e seus desdobramentos. São utilizadas como fundamentais para o processo analítico as ideias de Hooks (2015), Ribeiro (2017), Evaristo (2009) e (2005) e Solidade e Botoso (2020).

1. PERCURSOS DA POESIA BRASILEIRA MODERNO-CONTEMPORÂNEA

*[...] Sou uma sombra sem corpo,
Sou um rosto sem pessoa,
Um vento sem ar soprando,
Sem som, um canto, uma loa. [...]*
CARDOSO, J.1962, p.74-81

*[...] A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos bem sabem,
veio lavrada desde os negreiros.*
EVARISTO, C. 2017, P.17.

A poesia contemporânea apresenta como uma de suas principais características a pluralidade, que está relacionada, principalmente, à gama de temáticas e estilização da linguagem. Na busca pelo entendimento relativo aos dilemas da contemporaneidade, Giorgio Agamben, em “O que é o contemporâneo?”, ressalta que “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p.59). Ao realizar um paralelo entre a concepção de contemporaneidade, ligada a tempo e espaço, e a poesia contemporânea, pode-se afirmar que a última, assim como a contemporaneidade, mantém uma relação com o tempo/espaço.

Agamben define o contemporâneo como “[...] aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo [...] Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p.64). O contemporâneo busca interpretar o seu tempo, o escuro nele contido, e pode ser compreendido como as indagações problemáticas, os dilemas que são enfrentados na contemporaneidade, as diferenças de opiniões, de ideologias, entre outras coisas, que interferem nas relações sociais humanas e conseqüentemente na produção literária.

O “facho de trevas” que o contemporâneo enfrenta pode ser compreendido como as questões sociais, políticas, identitárias, entre tantas outras que se tornam objeto de sua análise ao nos debruçarmos sobre o tempo, a sociedade, na busca por compreensão dos acontecimentos que nos rodeiam. Assim, a discussão sobre contemporaneidade e contemporâneo soma-se à questão da poesia contemporânea, pois esta carrega as marcas de seu tempo desde sua nomenclatura.

Agamben e sua ideia de contemporaneidade conduz a reflexão de que o sujeito contemporâneo participa ativamente de sua formação, mas sem uma ideia clara do que exatamente está sendo circunscrito no tempo atual; o contemporâneo não consegue interpretar com muita precisão o seu próprio tempo, pois faz parte dele, está imerso nele, e por isso vê mais escuridão do que claridade. Ou seja, o tempo presente será melhor compreendido futuramente, quando houver certo distanciamento. A arte de forma geral, e a própria poesia em específico, nos dão algumas pistas, ainda hoje, do nosso espírito de época, ajudando-nos a interpretar aquilo que para nós ainda é obscuro.

Na contemporaneidade o texto poético passa a ter como objeto de inspiração as mais diversas questões, desde as triviais até as mais complexas e elaboradas, todas fruto das expressões contemporâneas. Neste primeiro momento do trabalho, investiga-se a poesia brasileira contemporânea a partir de um panorama que será traçado elencando as principais correntes literárias. Inicialmente, serão discutidas questões relacionadas à produção poética brasileira dos séculos XX e XXI.

Como objeto principal de análise destacamos a poesia da autora contemporânea Conceição Evaristo, o *corpus* a ser utilizado será a obra *Poemas da recordação e outros movimentos*. Evaristo é na atualidade uma das autoras afro-brasileiras mais comentadas e estudadas. Uma mulher negra de origem humilde que conseguiu transpor as barreiras de gênero, classe e etnia. Ela se configura como uma das vozes negras que através do texto literário transmite não só a beleza da criação literária, mas também transmite a força e a luta em busca da afirmação da figura afro-brasileira e do seu lugar de fala.

Mas antes de adentrar na expressão poética de Evaristo, serão resgatados alguns movimentos literários que manifestaram sua importância e de alguma forma influenciaram a poesia contemporânea. A exemplo, o modernismo e a geração marginal. Neste capítulo inicial busca-se uma compreensão sobre o que é de fato a poesia contemporânea. Quais suas principais linhas e características? E para chegar a uma resposta a esse questionamento é necessário ter a compreensão de alguns antecedentes da poesia contemporânea, para que seja feita uma leitura mais contextualizada da poesia de C. Evaristo.

1.1 HERANÇA MODERNISTA

O Modernismo foi um movimento literário que revolucionou a literatura no Brasil. O surgimento das Vanguardas Europeias e dos impulsos advindos do momento de renovação nas artes brasileiras antecedeu a implantação do movimento e teve total ressonância na Semana de

Arte Moderna de 1922. Ivan Junqueira, em “Modernismo: tradição e ruptura”, traça um panorama e explicita como se desenvolveu tal movimento na literatura brasileira. “O movimento modernista de 1922 tinha diante de si uma paisagem de fato desoladora: a do triunfo parnasiano, isto é, o triunfo da fôrma sobre a forma. E isso porque deitara suas raízes nas entrelinhas de um ideário estético inteiramente importado” (JUNQUEIRA, 1993, p.154). Um dos pontos questionados e desconstruídos pelo modernismo foi justamente a “fôrma”, a estética de busca do molde perfeito, que se colocava sob a literatura na lente parnasiana.

O Modernismo com suas inovações e rompimentos com a tradição buscava a emergência de uma literatura brasileira com características próprias. “Essa exploração de uma temática tipicamente brasileira foi, aliás, uma das tônicas do modernismo. Em nenhum momento de sua história, a literatura brasileira se voltou tanto para os temas nacionais” (JUNQUEIRA, 1993, p.157). Esse movimento foi precursor no que diz respeito à ideia de renovação e reinvenção das formas de arte e literatura brasileiras.

O modernismo rompe assim com as máscaras do bom comportamento e de um falso heroísmo sob as quais era sempre apresentado o homem brasileiro. Esse homem surge agora com as suas fraquezas e seus vícios, com toda essa carga humana, demasiado humana, que é a mesma em todas as latitudes do planeta (JUNQUEIRA, 1993, p.158).

As características humanas, as fraquezas e particularidades que rondam e compõem a expressão do que é ser uma/um brasileira/o começam a ser destrinchadas por expressões artísticas do modernismo. O que buscou um caminho para a expressão literária que se aproximasse do povo brasileiro e de fato de suas particularidades se inicia também neste momento. No que diz respeito às características da poesia modernista:

Nesses primeiros momentos de libertação e euforia, a poesia modernista pouco tem de reflexiva, de grave meditação sobre o sentido da vida ou do tempo. Ela é, acima de tudo, descritiva, pitoresca e anedótica, confiando cegamente na impulsão lírica advinda dos próprios objetos ou do simples esboço das situações (JUNQUEIRA, 1993, p.165).

A poesia que se construía a partir do modernismo, como fruto do momento de rompimento com uma tradição anterior, se constituía na representação de questões simples, se debruçava sobre a observação de coisas e situações cotidianas. O ponto de visão e os objetivos

de reflexão do poeta passavam a ser totalmente diferentes do convencional, a poesia não se tratava mais de algo puramente “sublime”, uma "inspiração vinda das musas".

Caminham assim lado a lado, na poesia modernista, o cotidiano e o raro, o trivial e o profundo, o pitoresco e o essencial, o claro e o escuro. O estilo rompe as regras sagradas que séculos e séculos nos legaram, e a gíria, o lugar comum, as expressões da linguagem do dia a dia passam a ser assimiladas como agressões à linguagem tradicional (JUNQUEIRA, 1993, P.166).

É importante salientar que a literatura romântica já havia dado uma forte contribuição para os temas nacionais e a valorização da linguagem brasileira, pois os poetas tenderam ao uso mais coloquial das formas de expressão, inclusive rompendo com as formas fixas. Mas o Modernismo eliminou a carga subjetiva extremada do Romantismo e propôs um nacionalismo mais crítico, com retratação da realidade brasileira, registro dos regionalismos e incorporação da língua falada em alguns escritores, principalmente em Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

A tônica central do movimento modernista foi o rompimento com a estética da tradição e do culto exagerado à forma. Isso na primeira geração do Modernismo; na segunda geração essa liberdade formal esteve lado a lado da recuperação de formas da tradição. Poetas como Jorge de Lima e Vinícius de Moraes reincorporaram, por exemplo, o soneto. O movimento assinalava com precisão o desdém ao culto da linguagem organizada presente na estética parnasiana. A terceira geração do Modernismo teve seu expoente em João Cabral de Melo Neto, que se tornou referência para os contemporâneos pelo racionalismo na composição poética, pela valorização da própria “secura” dos versos e pelo valor metalinguístico da sua obra. O concretismo na poesia surgiu como expressão resultante das influências e resultados trazidos pelo modernismo. Antes de chegarmos de fato à poesia contemporânea, é pertinente revisitarmos alguns desses movimentos e seus representantes que colaboraram para a formação da poesia contemporânea.

Jorge Mateus de Lima (conhecido apenas como Jorge de Lima⁹) foi um importante representante da poesia da segunda geração modernista. O poeta, nascido em União dos Palmares, em Alagoas, no ano de 1893, foi também médico, pintor e tradutor. Lima nasceu na região onde existiu o Quilombo dos Palmares. O autor publicou livros de poemas e romances,

⁹Informações biográficas encontradas no site da “Fundação Joaquim Nabuco”. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=762:jorge-de-lima&catid=45:letra-j>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

sendo sua maior atuação literária na área da poesia. Entre as obras poéticas do autor destaca-se *Poemas Negros*, com primeira edição em 1947, e prefácio de Gilberto Freyre. *Poemas Negros* se sobressai entre suas obras, pois é uma das poucas publicações literárias brasileiras de sua época que tematizam a figura do afro-brasileiro sem fazer caricaturas. Na obra em questão, Lima parece construir um retrato dos povos afro-brasileiros à sua visão. Mesmo não ocupando seu lugar de fala ao retratar a figura do/a negro/a, o autor tenta de forma sensibilizada dar visibilidade às figuras presentes em seus versos.

Dentre os títulos presentes em *Poemas Negros* destacam-se “olá! negro”; “essa negra fulô”; “Maria diamba” e “história”. O sociólogo Gilberto Freyre, no prefácio à primeira edição de *Poemas Negros* (1947), apresenta sua visão e interpretação sobre a obra, e destaca criticamente particularidades da expressão poética de Lima. “[...] Sua poesia afro-nordestina; poesia que não é a de um indivíduo pessoalmente oprimido pela condição de descendente de africano ou de escravo [...]” (FREYRE, 2014, p.6). Jorge de Lima utilizou como figuras em suas construções literárias os/as afro-brasileiros/as, ainda que não fizesse parte desse grupo étnico-

Gilberto Freyre diz ainda que “Experiência brasileira não falta a Jorge de Lima: ele é bem do Nordeste. Não lhe falta o contato com a realidade afro-nordestina” (FREYRE, 2014, p.6). Jorge de Lima também não fazia parte da classe dos menos favorecidos financeiramente, veio de uma família estruturada e teve a oportunidade de ingressar na faculdade de medicina. Contudo, em *Poemas Negros* ele demonstra que de fato olhava com sensibilidade para os sofrimentos dos afro-nordestinos. “[...] Médico de província, cuja miséria observou, cujo sofrimento sentiu com o poder da empatia que o anima com relação à sua gente, do mesmo modo que sentiu suas alegrias, suas esperanças [...]” (FREYRE, 2014, p.7).

A experiência de trabalhar como médico contribuiu para que Lima percebesse de perto as dificuldades, mazelas e dores dos seus conterrâneos, e assim o contato com o povo o sensibilizou e o levou a refletir criticamente sobre as situações que presenciava. “De tudo isso lhe ficou uma base de terra, de natureza e, ao mesmo tempo, de fé no sobrenatural, para defendê-lo da arte literária só de composição de efeitos verbais e estéticos” (FREYRE, 2014, p.7).

Diante das discussões atuais que abrangem os estudos culturais, de gênero e classe, e as particularidades e precauções ao se falar fora do seu “lugar de fala¹⁰”, Jorge de Lima pode, de certo modo, fazer uma literatura que tenta falar pelo outro. É indiscutível que Lima, inserido no

¹⁰ O lugar de fala é aqui citado levando em consideração a concepção e definição do termo apresentada por Djamilia Ribeiro em *O que é lugar de fala?* (2017).

modernismo, caminhou de acordo com a essência do movimento ao trazer para o centro de sua poesia a figura apagada e silenciada do/da negro/a.

Gilberto Freyre ressalta em sua visão as características mais marcantes da produção poética de Lima em *Poemas Negros*

Em Jorge de Lima o verbo fez-se carne neste sentido: no de sua poesia afro-nordestina ser realmente a expressão carnal do Brasil mais adoçado pela influência do africano. Jorge de Lima não nos fala dos seus irmãos, descendentes de escravos, com resguardos profiláticos de poeta arrogantemente branco, erudito, acadêmico, a explorar o pitoresco do assunto com olhos distantes do turista ou curioso. De modo nenhum. Seu verbo se fez carne: carne mestiça (2014, p.9).

Para Alfredo Bosi, em seu ensaio “Jorge de Lima poeta em movimento do “Menino impossível” ao *Livro de sonetos*”, no qual o autor analisa a trajetória literária de Lima, suas influências e principais peculiaridades de escrita,

A primeira impressão que se tem ao percorrer o itinerário poético de Jorge de Lima é de uma extraordinária multiplicidade de temas e formas literárias. Poeta parnasiano na primeira juventude; modernista de cadências regionalistas nordestinas entre o final dos anos 1920 e início dos anos 1930; programadamente poeta religioso, cristão e bíblico, nos anos 1930 e 1940, com originais passagens pela poesia do negro; surrealista *sui generis*, entre barroco e simbolista, nos anos 1950... (2016, p.183; grifo do autor).

Bosi destaca o caráter múltiplo da produção literária de Jorge de Lima, que transitou entre diversos estilos, parnasianismo, modernista regionalista, poeta religioso e simbolista. Aqui, para fins analíticos destaca-se a veia modernista e a poesia do negro que fazem parte das produções do poeta, observando a ligação que se pode estabelecer entre a expressividade da poesia negra de Lima e sua relação com a poesia contemporânea de Evaristo, autora negra engajada. É sabido que as perspectivas apresentadas são diferentes, pois Lima ilustra uma problemática que não viveu na pele, apenas observou e retratou em seus poemas a questão do/a negro/a e sua condição de escravizado/a. Conceição Evaristo ocupa legitimamente seu lugar de fala enquanto mulher negra afro-brasileira, que vivenciou os preconceitos de etnia.

Para Bosi, a poesia em *Cadernos Negros* caminha para “essa profunda sensação de empatia do poeta com figuras de ex-escravos que povoaram os seus verdes anos parece-me ter entrado na gênese da sua poesia religiosa, surreal ou hermética” (2016, p.187).

Para ilustrar as questões apontadas ao discorrer sobre *Poemas Negros* de Jorge de Lima, inserimos, a seguir, o poema “Maria Diamba”:

Para não apanhar mais
falou que sabia fazer bolos:
virou cozinha.
Foi outras coisas para que tinha jeito.
Não falou mais.
Viram que sabia fazer tudo,
até molecas para a Casa-Grande.
Depois falou só,
só diante da ventania
que vinha do Sudão;
falou que queria fugir
dos senhores e das judiarias deste mundo
para o sumidouro.
(LIMA, 2014, p.110).

“Maria Diamba” é um poema curto e não apresenta divisão em estrofes, é composto de uma estrofe única de treze versos. Como marca de poemas do período modernista ele não apresenta rimas expressivas, nem uma configuração métrica, os versos são livres. A partir da leitura é possível perceber que os versos trazem a história de exploração de uma mulher negra, a “Maria Diamba”. No texto não há a presença de um eu-lírico manifesto. E alguns dos verbos em terceira pessoa estão no tempo passado, é o caso de “falou, virou, foi, viram”; essa utilização de tempo verbal transmite a ideia de que os acontecimentos já se passaram, os versos parecem relembrar acontecimentos, como é o caso do segundo verso “falou que sabia fazer bolos”.

Maria Diamba “para não apanhar mais/ falou que sabia fazer bolos:”, essa figura feminina possivelmente escravizada dentro da sociedade brasileira escravista, viu como oportunidade de sofrer menos demonstrar sua capacidade de ser uma boa cozinheira, de fazer bolos. No entanto, ela “virou cozinha”, nestes versos a expressão do eu-lírico mostra que Maria foi objetificada, como era de costume. Já que ela demonstrava destreza na cozinha, era utilizada como um objeto, não era uma empregada comum, era quase um objeto a favor dos desejos de seus “senhores”.

Como apontam Bispo e Job em seu artigo “O eu-lírico em três momentos de Jorge de Lima: Parnasianismo, Modernismo e na temática afro-brasileira”, ao analisarem o poema “Maria Diamba”, “no Brasil do início do século XX, quem mais poderia se transformar em “cozinha”? Isto é, ser coisa, objeto? Apenas o pobre obviamente. Mas quem eram os pobres, na sua grande maioria, em pleno século XX, se não os/as negros/as?” (2014, p.8).

Além do que, os abusos que Maria passava eram de muitas naturezas, como se pode notar no sétimo e oitavo versos: “viram que sabia fazer tudo/ até molecas para a casa grande”. Aqui evidencia-se, possivelmente, o abuso sexual que as mulheres negras sofriam, já que eram tidas como “propriedade” dos brancos poderosos. O poema apresenta um tom narrativo, ao que parece o eu-lírico nos conta a triste história de Maria Diamba, que se assemelha à história de tantas outras Marias. Por fim, Maria acaba louca, não fala, e seu desejo era o de conseguir sumir das garras de seus abusadores: “depois falou só [...] / falou que queria fugir/ dos senhores e das judiarias deste mundo”.

A figura do/da negro/a e seu martírio é exposto em diversos poemas de Evaristo, para correlacionar ao poema “Maria Diamba” de Jorge de Lima e à temática da poesia negra, poesia não só de beleza estética, mas também de engajamento. Tem-se “Inquisição”, do qual retiramos, a seguir, as três primeiras estrofes

Inquisição
Ao poeta que nos nega
 Enquanto a inquisição
 interroga
 a minha existência,
 e nega o negrume
 do meu corpo-letra,
 na semântica
 da minha escrita,
 prossigo.

Assunto não mais
 o assunto
 dessas vagas e dissentidas
 falas.

Prossigo e persigo
 outras falas,
 aquelas ainda úmidas,
 vozes afogadas,
 da viagem negreira. [...]
 (EVARISTO, 2017, p.105).

“Inquisição” chama atenção desde o seu título, levando em consideração o significado da palavra inquisição, que foi o acontecimento histórico (Idade Média) no qual a Igreja Católica julgava e condenava aqueles considerados hereges, feiticeiros, ou que atentavam contra a fé católica. Pode-se comparar a segregação e o preconceito étnico sofrido pela população africana e afrodescendente e praticado, principalmente, pela cultura eurocêntrica (influência europeia), como uma inquisição. Em seguida, a epígrafe que está dentro do próprio poema (“ao poeta que

nos nega) pode levantar algumas interpretações, por exemplo, a intenção de se referir ao espaço de atuação, o seu lugar de fala enquanto poeta.

Como é sabido, a literatura negra e, por consequência, a poesia negra, começou a ter espaço na literatura brasileira faz pouco tempo devido às questões de preconceito e discriminação étnica atreladas à imagem da figura afro-brasileira no país. A epígrafe evoca o lugar de existência do/da poeta negro/a que foi silenciado durante tanto tempo. O poema apresenta cinco estrofes, mas para a ilustração foram escolhidas as três primeiras.

Percebe-se que o eu lírico é manifesto por conta do uso de pronomes em primeira pessoa. Estão presentes na primeira e na terceira estrofe os pronomes possessivos “minha”. A questão central é a resistência e existência da figura expressa pelo eu lírico. A inquisição está atrelada à sua existência enquanto figura e pessoa negra. A escrita de Evaristo, como em outros textos da poeta, mescla os elementos ligados a subjetividade, que trazem a característica lírica ao seu poema, e à abordagem de questões densas, como é o caso da discriminação sofrida pelos/as afro-brasileiros/as.

Na terceira estrofe: “Prossigo e persigo/outras falas, / aquelas ainda úmidas, /vozes afogadas, / da viagem negreira”, o poema ressalta o lugar de fala, a presença e o sofrimento da população afro-brasileira. Essa análise breve e sintética objetiva relacionar a temática abordada com fervor por Conceição Evaristo ao poema antes abordado de Jorge de Lima.

Assim, ao elaborarmos um percurso da poesia brasileira desde o período modernista, torna-se pertinente entendermos as gerações literárias vindas após esse período, talvez até como consequência dele. João Cabral de Melo Neto, em uma série de quatro artigos de crítica literária publicados, discute sobre a poesia da chamada “geração de 45”. O autor e crítico literário afirma que “o fato de constituírem uma geração de extensão de conquistas, muito mais do que uma geração de invenção de caminhos, é o que melhor me parece definir os poetas de 1945” (MELO NETO, 1998, p.74). As palavras de João Cabral de Melo Neto em seu artigo de crítica sobre a geração de poetas dos anos 1945, diz respeito às conquistas do modernismo. E na visão do autor, a geração de 45 realizou importantes conquistas. Ou seja, se manteve linear dentro do campo criado por seus antecessores.

Adiante em seu artigo, João Cabral de Melo Neto argumenta que existiam dificuldades para enquadrar ou mesmo definir a geração de 45, ela era o fruto de tendências e resultado de inspirações e influências que em alguns momentos mantiveram o percurso posto pelo modernismo. “[...] a poesia de 1945 não pode ser definida por meio de uma tendência comum, uma orientação geral de seus poetas” (MELO NETO, 1993, p. 85). De acordo com o autor, a

geração de 45 apresentava uma tendência individualista e marcada pela presença de poetas antecessores da geração com seu direcionamento marcado.

A poesia social ou engajada que surgiu a partir dos anos 60 foi marcada pelo expressivo viés social. No que diz respeito a esse quesito, seu viés a aproxima, na questão de expressão e temática de conteúdo, da poesia contemporânea que Conceição Evaristo faz em *Poemas da recordação e outros movimentos*. Na obra de Evaristo o direcionamento ao debate sobre temas de relevância social é expressivo, serão discutidas com profundidade tais questões nos próximos capítulos. A série *Violão de rua*, que teve o primeiro volume publicado em 1962, é um exemplo da poesia social, o qual será abordado também neste capítulo.

1.2 CONCRETISMO E GERAÇÃO MARGINAL

O concretismo, ou a poesia concreta no Brasil, de acordo com Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira*, surge a partir de 1956. No capítulo “VIII Tendências contemporâneas”, ao discorrer sobre as principais obras e características no movimento concretista na poesia brasileira, Bosi salienta que

[...] não é difícil reconhecer nos poemas concretos o universo referencial que a estrutura propõe comunicar: aspectos da sociedade contemporânea, assentada no regime capitalista e na burocracia, e saturada de objetos mercáveis, de imagens de propaganda, de erotismo e sentimentalismo comerciais, de lugares-comuns díspares que entram a linguagem amenizando-lhe o tônus crítico e criador (BOSI, 1994, p.482).

A caracterização apontada por Bosi correspondente à poesia concreta a aproxima das substâncias presentes nas expressões que a sucederam, por exemplo, a poesia marginal e social. A vida ditada pelos padrões de consumo, a existência vazia preenchida apenas pelas ideologias do mundo moderno são o combustível para as mais diversas expressões artísticas que buscam questionar e dar visibilidade as problemáticas do seu tempo, que não passam de consequências da existência humana dentro da modernidade. A vida moderna, seus subterfúgios, travam a palavra poética tornando-a menos eficaz e atrativa.

A seguir, um poema de um dos grandes nomes da poesia concreta brasileira, Haroldo de Campos, que ilustra a dinâmica e as peculiaridades concretistas apontadas por Bosi:

poesia em tempo de fome
fome em tempo de poesia

poesia em lugar do homem
pronome em lugar do nome

homem em lugar de poesia
nome em lugar do pronome

poesia de dar o nome

nomear é dar o nome

nomeio o nome
nomeio o homem
no meio a fome

nomeio a fome
(CAMPOS *apud* BOSI, 1994, p. 479).

O poema acima não está preso a uma forma métrica de apresentação, pelo contrário, sua forma apresenta diferenciações. As estrofes não são regulares, todos os versos são iniciados com letras minúsculas. E o poema fala de poesia, seria então a expressão de um caráter metapoético, pois o poema enquanto objeto textual aborda a temática da poesia. Obviamente esse é um poema com diversas questões para serem observadas, instantaneamente percebe-se a aliteração das consoantes /p/, /m/, e /n/. Além disso, a poesia, o homem, a fome e o nome são as palavras-chave do poema, que apontam para uma visão de questionamento de cunho social. Existe um dilema que envolve o homem, a criação da poesia, os nomes, a arte de nomear e sua relação com a existência dos objetos, e a fome. A poesia poderia ser um alimento para a fome do homem? “Poesia de dar o nome/ nomear é dar o nome”, a poesia é uma atividade importante, assim como nomear coisas as faz existir; a poesia, ao tratar de algumas questões, também as faz existir e serem questionadas.

Pode-se observar que em alguns pontos específicos a poesia concreta apresentou substâncias que hoje estão presentes na poesia contemporânea, como a forma textual desconstruída. Adiante serão apontadas algumas das principais características e aproximações entre a poesia social e a contemporaneidade. Porém, é necessário salientar que mesmo sendo inovadora e caminhando na esteira do rompimento com o padrão, a poesia concretista também se utiliza de mecanismos formais, pois mantinha certa preocupação com a forma.

Ainda com relação a movimentos de expressão literária e poética que antecederam a poesia contemporânea, destaca-se a chamada poesia marginal. Essa vertente de expressão poética tende a ser compreendida, por alguns estudiosos, de forma superficial, a crítica literária

em grande parte identifica a poesia marginal como um momento inexpressivo e de pouco destaque na poesia brasileira. Luiz Guilherme dos Santos Júnior, em seu artigo “Uma revisão crítica da poesia marginal brasileira”, apresenta um panorama e destaca as principais características e os maiores pontos de incompreensão quando se trata dessa vertente literária no Brasil. Sobre a recepção crítica da poesia marginal logo após seu surgimento ele afirma que

No tocante à recepção crítica da Poesia Marginal da década de 70, podemos afirmar que existe uma problemática central: nota-se que na maioria dos estudos acadêmicos que analisou essa produção, fica a impressão de que poucos deles se aprofundaram teoricamente para entender o fenômeno poético da “marginália”. Além disso, pelo fato da Poesia Marginal apresentar uma produção estética bastante variada, somente alguns aspectos foram analisados pelos estudiosos, deixando certas questões estéticas em segundo plano. (JÚNIOR, 2014, p.218).

A poesia marginal apresenta uma variação expressiva de recursos, porém carrega o estigma de ser apenas uma poesia panfletária. Luiz Guilherme dos Santos Júnior destaca em sua argumentação que a poesia marginal trazia críticas ao regime ditatorial e a escrita bem formada de poetas como Drummond e João Cabral de Melo Neto. Ao tratar da poesia marginal e suas possíveis intenções o autor argumenta que

Assim, pode-se afirmar que os poetas marginais intencionaram reatualizar a técnica oswaldiana da colagem paródica e, ao mesmo tempo, aproximar a poesia do cotidiano, que foi uma das bases primordiais da poesia modernista de 1922. Nessa retomada de “rastros” do modernismo da primeira geração, a geração de 70 provoca uma ruptura com a tradição brasileira, sem, no entanto, negar essa possível “influência” (JÚNIOR, 2014, p. 23).

A geração marginal apresenta suas relações com movimentos e momentos literários anteriores como o modernismo, em sua primeira geração, além de absorver técnicas como, por exemplo, a colagem, muito presente no concretismo. As palavras do autor consolidam as diversas relações que a geração marginal estabeleceu com o modernismo e o concretismo. É importante destacar algumas aproximações que podem ser feitas entre a poesia marginal e a poesia contemporânea de Evaristo, já que a autora, assim como os poetas marginais, atribui à sua poesia um caráter político e social e muitas das vezes seus versos mesclam a liricidade e a denúncia social. No entanto, para a poesia marginal o caráter político não foi bem recebido por parte da crítica. “Essa ligação da poesia marginal com a política libertária acabou colocando

a produção da época muito mais como um grito contra o sistema do que propriamente como o advento de uma nova forma de encarar a criação poética” (JÚNIOR, 2014, p.223). No que diz respeito à expressão e posicionamento do poeta marginal, Júnior (2014) afirma

Nota-se no poeta marginal uma constante vontade de estar em contato com seu público leitor, daí que a linguagem, resultante desta poética, utiliza-se cada vez mais do coloquial e do cotidiano das pessoas. Para aproximar esta poesia de protesto da realidade, alguns poetas utilizam as ruas para estampar e divulgar suas produções. (p. 224).

As características que marcaram a expressão do poeta marginal são o contato com o público leitor, a linguagem simples e a proximidade da poesia com a realidade e o contexto social da época. Além disso, grande parte das produções eram divulgadas nas ruas através do contato e de conversas com o público. Percebe-se que essa poesia apresenta amplamente sua simplicidade na busca de levar ao seu público produções que estejam ao seu alcance. A poesia marginal descaracteriza o fazer poético tradicional, elitizado e inalcançável. “Desse modo, pode-se afirmar que a Poesia Marginal tem como um de seus compromissos decisivos concorrer para a abertura de um espaço de crítica social, a partir dos livros que circulavam nas ruas e da própria vivência dos autores” (JÚNIOR, 2014, p. 224).

Ainda com relação à geração marginal, Craveiro traz contribuições relevantes sobre o movimento em “*Vivendo de hora em hora: sobre a geração mimeógrafo brasileira & nuvem cigana*”. Os poetas marginais também são conhecidos como a geração mimeógrafo; a simplicidade dos versos, além da presença dos temas cotidianos na poesia são algumas de suas marcas. Essa geração também se utilizava do tom paródico em suas criações, como é caso do poema de Cacaso que parodia a famosa “Canção do exílio”, do poeta romântico Gonçalves Dias, a saber:

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.
Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.
(CACASO, 2012, p. 158 *Apud* CRAVEIRO, 2018, p. 132).

Cacaso ou Antônio de Carlos Brito foi poeta e professor universitário, nascido na cidade de São Paulo. O poema é breve, apresenta uma linguagem simples, e além disso, traz como marca principal o tom satírico em relação à visão que se tem do Brasil. O autor nitidamente parodia o famoso poema de Dias. É possível perceber que os versos criticam a situação social do país, “a água já não vira vinho,/ vira direto vinagre”, as coisas não partem para as melhorias, pelo contrário, apenas ficam piores. Apesar de versos simples, o poema explora questões sociais com profundidade; por exemplo, critica as condições sociais de vida da população.

Os poetas marginais divulgavam seus trabalhos de forma próxima ao público, diferentemente do modo tradicional, eles não tinham contratos com grandes editoras, tudo era realizado de forma simples. E como ressalta Craveiro:

As publicações dos poetas alternativos eram editadas, diga-se de passagem, em materiais não-nobres, o que também constituía uma enorme vantagem: era uma poesia de consumo, que chegava aos leitores e à sociedade. Embora editada em materiais precários, o poema marginal chegou a todos e o livro revogou o privilégio da montra de livraria, estando presente em qualquer lugar, graças à venda de mão em mão, cara a cara. (CRAVEIRO, 2018, p. 133).

O modo simplificado de publicação dos poetas marginais seguia os moldes de sua escrita, e ressaltava ainda mais o objetivo dos poetas de serem amplamente divulgados na sociedade brasileira da época e de alcançarem as pessoas mesmo se utilizando de ferramentas simples. O que realmente importava era conseguir atingir seu público e divulgar sua arte.

A geração mimeógrafo alcançou o seu ensejo existencial, uma vez que compreendeu a sociedade consumista e fabril e se colocou ao nível dessa massa, revelando-se uma poesia da cidade feita “aqui” e “agora”, entregue aos ímpetos, despreocupada com a organização frásica e verbal e concededora do cotidiano da urbe. Para além disso, acontece com a geração mimeógrafo a alteração do paradigma do poeta. O poeta é, agora, cidadão, resgatando também a sua imagem de bardo ou rapsodo. (CRAVEIRO, 2018, p. 134).

A geração marginal ou mimeógrafo atestou sua importância dentro do processo de transição pelo qual passou a poesia brasileira até chegar à poesia contemporânea. Essa geração conseguiu compreender o movimento de transição pelo qual a sociedade brasileira passava. A poesia simplificada e ao alcance do público, o trabalho com os temas do cotidiano e a

simplificação da linguagem são algumas das marcas ainda muito presentes em poetas contemporâneos da literatura brasileira.

Um dos nomes femininos que é associado à poesia marginal brasileira é o de Ana Cristina Cesar¹¹, que nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1952, e suicidou-se em 1983, aos trinta e um anos. Ela foi poeta e tradutora. Escreveu poesia e prosa, entre suas obras publicadas está o livro de poemas *A teus pés* (1982).

A autora é um dos principais expoentes da geração mimeógrafo, ou geração marginal. Silva, em seu artigo “Ana Cristina Cesar: entre escritas de si e poesia marginal”, aborda as principais linhas características da escrita de Ana Cristina.

[...] Ana C. constitui-se pouco a pouco como escritora do cotidiano, impressões urbanas, desenvolvendo uma técnica de recorte e colagem que se forma através de fragmentos, formando uma escrita por vezes desconexa, ainda que com forte caráter confessional e reflexivo sobre o próprio fazer literário (SILVA, 2018, p.283).

A escrita de Ana Cristina transita entre a visão sobre trivialidades do cotidiano e a escrita reflexiva e desconexa. Como coloca Silva, a oscilação principal da produção de Cesar acontece entre as reflexões do eu e a poesia cotidiana urbana. “[...] seus textos levaram o rótulo de “poesia marginal”. Utilizando-se do tom coloquial, ainda que em dinâmica própria, a autora mostrava uma formação cosmopolita que era não comum no Brasil [...]” (SILVA, 2018, p. 293; aspas do autor). A produção poética de Ana Cristina leva o rótulo de “poesia marginal”, esse título carrega algumas incompreensões relativas à sua categoria, Silva aponta que:

A poesia marginal é contextualizada por sua produção nos conhecidos “anos de chumbo”, na década de 70, marcados pela ditadura militar no Brasil. Mas sua característica principal trata justamente do termo que carrega, essa “marginalização” presente no nome da categoria, que trata dos escritores que se colocavam à margem do sistema editorial e/ou não conseguiam publicar seus textos em grandes editoras. O tom de contra-cultura ou mesmo de negação da realidade que se aplicava aos poucos ao seu cotidiano denotou, aos escritos resultantes dessas concepções de mundo, o termo “poesia marginal” [...] (2018, p. 303).

¹¹Informações biográficas consultadas no site “Escritas”. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/ana-cristina-cesar>> Acesso em: 17 de agosto de 2019.

A poesia marginal surgiu na época marcada pela opressão da ditadura militar no Brasil, período no qual a arte em suas diversas formas foi censurada. Os/as poetas marginais se encontravam à margem da sociedade, não tinham incentivos político-sociais, se destacavam por sua independência, já que não tinham ligação com grandes editoras para publicação dos seus trabalhos.

A seguir, serão observadas as principais características estéticas de Ana Cristina em uma análise breve do poema “Sumário”, que faz parte da última publicação em vida da autora *A teus pés*.

Sumário

Polly Kellog e o motorista Osmar.
 Dramas rápidos mas intensos.
 Fotogramas do meu coração conceitual.
 De tomara-que-caia azul-marinho.
 Engulo desaforos mas com sinceridade.
 Sonsa com bom-senso.
 Antena da praça.
 Artista da poupança.
 Absolutely blind.
 Tesão do talvez.
 Salta-pocinhas.
 Água na boca.
 Anjo que registra.
 (CESAR, 2016, p. 23).

Katiuce Lopes Justino, em sua tese de Doutorado pela UNESP intitulada “Conversa de senhoras: a performance do feminino em Ana Cristina Cesar”, publicada em 2014, realiza um aprofundado estudo sobre a poesia de Ana C. No segundo capítulo, intitulado “Primeira lição de poesia – A tradição e o talento individual”, no tópico “A arte da conversação”, Justino analisa o poema “Sumário”. A pesquisadora realiza coerentes constatações sobre a poesia de Ana Cristina, ela auxilia na compreensão da dinâmica textual conflitante da poeta, afirmando que

No primeiro verso do poema “Sumário”, “Polly Kellog e o motorista Osmar.”, a sonoridade rebuscada do decassílabo, embora caro à língua portuguesa, vem plena de ruídos da língua inglesa. Da mesma forma, a personagem Polly Kellog, de nome completo e estrangeiro, contrasta com o nome e a colocação profissional do “motorista Osmar”, colocando-os em choque. O ritmo quase “clássico” logo se dissolve, ainda que possamos notar certa regularidade na insistência das tônicas na porção final de cada verso, ratificando sua

sonoridade dual e requisitando uma leitura em paralelismo rítmico (JUSTINO, 2014, p. 80).

O poema, composto de uma única estrofe de treze versos, apresenta uma linguagem recortada e cheia de referências. Como ressalta Justino, a poeta dissolve os limites clássicos e carrega sua composição de sentidos inovadores e contrastantes. A característica referencial e a junção de elementos clássicos aos inovadores é uma tendência da poesia marginal, e forte característica da escrita de Ana C.

O título do poema, elemento ocasional em Ana C., propõe também uma chave de leitura para o próprio poema: “Sumário” pode significar, como substantivo, “resumo”, “suma”, “recapitulação”, “síntese”, “sinopse”. Como adjetivo, “breve”, “resumido”, “rápido”, “sem formalidades”, como em “julgamento sumário”. Note-se que o traço de instantaneidade permanece em todos os sentidos, ligado ao fator “definitivo”, como fotogramas de um olhar sonso, mas crivado pelo bom-senso (JUSTINO, 2014, p. 81).

O título do poema “Sumário” pode remeter à ideia de síntese, de junção de diferentes ideias e sentidos. Em alguns momentos o eu lírico se manifesta, possivelmente trata-se de um eu lírico feminino: “engulo desaforos mas com sinceridade. / Sonsa com bom senso”. O poema, como explicita seu título, parece conjugar as mais diversas ideias e conceitos em torno da figura criada, que é o próprio eu lírico que possui “fotogramas do meu coração conceitual”.

Herdeira direta dessa desintegração e em diálogo com uma vanguarda acostumada a forçar limites estéticos, políticos, culturais e artísticos, Ana C. cria, portanto, uma estética limítrofe, imbuída de muita cultura pop e quase sempre em “apuro técnico”, encarnando a verborragia que se configura muitas vezes como solução na poesia moderna, o que leva a linguagem quase ao limite de sua capacidade de referenciação (JUSTINO, 2014, p. 83).

As influências próximas à poeta, como é o caso da cultura pop, podem ser observadas no poema acima destacado; o jogo com as palavras em outro idioma, as conexões entre eu lírico e poeta marcam a estética diferenciada e singular da poesia moderna e marginal de Ana C. Observar as diferentes expressões poéticas da literatura brasileira, e alguns de seus nomes, que antecedem o momento atual da chamada poesia contemporânea, auxilia na compreensão das influências e da construção de uma imagem e percurso da poesia brasileira.

1.3 VIOLÃO DE RUA: POESIA SOCIAL

A série *Violão de rua*: poemas para a liberdade foi publicada no Brasil em três volumes, a partir da iniciativa do “Centro Popular de Cultura” (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Manuela Brêtas em seu artigo, “Violão de rua: a poesia engajada dos anos 60”, discorre sobre o movimento e as ideias em torno das publicações da série de poemas.

O CPC foi um movimento político que objetivava conscientizar a população brasileira através da arte. A arte *cepecista*, através da sua linguagem fácil e acessível, era divulgada na porta das fábricas e nas ruas. Um dos principais instrumentos desse projeto conscientizador do CPC da UNE foram os *Cadernos do Povo Brasileiro*, onde os principais autores desses cadernos eram intelectuais de esquerda (BRÊTAS, 2006, p.1).

Os poemas publicados em cada volume da série trazem uma seleção de autores que dialogam em torno de temáticas voltadas para questões sociais, principalmente situações fortes vivenciadas durante os anos 60. São exemplos, a exploração do homem do campo, a falta de oportunidades de desenvolvimento humano, as dificuldades sociais agravadas pelo capitalismo e pela modernidade. É sabido que grande parte dos poetas que publicavam em *Violão de rua* eram advindos de famílias de classe média, não sentiam na pele os problemas que ilustravam em seus poemas, mas se sensibilizavam e acreditavam que uma revolução seria feita através do poder da palavra poética difundida, levada até o povo. *Violão de rua* apresenta a tônica da sociedade que clama por mudança, a expressão da inconformidade e a busca pela conquista da voz e do lugar de fala, que se faz através da construção poética. Muitos dos poemas têm tom narrativo e ilustram situações próximas ao cotidiano.

A luta por uma literatura brasileira, que já era presente desde o modernismo, se acentua nas gerações futuras. Os problemas sociais do país e a discussão sobre as mazelas da sociedade aumenta a partir do final dos anos 50, com as visões trazidas pela poesia social ou engajada. Mas vale destacar que esse grupo de autores e artistas que produziam uma arte com tendências reflexivas de conscientização social sofreu diversas críticas, acusada de não ser literatura ou mesmo poesia, já que sua direção era acertadamente a da crítica à sociedade e às condições sócio-políticas do país.

O primeiro volume dos “Cadernos do Povo Brasileiro” – *Violão de rua*, trouxe poemas de Affonso Romano de Sant’anna, Ferreira Gullar, Geir Campos, José Paulo Paes, Moacyr Felix, Paulo Mendes Campos, Reynaldo Jardim e Vinícius de Moraes. A organização de todos os volumes esteve a cargo de Moacyr Felix. No segundo volume, publicado também em 1962, os novos poetas foram Alberto João, Clóvis Moura, Felix de Athayde, Francisco José Dias

Pinto, Heitor Saldanha, Gerir Campos, Homero Homem, Joaquim Cardozo, José Carlos Capinam, Luiz Paiva Castro e Reynaldo Jardim. O terceiro e último volume, publicado em 1963, trouxe os novos nomes: Audálio Alves, Carlos Penna Filho, Cassiano Ricardo, Fernando Mendes Vianna, Fritz Teixeira de Salles, Olímpio Bonald Neto, Oscar Niemeyer, Ruy Guilherme Barata, Solano Trindade, e as duas únicas presenças femininas dentre os três volumes Jacinta Passos e Wania Filizola.

Em nota introdutória escrita no terceiro volume da série *Violão de rua*, o idealizador Moacyr Felix comentou sobre cada volume existente e fez pequenas notas de apresentação de mais três volumes futuros, que totalizariam seis volumes da coleção. Ao que parece essa era a intenção do autor, chegar até o sexto volume publicado. Mas o ano seguinte foi 1964, ano do golpe militar no Brasil, o que provavelmente inviabilizou a continuação da série, já que todos os volumes realizavam duras críticas ao funcionamento do país.

Ao consultar a série de publicações *Violão de rua* é possível perceber a inexpressiva presença feminina. Apenas Jacinta Passos, que participou do terceiro volume da série, e Wania Filizola integraram o grupo de poetas, em sua grande maioria homens. Porém, dado o direcionamento deste trabalho, que busca trabalhar a literatura de autoria feminina como objeto de destaque, Jacinta Passos será a presença feminina de destaque chamada poesia social.

Jacinta Passos¹² era baiana nascida em Cruz das Almas (Bahia), em 1914, pertencente a uma família tradicional da região. Jacinta foi professora de matemática, e quando jovem mantinha uma forte relação com a religiosidade. Começou a escrever poemas em 1920. Em 1939 (Segunda Guerra Mundial), Passos se envolveu com política, e participou de movimentos de luta por direitos civis e filiou-se ao Partido Comunista do Brasil em 1945. Chegou a pleitear o cargo de deputada pelo PCB, mas não foi eleita. Sua biografia em seu site oficial intitulada “Uma vida tumultuada” resume bem a complexidade de acontecimentos que envolveram a vida de Jacinta. Ela chegou a ser diagnosticada com esquizofrenia paranoide, e permaneceu em um sanatório da cidade de Aracaju-SE, onde veio a falecer em 1973.

Jacinta Passos publicou quatro livros de poemas, além disso escreveu textos jornalísticos. Uma de suas obras é *Poemas políticos*, publicado em 1951. Nessa, principalmente, percebe-se o teor militante e social de suas construções poéticas. A pesquisadora Beatriz Azevedo da Silva em sua dissertação de Mestrado pela Universidade Federal da Bahia

¹²Informações biográficas sobre a vida da autora disponíveis em seu site oficial: < <http://jacintapassos.com.br/biografia/>> Acesso em: 18 de agosto de 2020.

intitulada, “Jacinta, passos de uma escritora à margem”, realiza um estudo aprofundado sobre a fortuna crítica da autora baiana.

De acordo com Silva (2014), Jacinta Passos apresentava em suas composições uma inclinação à visão feminista e seus escritos, principalmente *Poemas políticos*, são permeados por ideais políticos de liberdade e luta por direitos. No tópico “4.2 Poemas políticos: as raízes da temática política”, Silva analisa a relação entre a expressão política e a obra de Jacinta Passos.

Outro aspecto reiterado na análise que realizamos da obra de Jacinta Passos é a sua preocupação com o lugar da mulher em praticamente todos os temas a que se propõe a tratar. Em “Poemas políticos” não é diferente, a poetisa evoca os nomes de mulheres comunistas que tiveram uma atuação considerada heroica, como é o caso de Olga Benário (2014, p. 122).

O caráter social da obra em questão de Passos é altamente expressivo, e além disso, o posicionamento da autora enquanto sujeito reflete em suas composições. Para Silva (2014), Jacinta demonstrava não só suas ideologias políticas, mas também sua visão sobre o papel social da mulher e sua importância. Para isso, ela evoca em seus poemas figuras femininas, hoje históricas, dentro da luta de gênero e classe. O poema “Elegia as quatro mortas” cita diversas mulheres de destaque na militância política. A seguir o trecho do poema:

Chegas de manhã, tranquila.
(Não estás morta, morta, amiga,
no chão, desfeita, de um país de brumas?)

De manhã, tranquila.

Quando a luz do dia vem
clareando o céu, as coisas e a lembrança.

Olga, de manhã.

(Não estás morta, morta, amiga, não te levaram num navio sofrendo?)

Tu aqui, tranquila:
Teu vulto claro de alemã, tão nosso,
tão do Brasil teus olhos bem amados,
translúcidos,
e o rosto longo e os cabelos finos.

(Não está morta, morta, amiga
Crime de feras contra flor tão pura?)

De manhã conosco:
aquela mesma luta antiga
e dura,
tão dura às vezes, bem sabes como exige.

Tranquila, conosco:
muita coisa Olga foi mudando
depois daqueles tempos: num campo
de suplícios, tua filha nascendo. Não, não esqueceremos
o Estado Novo, os crimes do fascismo
o teu corpo de bravura resistindo [...]
(PASSOS, 2010, p.150 *Apud* SILVA, 2014, p.122).

De acordo com Silva (2014): “Neste trecho do poema “Elegia das quatro mortas”, em que são citadas quatro mulheres que tiveram representatividade na militância política como Olga Benário, militante comunista alemã [...]” (p.121). O poema em sua versão integral possui quatro cantos, o primeiro traz a imagem de Olga Benário, os demais Zélia Magalhães, Dade e Angelina Gonçalves. Como característica da elegia, a linguagem textual remete a um universo onírico. O eu-lírico parece comunicar-se com a imagem de Olga.

A poetisa utiliza uma linguagem singela e cria uma atmosfera onírica para lembrar esta militante que sofreu duramente as represálias do governo Vargas contra o comunismo no Brasil. Jacinta Passos aborda alguns acontecimentos na vida desta estrangeira que chegou ao país acompanhando Luiz Carlos Prestes, que voltava da Rússia, clandestinamente. Em 1936, a militante alemã é presa e enviada para a Alemanha onde foi julgada e condenada, ainda que estivesse gestante (SILVA, 2014, p. 123).

O eu lírico estabelece um tom de diálogo com a figura de Olga, ele parece lamentar os seus sofrimentos e a afirmar como um símbolo de luta e resistência. Ainda como marcas estéticas da elegia o poema apresenta um tom saudosista e melancólico, é perceptível seu caráter de lamentação.

Agora, alguns poemas selecionados dentre os três volumes de *Violão de rua* que ilustram o trabalho realizado pelos/as autores/as e pela equipe de organização da série. Os poemas abordam as desigualdades sociais, a exploração dos menos favorecidos, e instiga o brasileiro a reverter a situação do país. Diante de todas essas características a série de publicações se encaixa no que ficou conhecido como poesia social. A estética, a forma, ou a tradição não são as questões que ditam a organização dos poemas, mas sim a busca por união e conscientização das camadas populares, proporcionada pelo poder do texto literário. A

literatura em *Violão de rua* se constitui ferramenta para a denúncia e questionamento das diversas mazelas sociais da sociedade brasileira dos anos 60.

Primeiro, o poema do volume 1 de *Violão de rua*: “Baladilha”, de José Paulo Paes:

Baladilha

Morre o boi
Quando chega ao fim
A paciência bovina
De mascar capim,
De puxar o carro,
De servir ao homem
Que o mata e come.

Morre o cão
No meio da rua
Sob a luz da lua
A que tanto uivou.
Guardou fielmente
O celeiro do homem,
Mas morreu de fome.

Morre o pássaro
Dentro da gaiola
Quando é noite e o canto
Já não o consola.
Pela última vez
Canta para o homem
Que, embora livre, dorme.

Envio:

Homem, não sejas
Pássaro nostálgico,
Cão ou boi servil.
Levanta o fuzil
Contra o outro homem
Que te quer escravo
Só depois disso morre.
(PAES, 1962, p. 46-47).

O poema é organizado em quatro estrofes de sete versos. Observa-se, como herança do modernismo, a não preocupação com a métrica marcada os as rimas expressas, embora haja predominância de versos heptassílabos e rimas toantes e consoantes aleatoriamente. As primeiras três estrofes ilustram a situação de animais que tinham suas “funções”, cada um tem a sua e todos chegam a um fim trágico. Cada uma das histórias envolve metáforas e serve de exemplo para o homem. O eu lírico não manifesto evoca o homem para que ele não se deixe

abater e padecer como os outros animais. A mensagem versificada encoraja a luta pela revolução: “Homem, não sejas/ pássaro nostálgico/ cão ou boi servil/ levanta o fuzil”. Também vale destacar a simplicidade no uso da linguagem, o que aproxima o público leitor da obra, conforme desejado.

Tem-se a presença de algumas rimas ao longo do poema na primeira estrofe no segundo e quarto versos (“quando chega ao fim/ [...] de mascar capim”) e na segunda estrofe, versos 2 e 3: “no meio da rua/ sob a luz da lua”. Ainda na segunda estrofe, no quarto e quinto versos: “a que tanto uivou/ guardou fielmente”. Já na terceira estrofe, verso dois e quatro “dentro da gaiola/ [...] já não o consola”. Na quarta e última estrofe: “cão ao boi servil/ levanta o fuzil”. As rimas destacadas estão presente em cada estrofe repetidamente nos versos dois, quatro e cinco. Elas se dividem entre rimas pobres na primeira e segunda estrofes e ricas na segunda, terceira e quarta.

Adiante, do segundo volume da série. O poema destacado é de Alberto João:

O sonho de Maria

Quem sabe de Maria
nos seus quinze anos?

Quem sabe de Maria
que foi menina bonita
que brincou de boneca
e esperou Papai Noel?

Quem sabe de Maria
que tinha os olhos tão verdes
que foi a primeira na escola
e gostava de cantar
cantigas de querer bem?

Quem sabe de Maria
que também sonhou com fadas
e reinos de ouro e prata?
Quem sabe de Maria
que amou seu namorado
que era soldado no exército?

Quem sabe de Maria
que sonhava ser professora mas foi trabalhar na fábrica de sabão?

Meu Deus
quem sabe de Maria
nos seus quinze anos?

Ah!
 ela queria um vestido bonito.
 (JOÃO, 1963, p. 21-22).

“O sonho de Maria” apresenta uma estrutura que conduz a narratividade. A leitura de cada estrofe leva a imaginar a história de uma garota chamada Maria. O eu lírico não é manifesto de forma explícita. Desde os primeiros versos existe a presença de interrogações, e elas se repetem ao longo de todas as demais estrofes, elas giram em torno das vivências de Maria, ela quis, viveu, sentiu? Maria chegou aos 15 anos? Maria brincou de boneca? Maria esperou Papai Noel? Maria realmente teve tais oportunidades? Ela só queria ser uma menina "normal", mas isso não lhe foi possível. A leitura do poema aponta para a ideia de que ela não conseguiu realizar o que sonhava.

O poema de seis estrofes não apresenta regularidade em relação ao número de versos em cada estrofe, a presença de rimas não é expressiva. Rimas podem ser percebidas na quarta estrofe entre os versos dois, cinco e seis. “[...] que também sonhou com fadas/ [...] que amou seu namorado/ que era soldado no exército?”. O primeiro par de rimas é pobre “sonhou/amou”; o segundo também “namorado/soldado”. O texto apresenta também a assonância, como é o caso da segunda estrofe: “**Quem sabe de Maria/ que foi menina bonita/ que brincou de boneca/ e esperou Papai Noel?**”.

Na quinta estrofe um questionamento importante: “Quem sabe de Maria/ que sonhava ser professora mas foi trabalhar na fábrica de sabão?”. Todas as afirmações que o eu lírico faz sobre a vida de Maria estão colocadas como interrogações, e levam o leitor a incerteza, imprecisão sobre o que aconteceu com Maria. “Meu Deus/ quem sabe de Maria /nos seus quinze anos?”. Maria é a imagem de uma garota que pode ter tido um destino ruim, ninguém se importou ou parou para refletir sobre a importância dela enquanto ser humano. Sobre os seus direitos fundamentais que a ela deveriam ter sido assegurados. Ou sobre seus sonhos comuns e ainda assim inalcançáveis.

Enfim, o poema do terceiro e último volume da série, de autoria de Fritz Teixeira Sales,

Menino com fome

No peito da noite grande
 passa um menino com fome.

Bate na minha porta
 bate na tua porta
 bate na pedra da rua.

pedra de tantas faces.

E ao bater vai batendo
em cada porta que bate,
bate a fome desse menino
na pedra de tantas faces.

Em cada porta fechada
em alheia e muda casa
a porta sempre fechada
a porta sempre fechada
- bate o menino com fome,
bate que vai batendo
na pedra de tantas faces.

Bate que vai batendo
na porta de tantas casas,
na casa de tantas portas.

Bate que vai batendo.
Bate que vai batendo
a porta da revolução.
Bate que vai batendo
na pedra de tantas faces.
(SALES, 1963, p. 66-67).

“Menino com fome” é um poema de seis estrofes, presentes as aliterações de /p/, /b/, /t/, /f/ e /m/. A exemplo, na segunda estrofe “Bate na minha porta/bate na tua porta/bate na pedra da rua./pedra de tantas faces”. Ao longo de todo o poema existe a repetição das palavras “pedra, bate, fome, porta”, que enfatizam o tema central do poema, o menino pedinte que passa fome. A repetição dessas consoantes confere cadência aos versos, remetendo à situação dramática pela carga explosiva dessa sonoridade. As estrofes não possuem uma regularidade quanto à quantidade de versos.

A quarta estrofe apresenta rimas entre os versos um, três e quatro: “em cada porta fechada/ [...] a porta sempre fechada/ a porta sempre fechada”, a rima e repetição das palavras nesses versos atribui musicalidade ao poema e leva a ideia de movimento, como se fosse possível imaginar o som das batidas do menino nas portas que estão sempre fechadas.

A desigualdade social se mostra como um tema forte nesse poema, pelas ruas vive um menino com fome, que provavelmente bate na porta das casas pedindo alimento. O eu lírico manifesta-se apenas ao dizer: “bate na minha porta/ bate na tua porta”. Assim, o poema estabelece uma interação com o interlocutor, o menino bate em sua porta, ele bate à nossa porta. Muitas crianças passam fome, e muitas vezes acredita-se que isso é algo inevitável e até normal, nada tem-se a fazer, é apenas consequência do sistema. De forma poética e utilizando metáforas e jogos com as palavras, o poema ilustra a sina de um menino, que pode simbolizar tantos

meninos espalhados pelo país, a bater às portas procurando ajuda. O poema ainda parece utilizar a história do menino e sua fome para ilustrar que tal situação é cíclica, se repete e repete ao longo dos tempos “[...] bate a fome desse menino/ na pedra de tantas faces”. A pedra de tantas faces pode simbolizar o mundo e sua vastidão, o menino em sua sina ao procurar ajuda, perambula por todos os lugares na busca por ajuda. O menino torna-se uma vítima do sistema opressor que não oferece oportunidades baseadas na equidade.

Todos os poemas ilustram aspectos caros à poesia do final dos anos 50 e início dos 60, que foi nomeada de poesia social e debateu com veemência problemáticas importantíssimas do Brasil da época. Produções e temas fortes em 1963, um ano antes do golpe militar momento de dificuldade que o país enfrentou, no qual se passou da conclamação e espírito de luta, para a opressão e silenciamento. Infelizmente, os problemas que inspiraram esses autores em sua época não são algo do passado, em nossos dias ainda podemos enxergar a maioria das questões que foram abordadas por esses poetas há tantos anos atrás. Muitos dos problemas são tristemente atuais.

1.4 LITERATURA NEGRA

Em virtude de o objeto principal de análise deste trabalho tratar de uma obra literária de autoria feminina e afro-brasileira, torna-se indispensável a discussão sobre o que é a literatura negra. Esta vertente literária é principalmente uma literatura de comprometimento e de luta por representatividade e lugar de fala, devido à sua forte carga de estímulo ao debate de questões sociais que comprometeram e comprometem as populações de origem africana. Aqui será abordada a literatura negra afro-brasileira.

Um trio de pesquisadores da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) em seu artigo, “Homemulher: nossos ossos negros de breu/luz”, debatem sobre o que é, quais as principais características e os objetivos da literatura negra. Segundo os autores

A literatura negra tem uma razão de existir que está vinculada a questões objetivas, reais e que, cotidianamente, pautam a sociedade brasileira há muito tempo. No entanto, ela não pode ser confundida com uma literatura menor ou uma subliteratura, oriunda de uma população que se encontra nos subterrâneos da sociedade. Tampouco é uma literatura marginal, posto que ela não está à margem. Ela é central na vida dos muitos sujeitos que a produzem dentro e/ou

fora dos espaços reconhecidos publicamente (FONSECA, FONSECA, DE JESUS, 2018, p.16).

A literatura negra está diretamente ligada à experiência e percepção de mundo dos sujeitos negros. Ela enfrenta algumas dificuldades por conta da discriminação que seus sujeitos autores/as negros/as sofrem, e conseqüentemente, suas produções também sofrem, vistos como inferiores e subalternizados. Esta é uma literatura que nasce do centro das vivências e reflexões dos autores/as negros/as. Intimamente ligada aos sujeitos produtores “a literatura negra é feita de sangue, saliva e suor, a SSS da literatura negra, uma arte de atitude e posicionamento no mundo” [...] (FONSECA, FONSECA, DE JESUS, 2018, p.17). O/a negro/a na sociedade brasileira sabe de suas dificuldades, do peso do preconceito e das dificuldades diversas acarretadas pela herança da escravização de seus descendentes:

[...] a literatura negra não pode ser confundida com uma literatura do negro pura e simplesmente, pois nem todos os que são negros ou negras produzem uma arte literária que tem como foco a contestação, a denúncia da violência, a luta por direitos sociais, políticos e civis para si e para todos os outros, independentemente da cor da pele, da crença, da história que carregam em seus corpos. (FONSECA, FONSECA, DE JESUS, 2018, p. 18).

Ao buscar uma compreensão relativa à literatura negra é preciso entender que não se trata apenas de uma literatura nomeada como negra por ser feita por pessoas negras, mas que suas peculiaridades ultrapassam essa característica inicial. Essa literatura tem como fortes marcas a contestação do lugar de fala e de existência dos sujeitos negros, que por muito tempo foi condicionada a partir de relações de desigualdade e exploração.

Nos dias atuais autores, críticos e figuras representativas dos povos afrodescendentes, no Brasil, os afro-brasileiros vêm alcançando seu espaço de fala e contestação. Muitos/as autores/as negros/as passam a ser conhecidos/as, estudados/as, lidos/as, admirados/as.

Hoje, em pleno século XXI, o mundo editorial brasileiro, por exemplo, aclama autores e autoras como Chinua Achebe (1983), Chimamanda Ngozi Adichie (2011) e Paulina Chiziane (2004), o que representa um grande despertar dessa literatura negra engajada, intelectualizada e de denúncia das atrocidades e repercussões do colonialismo no continente africano. (FONSECA, FONSECA, DE JESUS, 2018, p. 27).

É importante observar que a literatura negra, no que diz respeito a suas características e marcas de composição, apresenta uma visão de coletividade. O sujeito negro não é visto

isoladamente, mas sim como figura unificadora de suas raízes e seus semelhantes. Existe a unificação do sujeito, cor, consciência e destino. A literatura negra refere-se à comunidade negra como um todo.

A literatura negra somente pode ser concebida como uma literatura que traz o eu lírico de maneira coletiva, plural, a ponto de se colocar na condição de ser uma literatura **com o** negro, e não **do** negro nem **sobre o** negro, mas enfaticamente **com o** negro, inseparável de cor, consciência e destino. Posto que, quando ela fala em um “eu”, aborda-se uma comunidade inteira, a parte da humanidade que é vítima do cancro do racismo e que também foi vítima do escravismo [...]. (FONSECA, FONSECA, DE JESUS, 2018, p. 22 grifo das autoras).

Concorrentes às questões apresentadas, Conceição Evaristo discute na apresentação do livro *Questão de pele* sobre a presença da figura do sujeito negro na literatura brasileira:

Se levarmos em consideração a quantidade de obras que compõe a literatura brasileira percebemos que o personagem negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central. E quando essa representação incide sobre a mulher negra, se evidenciam de modo bastante contundente as tensões nem sempre desmascaradas do jogo ambíguo da democracia racial brasileira. (EVARISTO, 2009, p.20).

As ideias de C. Evaristo sobre a presença da figura do/da negro/a na literatura brasileira dialogam com as ideias anteriormente apresentadas neste tópico. É justamente ao observar o cânone da literatura brasileira, as principais obras em prosa, ou poesia, que se percebe o apagamento do sujeito negro e sua história, e a partir disso torna-se importante a discussão e legitimação da literatura negra brasileira. A mulher e o homem negro aparecem em muitas obras literárias brasileiras como figuras caricaturais, são estereotipadas e satirizadas.

Atualmente muitos são os nomes de autoras/es negras/os que passam a ganhar visibilidade dentro da literatura brasileira, um desses nomes é Cristiane Sobral¹³. De acordo com os dados biográficos da autora disponíveis na página mantida pela UFMG, “Literafro: o portal da literatura afro-brasileira”, Cristiane Sobral nasceu no Rio de Janeiro em 1974. Formada em teatro pelo SESC (1989), atuou em peças e curtas metragens. A partir do ano de 2000, Sobral participou da série de publicações *Cadernos Negros*. Em 2010 lançou a sua

¹³Informações biográficas encontradas no site “Literafro” disponível em:<
<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral>> Acesso em: 18 de agosto de 2020.

primeira publicação individual. Ela transita entre a escrita de poemas e narrativas. *Não vou mais lavar os pratos* (2010) é uma de suas obras mais impactantes, trata-se de um livro de poemas.

Em entrevista concedida a três doutorandas da Universidade de Brasília no ano de 2017, Cristiane dialoga com Grazielle Frederico, Lúcia T. Mollo e Paula Q. Dutra, sobre temas ligados à sua expressão literária. As entrevistadoras indagam: “Qual a importância de se dizer autor negro na delimitação desse espaço dentro do campo literário? O rótulo demarca ou aprisiona?” (FREDERICO, MOLLO, DUTRA, 2017, p.254).

Cristiane responde:

Em um país racista, quem não se afirma não existe, o rótulo dá visibilidade. Aliás, não considero a expressão rótulo. A literatura afro-brasileira precisa ser afirmada, porque, na literatura brasileira, as personagens negras e os temas apresentados raramente revelam a subjetividade, a complexidade, os conflitos além dos estereótipos do escravismo. Temos muita história para contar. (SOBRAL, 2017, p.254).

O ponto de vista da autora expressa proximidade com o posicionamento de C. Evaristo. Sobral destaca a importância de afirmar o lugar da presença negra na literatura brasileira, essa que se constituiu durante muito tempo altamente excludente e preconceituosa. Em seguida, a autora é questionada: “Quais elementos na sua produção literária você vincula à sua experiência enquanto mulher negra?” (FREDERICO, MOLLO, DUTRA, 2017, p.255). Esse é um questionamento importante, e pode auxiliar em uma compreensão sobre a literatura feminina negra.

[...] O negro e a negra falam de si, não são apresentados como simulacros do branco. Os personagens são vencedores, em que pesem as derrotas cotidianas e os fracassos humanos. As personagens não representam, elas são. Há uma consciência política, ideológica e estética e uma referência às tradições, à ancestralidade, à contemporaneidade e um protagonismo negro na contação de histórias na prosa e na poesia (SOBRAL, 2017, p. 255).

A literatura negra e por consequência a literatura negra de autoria feminina representa a ideologia, o posicionamento e a conexão com as tradições ancestrais dos sujeitos negros, revestidas dos aspectos estéticos da linguagem. A literatura produzida por mulheres negras apresenta um espaço composto de experiências. Esse composto de experiências promove uma literatura de memórias, seja memória no sentido biográfico, seja memória em escopo mais amplo, de resgate da ancestralidade.

O poema “Aboli”, de Cristiane Sobral, integra sua obra *Não vou mais lavar os pratos*. Transcrevemos o texto logo abaixo:

Aboli.
 Não lavo mais os pratos
 Quero travessas de prata,
 Cozinha de luxo,
 e joias de ouro. Legítimas.
 Está decretada a lei áurea.
 (SOBRAL, 2004, p. 23¹⁴).

Trata-se de um poema curto organizado em apenas uma estrofe de cinco versos, observa-se uma linguagem simples e direta. Não existe uma marcação forte com relação a rimas entre os versos, mas a assonância das vogais /a/ e /o/ está presente no final de todos os versos, com isso o poema expressa musicalidade e fluidez. Nos dois primeiros versos tem-se a aliteração da consoante /p/: “Não vou mais lavar os pratos/ quero travessas de prata”. Além disso, o eu lírico está manifesto através dos verbos em primeira pessoa do singular nos dois primeiros versos “não lavo [...], quero [...]”.

Esse eu lírico imprime em sua fala o movimento de revolta, já não vai mais se permitir ser a serviçal (“não lavo mais os pratos”), agora ele/ela se impõe, se afirma (“quero travessas de prata/ cozinha de luxo/ e joias de ouro”). O uso dos verbos no tempo presente, a exemplo, “está”, remete ao agora, como se o acontecimento e as exigências do eu-lírico estivessem acontecendo simultaneamente à leitura do poema. Além do que, a referência à lei áurea deixa clara a relação do poema com a questão afro-brasileira, possivelmente, o eu lírico é uma figura feminina afro-brasileira.

A escritora, ativista e feminista Jenyffer Nascimento¹⁵ é pernambucana nascida na cidade de Paulista-PE. Ela é uma autora negra engajada com a causa afro-brasileira. *Terra fértil*, publicada em 2014, é sua única obra individual. Trata-se de um livro de poemas. De acordo com o portal “Literafro”, Nascimento também participou da publicação da coletânea *Pretextos de mulheres negras* (2013), a obra reuniu vinte e duas autoras negras.

De acordo com Florentina Souza, em “Mulheres negras escritoras”,

¹⁴ Poema retirado da página “Literafro” disponível em: < <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/932-cristiane-sobral-nao-vou-mais-lavar-os-pratos> > Acesso em: 18 de agosto de 2020.

¹⁵ As informações sobre a vida e obra da autora foram encontradas no portal “Literafro”. Disponível em: < <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1067-jenyffer-nascimento> >. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

A poesia negra contemporânea pode ser lida como resultado da reação histórica de mulheres negras ao epistemicídio, ao silenciamento. Nos contatos com outras mulheres de grupos étnicos diversos, nos embates com os instrumentos da dominação escravista, nos mecanismos de preservação de aspectos religiosos, linguísticos, ou de conhecimentos variados, as mulheres utilizaram cantos e cânticos como arquivos da memória antes mesmo de acessarem a escrita ocidental (2017, p.24).

Sua fala se mostra importante, pois no que diz respeito à produção de literatura advinda de sujeitos negros de fato, historicamente, verifica-se o silenciamento e menosprezo de suas produções. A poesia negra de expressão literária das/dos afro-brasileiras/os é também uma alternativa de preservação de sua cultura nas mais diversas formas e manifestações.

Jenyffer Nascimento, enquanto autora negra, faz parte do grupo de autoras da literatura contemporânea negra que através de sua escrita conserva a memória ancestral e subverte a imagem estereotipada e discriminatória imposta à mulher negra. Seu poema “Carne de mulher”, publicado na obra *Terra fértil*, é um exemplo de algumas das questões apontadas sobre sua escrita. A saber o poema:

Carne de mulher

Nua em frente ao espelho
 Me olho
 Me observo
 Me vejo
 E me sinto mulher.

Nas ruas é bem diferente.
 Mesmo vestida
 Me olham
 Me observam
 Me veem
 Como pedaço de carne.

Quanto vale ou é por quilo?
 Carne de primeira, de segunda
 Carne de mulher?
 Carne de vaca?
 Seria eu uma vaca?

Cadê a mulher que eu era quando saí de casa?

Não! Não aceito! Me recuso!
 Eu não sou a carne mais barata do mercado.
 A carne mais barata do mercado não é a mulher negra!

(NASCIMENTO, 2014, p.54¹⁶)

“Carne de mulher” é um poema forte, questionador, o eu lírico apresenta um tom de revolta. O texto divide-se em cinco estrofes, que não possuem uma padronização com relação ao número de versos. Não há destaque para rimas entre os versos, mas ao longo de todas as estrofes existe a aliteração. Na primeira estrofe (“nua em frente ao espelho/me olho/ me observo/ me vejo/ e me sinto mulher”), existe a aliteração da consoante /m/. E também assonância das vogais /o/ e /e/, o que pode transmitir a ideia de movimento para demarcar a expressão que se refere ao eu lírico feminino. De acordo com os usos vocabulares como em “e me sinto mulher” é possível inferir que se trata de um eu lírico manifesto por conta do pronome pessoal (me). E ainda, o verbo em primeira pessoa do singular (sinto), com o substantivo feminino (mulher), demonstra que o eu lírico é feminino.

A aliteração /m/ é bem marcada na segunda estrofe “[...] mesmo vestida/ me olham/ me observam/ me veem”. O eu lírico pode enxergar-se diferente da imagem imposta e cobrada pela sociedade.

A terceira estrofe marca a ideia de que a mulher negra é vista apenas como carne, desumanizada socialmente, notada apenas como um simples pedaço de carne. Mas o eu lírico se coloca na posição de questionar o modo como a sociedade machista e preconceituosa a vê (“cadê a mulher que eu era quando saí de casa?”), ela reconhece o seu próprio valor, sabe que não é inferior a ninguém, mas a sociedade tenta corromper e depreciar sua imagem enquanto mulher negra.

Na última estrofe tem-se a revolta do eu lírico, ela não tolera ser tratada como carne, objeto de satisfação alheia. Ela é um ser humano, tem direitos e se autoafirma saindo da posição de oprimida e lutando por sua livre e genuína existência (“a carne mais barata do mercado não é a mulher negra”). Sem dúvida esse poema de Nascimento pode ser analisado em sua riqueza de sentidos e muitas são as questões a serem levantadas.

No que diz respeito à produção literária de mulheres negras, Souza (2017) ressalta: “Empoderadas, mulheres negras investem em transformar as imagens que lhes foram impingidas, desejam transformar os modos como são vistas e para isto empreender uma luta, com vistas a fazer intervenções no sistema de representação redutor” (p.34). O que a

¹⁶ O poema destacado foi encontrado no portal “Literafro”. Disponível em:< <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/2-uncategorised/1076-jenyffer-nascimento-carne-de-mulher>> Acesso em: 20 de agosto de 2020.

pesquisadora aborda em sua fala é justamente o que se verifica ao analisar o poema de Jenyffer Nascimento “Carne de mulher”.

Míriam Aparecida Alves, ou apenas Míriam Alves¹⁷, é assistente social e professora nascida na cidade de São Paulo em 1952. Alves é poeta, mas também produz em outros gêneros literários, suas obras de poemas são *Momentos de busca* (1983) e *Estrelas no dedo* (1985). *Mulher mat(r)iz* (2011); e o romance *Bará na trilha do vento* (2015). Alves também participou da série de publicações *Cadernos negros* em 1980. Míriam participa de diversos debates e eventos acadêmicos relativos à produção feminina negra.

Aqui destacado o seu poema “Pedra no caminho”, que versa sobre questões como a opressão de classe.

Pedra no caminho

A pedra quando chega acerta
acerta bem no meio dos meus sonhos
bem nos olhos da esperança
e cega
a pedra quando chega
é fumaça em cachimbos improvisados
é cinco segundos de noia eufórica

fúria em descontrole
A pedra quando chega é demo-crática
acerta brancos negros pobres e ricos

Mas os poderes públicos só se sensibilizam
quando a pedra no cachimbo acerta
a vidraça das coberturas dos jardins
à beira-mar
E ameaça transbordar
somando todas as lágrimas de verdes olhos
aos das piscinas de sonhos
senhoriais.
(ALVES, p. 10¹⁸)

“Pedra no cachimbo” apresenta três estrofes e através de uma linguagem metafórica utiliza a imagem da pedra para abordar uma temática de relevância social. Na primeira estrofe, o eu lírico ao falar da “pedra” parece remeter à destruição e ao caos que as drogas causam na

¹⁷ As informações aqui destacadas sobre a autora são originárias do portal “Literafro”. Disponível em:< <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/348-miriam-alves>> Acesso em 20 de agosto de 2020.

¹⁸ O poema citado foi retirado da página “textos das autoras” no portal “Literafro”. Disponível em:< <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/985-miriam-alves-pedra-no-cachimbo>> Acesso em: 20 de agosto de 2020.

vida das pessoas: “a pedra quando chega acerta/ acerta bem no meio dos meus sonhos/ [...] é fumaça em cachimbos improvisados/ é cinco segundos de nória eufórica”. Comumente, algumas drogas ilícitas são conhecidas como “pedra”.

Na segunda estrofe, o eu lírico parece ainda tratar sobre a pedra elemento nocivo e seus efeitos em meio a sociedade. “A pedra quando chega é demo-crática”: a palavra democrática dá espaço a uma nova composição, a ideia de algo democrático diz respeito à igualdade. Mas a pedra demo-crática é algo diferente, poderia ela então mostrar a faceta ruim devastadora e que atinge a qualquer um, essa que não escolhe ninguém porque pode atingir a todos.

“Mas os poderes públicos só se sensibilizam/ quando a pedra no cachimbo acerta/a vidraça das coberturas dos jardins/à beira-mar [...]”, nos versos iniciais da terceira estrofe a pedra parece obter um novo sentido. “Apedra no cachimbo” é compreendida como a consequência de um “destino” cruel dos menos favorecidos, negros ou brancos, notados pelo poder público apenas quando sua existência interfere de alguma forma na vida dos poderosos. Ou seja, quando essa pedra chega à “vidraça das coberturas dos jardins”.

“E ameaça transbordar/ somando todas as lágrimas de verdes olhos/ aos das piscinas de sonhos/ senhoriais”, nestes versos da última estrofe nitidamente percebe-se a referência à história da escravização das pessoas afrodescendentes. O uso do vocábulo senhoriais dialoga com a história dos “senhores do engenho” do período colonial e escravocrata no Brasil. Os mesmos que hoje não se incomodam com a destruição causada pela “pedra” enquanto ela afeta somente as camadas pobres da sociedade, mas que são solidários a todos os bem favorecidos, esses que muitas das vezes ignoram a discriminação e as lutas de classes enxergam a população pobre como inferiores a eles.

Maria do Rosário Alves Pereira, em “O caminho das palavras: o negro e a mulher na literatura de Miriam Alves”, destaca as principais características dos poemas da autora, argumentando que “Em seus poemas torna-se pungente o caráter de busca de uma escritura vinculada a valores identitários bem como a uma auto-afirmação: é o negro que reconhece sua cultura, enxerga os problemas oriundos do alijamento social, mas ao mesmo tempo vislumbra novas possibilidades” (ALVES, 2020, p. 1).

Mel Duarte¹⁹ é poeta, escritora, produtora cultural e *slammer*²⁰, nascida em São Paulo no ano de 1988, e iniciou seu envolvimento com a literatura no ano de 2006. De acordo com

¹⁹ As informações sobre a autora estão disponíveis em seu site “Mel Duarte Poesia”. Disponível em: <<https://www.melduarte poesia.com.br/>> Acesso em: 26 de agosto de 2020.

²⁰ De acordo com a página do Facebook “Slam BR” o *slam* é um campeonato de poesia falada, ou seja, cada *slammer* é um integrante específico dessa arte performativa que envolve a poesia. Ainda de acordo com a página “SLAM BR é o primeiro poetry slam (campeonato de poesia falada) nacional. Acontece anualmente e é organizado

seu site oficial, “Mel Duarte poesia”, ela também é integrante do “Slam das minas”, batalha de poesias autorais voltada para o gênero feminino. Seus livros publicados são *Fragmentos dispersos* (2013), *Negra nua crua* (2016), que chegou a ser traduzido para o espanhol em 2018, e *Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta* (2019), todos são livros de poemas.

Negra nua crua, lançado em 2016 pela editora “Ijumaa”, assim como outras publicações da literatura negra de autoria feminina, é carregado pela expressão e reivindicação do lugar de fala da mulher afro-brasileira. A mulher negra contemporânea como figura presente na obra de Duarte é empoderada e busca reverter as visões estereotipadas delegadas historicamente à mulher negra. Mel Duarte é uma artista e poeta brasileira que vem se destacando no cenário de consolidação da presença artística da mulher negra. Ela, assim como outras autoras mencionadas, enriquecem a poesia contemporânea de autoria feminina negra no Brasil.

Renata Dorneles Lima, em “Já fizemos muitos minutos de silêncio, agora serão gerações e gerações de barulho: As poesias das mulheres negras das periferias de São Paulo”, cita e analisa o poema “Verdade seja dita”, que integra a obra de Mel Duarte *Negra nua crua* publicada em 2016. Trata-se de um poema forte e denso que coloca em destaque a questão da “cultura do estupro”. Como destaca Lima (2017), “Mel Duarte retoma sua poesia “Verdade seja dita” para colocar em discussão um tema que ficou muito em voga após o fato narrado na favela do Barão: a cultura do estupro” (p. 5611). O fato narrado o qual é contextualizado ao citado poema de Duarte foi o estupro de uma menor de dezesseis anos de idade em 21 de maio de 2016 (Morro do Barão – RJ)²¹. A seguir um trecho do referido poema:

Verdade seja dita:
 Você que não mova sua pica para impor respeito a mim.
 Seu discurso machista, machuca
 E a cada palavra falha
 Corta minhas iguais como navalha
NINGUÉM MERECE SER ESTUPRADA!
 Violada, violentada
 Seja pelo abuso da farda
 Ou por trás de uma muralha.
 Minha vagina não é lixão

pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos/ZAP! SLAM”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/POETRYSLAMBRASIL/>> Acesso em: 26 de agosto de 2020.

²¹Informações sobre o caso podem ser encontradas através de uma pesquisa na internet. O “El País” divulgou uma matéria esclarecendo o caso em junho de 2016 intitulada “O que já se sabe sobre o estupro coletivo no Rio de Janeiro”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/31/politica/1464713923_178190.html> Acesso em 26 de agosto de 2020.

Pra dispensar suas tralhas

Canalha! [...]

(DUARTE, 2016, p. 54-55 *apud* LIMA, 2017, p. 5612).

É visível ao se fazer a leitura da primeira estrofe do poema a questão que salta aos olhos, o uso de determinadas palavras e a abordagem do assunto polêmico: o estupro. Ainda assim, nos doze versos dessa estrofe percebe-se a assonância da vogal /a/, muitas são as palavras que possuem essa vogal, e com isso atribuem uma sonoridade ao poema uma ideia de linearidade e continuação entre os versos. O quarto e o quinto versos apresentam rimas externas (“e cada palavra falha/corta minhas iguais) como navalha”, uma rima rica, pois os vocábulos são de classes gramaticais diferentes.

O sétimo verso também apresenta rima entre as palavras “violada/ violentada”, uma rima pobre, pois as duas palavras são adjetivos. Os três últimos versos dessa estrofe inicial são ligados por conta da rima com o verso único “canalha”. “Seja pelo abuso da farda/ou por trás de uma muralha. / Minha vagina não é lixão/prá dispensar suas tralhas/ canalha!”.

O poema apresenta um eu lírico manifesto, isso pode ser percebido através dos pronomes pessoais e possessivos “mim”, “minha”, “minhas”: “corta minhas iguais como navalha/ [...] minha vagina não é lixão”. Além do que, esse eu lírico é feminino, pois utiliza os pronomes flexionados no gênero feminino, e ao que se sabe a mulher é a possuidora de uma vagina.

Assim, o eu lírico assume a postura de combatente e grita para a sociedade machista e maculadora da mulher “NÍNGUEM MERECE SER ESTUPRADA”. Neste trecho do poema de Duarte não se observa uma demarcação de gênero em relação a etnia, ou seja, aqui a figura da mulher engloba a mulher negra e a mulher branca que sofrem, sofreram ou venham a sofrer esse tipo de abuso. Aqui apresenta-se um recorte de “verdade seja dita”, o poema é longo e pode ser utilizado para refletir profundamente sobre a problemática do estupro de mulheres no Brasil, aqui a breve análise realizada busca ilustrar as diferentes facetas da poesia de autoria feminina negra.

Duarte demonstra estar atenta às demandas das mulheres muito propagadas e discutidas nas redes sociais. A poeta dialoga todo o tempo, em seus textos, com questões atuais no que diz respeito à mulher, à mulher negra, à mulher negra periférica e ao resgate da identidade (LIMA, 2017, p. 5612).

Ainda no que diz respeito à questão étnica no poema de Duarte, Lima (2017) ressalta que “O "Verdade seja dita", por exemplo, não toca na questão social e étnica; é um

enfrentamento por si só, é um discurso feminista que engloba todas as mulheres sem nenhum tipo de distinção” (p. 5612).

Este breve apanhado com apenas alguns dos nomes femininos da literatura negra brasileira demonstra a diversidade de autoras e obras, além de reforçar a existência e a qualidade das obras produzidas pelas mulheres negras.

Diante dos diversos nomes representantes da literatura negra feminina no Brasil, torna-se perceptível e fundamental a importância dessa vertente literária, e para C. Evaristo

O estudo de uma escrita sobre o negro, e/ou do negro, pode nos encaminhar para perceber melhor as lutas empreendidas pelos sujeitos em busca de afirmações de identidades historicamente subjugadas. E no caso específico da sociedade brasileira, em que vigoram a ideia e o discurso celebrativos de uma miscigenação ou mestiçagem como algo constituidor da nação, a literatura aponta e revela a incongruência da fala oficial e do imaginário que nos rege. (EVARISTO, 2009, p. 24).

O estudo e reflexão baseado em obras da literatura negra pode auxiliar na compreensão do sentido das lutas cravadas pela classe. E ainda, a sociedade brasileira do século XXI carrega os mais diversos preconceitos relativos à população afro-brasileira travestidos de normalidades. O sujeito negro tem direito a sua expressão, tem direito à sua autoafirmação e ao seu lugar de fala e independência. As reflexões trazidas pela discussão relativa à literatura negra carregam o apelo social. No tópico a seguir também serão debatidas questões literárias que guardam uma relação com problemáticas sociais.

1.5 POESIA CONTEMPORÂNEA

A poesia contemporânea brasileira se constituiu a partir da influência e dos resultados de movimentos literários como o modernismo, as vanguardas da primeira metade do século XX (Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, etc.) e as vanguardas da segunda metade do século XX (Minimalismo, Abstracionismo, Pop Art, Geração Marginal, etc.). As estéticas resultantes do momento de ruptura e reescritura da estética literária brasileira também podem ser percebidas no que hoje se convencionou como poesia contemporânea. É sabido que as atuais manifestações poéticas pouco guardam da estética tradicional, um poema não precisa obrigatoriamente apresentar rimas, divisão em estrofes, métrica, entre outras características tradicionalistas. Os movimentos anteriores garantiram maior liberdade estética. As definições e entendimentos

críticos para a poesia contemporânea nem sempre são as mais elucidativas, esse terreno ainda está sob análise e aos poucos vem sendo compreendido e desvendado.

Hugo Friedrich, em “Perspectivas da lírica contemporânea: dissonância e anormalidade”, afirma sobre a lírica moderna: “das três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica – sentir, observar, transformar – esta última que domina na poesia moderna e, em verdade, tanto no que diz respeito ao mundo como a língua” (FRIEDRICH, 1991, p.17). Transformar parece ser justamente uma das características mais fortes da poesia moderna e posteriormente contemporânea. Como ressalta o autor, a transformação acontece em sua forma de apresentação, por isso influi no mundo e na língua. Através desse ponto de vista percebe-se as transformações que acontecem na forma, no estilo e na linguagem, da poesia contemporânea.

Pode-se falar de uma dramaticidade agressiva do poeatar moderno. Ela domina na relação entre os temas ou motivos que são mais reais contrapostos do que justapostos, além disso, domina na relação entre esses e um comportamento inquieto de estilo que separa, tanto quanto possível, os sinais do significado. (FRIEDRICH, 1991, p. 17).

A poesia como manifestação moderna une expressões contrapostas, significações diversas e elementos incomuns. Não se torna uma tarefa fácil compreender a estética moderna, em vista de sua irregularidade, e movimento explícito em busca da inovação que surge do rompimento com o estilo tradicional. Talvez o movimento da poética moderna seja o de retratar o caos do mundo moderno e suas fragmentações.

Renato Rezende, em *Poesia brasileira contemporânea: crítica e política*, expõe sua visão crítica com relação aos caminhos que percorre a poesia contemporânea no Brasil. O autor se utiliza de diversos teóricos e teorias para criticar, principalmente, a posição da própria crítica, em relação à nossa poesia contemporânea. Rezende entende a criação poética na atualidade da seguinte maneira: “o poeta, para o bem e para o mal, iguala-se ao artista, e o poema – como objeto de linguagem, mas não obrigatoriamente linguagem verbal – desloca-se dos seus suportes tradicionais” (2014, p.18). A questão salientada diz respeito aos deslocamentos de suportes que o poema passa nos dias atuais. A poesia não é apenas um texto escrito em livros impressos, ela está em páginas de internet, em quadros, camisetas e inúmeros lugares/suportes para o texto poético. Tal deslocamento é uma consequência da época e da tecnologia à qual somos expostos.

Em relação aos sentidos que a obra literária carrega, Rezende diz:

Apenas aqueles muito jovens ou muito ingênuos ignoram que obras de arte, sejam elas literárias ou de qualquer outro gênero, não são entidades universais e autônomas, nascidas do nada, indiferentes às condições históricas que as produzem e aos valores das classes sociais que as canonizam e fruem. (2014, p.21).

Obras literárias, obras de arte, estão carregadas de sentidos intrínsecos ligados ao seu contexto de produção. Não se pode ignorar a ligação da obra com as suas condições de produção. A época, os costumes, as ideologias dominantes irão influenciar as manifestações artísticas, pois o artista produtor também está imerso nesta atmosfera carregada de influências e sentidos. No que diz respeito à transição social que nos conduz à contemporaneidade, Rezende ressalta que

Não é tarefa simples identificar as convenções dominantes do nosso tempo, já que as condições históricas do presente são complexas, e talvez sempre turvas aos olhos de seus contemporâneos. Há algum tempo muito tem se discutido sobre a passagem (ou não) da modernidade para um momento pós-moderno, difícil de ser precisamente definido em termos positivos, mas cujas manifestações nos campos do comportamento, da economia, da política e da estética são inegáveis. (2014, p.23).

As discussões sobre os movimentos vanguardísticos da segunda metade do século até a pós-modernidade se faz presente entre os teóricos e acadêmicos. Os avanços da tecnologia, do setor econômico, e os novos modos e suportes da produção artística nos demonstram que esse período conturbado e complexo da atualidade se constitui como pós-moderno. Ao voltar sua argumentação para os críticos da poesia contemporânea, Rezende afirma que

Há críticos e críticos e, além do mais, não se trata de criar uma falsa oposição entre poetas e críticos; principalmente quando sabemos que – e isso é um fato interessante –, como consequência de um fenômeno que se acelera desde a década de 1980, grande parte dos críticos atuantes hoje nas universidades do país são também poetas. (2014, p.24).

É interessante perceber que boa parte dos críticos de poesia são poetas, além disso, essa crítica é feita dentro das universidades, por poetas que também são educadores. Diante de tal cenário, poderíamos imaginar que a crítica de poesia se tornasse mais sólida, pois é feita por aqueles que são sensíveis ao processo de criação poética. Porém, não é isso que acontece, na visão de Rezende: “A crítica de poesia no Brasil parece ter escolhido, como objeto privilegiado

de estudo, um “núcleo duro” de poetas de altíssimo nível, que se encaixam nos sistemas e esquemas Cândido/Campos, mas que não representam a totalidade da produção contemporânea” (2014, p.27; aspas do autor). O ponto de questionamento se dirige à crítica literária que se apresenta de forma conservadora e excludente, o que colabora para que a poesia continue a ser vista como um gênero complexo, fechado e de difícil acesso.

Se a crítica é incapaz de perceber a potência da poesia brasileira contemporânea; se quase toda essa rica produção está sendo (para usar termo cunhado pela própria tradição da crítica) *sequestrada*; se a crítica de modo geral parece valorizar quase exclusivamente somente aqueles poetas que lidam com a tradição, com o *mainstream*, então é a crítica que deve ser repensada; é a crítica que deve ser questionada em seus valores, métodos e posicionamentos. (REZENDE, 2014, p.28; grifos do autor).

Indiscutivelmente o terreno da poesia passa por muitas problemáticas na atualidade, mas isso não se dá por falta de produção poética, muito pelo contrário. Mesmo dentro do ambiente acadêmico, entre os pesquisadores da Literatura, existem os mais diversos entraves, e as pesquisas voltadas para o gênero poema não se apresentam em grande número. Existe um estigma convencionado por alguns de que o texto poético é mais complexo, mais difícil, ou até ultrapassado em relação à prosa. Ao se apresentar a poesia como um universo fechado e complexo contribui para a manutenção dessa imagem. Na sala-de-aula a poesia é apresentada para o aluno de forma superficial, sem sentido, e o aluno não entende por que está aprendendo esse conteúdo. Ou seja, acaba por ter um contato problemático com o gênero.

Em seu artigo, “Poesia contemporânea: uma aproximação horizontal”, a professora e doutoranda Thays Keylla de Albuquerque apresenta reflexões interessantes sobre os caminhos que a poesia contemporânea brasileira vem percorrendo. Em determinado ponto, ela salienta as diferenças objetivas existentes entre as concepções dos artistas modernista para os contemporâneos, “[...] as pretensões dos artistas do contemporâneo são distintas das desenvolvidas pelos modernistas, o anseio pela “originalidade” e ruptura depois das vivências, sobretudo da primeira metade, do século XX perde sentido na arte contemporânea” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 128; aspas da autora).

A poesia contemporânea não apresenta um projeto comum, os poetas da atualidade não seguem a mesma linha de criação. Hoje se percebe o caráter plural dessa poesia, que aborda os mais diversos temas, segue as mais diversas direções e principalmente não caminha em direção à constituição de um estilo poético único. Devido às suas particularidades a poesia contemporânea enfrenta a recepção de parte da crítica literária.

Ao compreendermos que a poesia contemporânea apresenta um projeto particular, inclusive pela ausência de projeto coletivo ou de linhas demarcadas na constituição da produção poética, podemos chegar a contestar os critérios da crítica em compará-la frequentemente ao cânone modernista – principal referencial da poesia brasileira – e a constante diminuição da “qualidade” da poesia produzida desde então, já que ela, várias vezes é considerada como uma época de transição por não conseguir apresentar a homogeneidade de um grupo de poetas ou um/uma poeta particular em destaque em relação aos demais. (ALBUQUERQUE, 2017, p.128).

Aquilo que produção poética contemporânea apresenta de singular e característico, a falta de unificação, a pluralidade, e a diversidade de vozes, é justamente o que a faz ser, às vezes, incompreendida por parte da crítica tradicional. A poesia contemporânea se assenta como a poética variada, diversificada, talvez até, refletindo a fragmentação e o caos do mundo pós-moderno. Com relação à veia pluralista da poesia contemporânea, a autora afirma

[...] já que há um pluralismo de tendências que indica a ausência de um projeto coletivo de vertentes específicas, além de uma literatura voltada para o subjetivismo, o emocional, as questões político-sociais, utilizando-se de linguagem cotidiana, características que são vistas de forma depreciativa pela crítica tradicional que valoriza o trabalho formal com a linguagem, uma poesia do pensamento (intelectual) e não da emoção, por exemplo. (ALBUQUERQUE, 2017, p.130).

Para Albuquerque (2017) parte da crítica tradicionalista não valoriza o caráter simplificado de uma parcela da poesia contemporânea, sua aproximação com o subjetivismo, às temáticas de relevância social, e a linguagem cotidiana. Mas tais características podem tornar a poesia mais próxima de seu público, mais palpável. E, além disso, o caminho que a produção poética contemporânea vem delineando é o resultado das influências e transições anteriores, que contribui para sua originalidade e expressão própria. E ainda não se pode deixar de observar a importância de todas as renovações trazidas para a sociedade por meio dos avanços tecnológicos, elas também contribuem para a caracterização da poesia atual como um objeto complexo e que de algumas formas reflete o período temporal no qual está inserida.

A cada dia as informações se propagam mais rapidamente; as novidades, nos mais diversos mercados, surgem a todo instante; o consumo, o compartilhamento de informações dita a maior parte das relações sociais. E assim, “O capitalismo tudo tende a transformar em si mesmo, a acovardar e nivelar por baixo, a embeber o mundo com seus princípios: em algo sem substância, sem verdadeira presença, apenas valor de troca” (REZENDE, 2014, p.69). Nesse

cenário a poesia perde espaço, e não é vista como “mercadoria” atraente. A literatura também é afetada fortemente pela propagação dos ideais de vida e consumo baseados nas premissas capitalistas.

O que um dia houve de renovador e estimulante na *literatura*, hoje não está mais lá – e, além do mais, talvez poesia nunca tenha sido mesmo literatura, que, aliás, pode ser excelente, ou ruim, mas será sempre ineficaz, sem risco. Arrisco, portanto, um novo nome ou posicionamento para a arte da ameaça, transformação e potência, ou seja, para a poesia: política (REZENDE, 2014, p.70).

Para Rezende a atmosfera da pós-modernidade e seus efeitos sobre a poesia contemporânea arriscam sua permanência. Mas ao tecer sua crítica pontual relativa ao campo de criação e expressão poética na atualidade, o autor arrisca pensar um novo propósito para a poesia, arte que ele define como de ameaça, transformação e potência: a política.

A poesia contemporânea apresenta como característica forte a metalinguagem, o texto poético torna-se metapoético, pois dentro da própria poesia se aborda o tema da construção poética. Ou seja, tem-se uma poesia que fala do processo de criação e das particularidades do texto em versos. Conceição Evaristo em *PROM (Poemas da recordação e outros movimentos)* constrói em alguns de seus poemas essa atmosfera metapoética, esse é o caso de “Ao escrever”.

Ao escrever a fome
com as palmas das mãos vazias
quando o buraco-estômago
expele famélicos desejos
há neste demente movimento
o sonho-esperança
de alguma migalha alimento.

Ao escrever o frio
com a ponta de meus ossos
e tendo no corpo o tremor
da dor e do desabrigo,
há neste tenso movimento
o calor-esperança
de alguma mísera veste.

Ao escrever a dor,
sozinha,
buscando a ressonância
do outro em mim
há neste constante movimento
a ilusão-esperança
da dupla sonância nossa.

Ao escrever a vida
 no tubo de ensaio da partida
 esmaecida nadando,
 há neste inútil movimento
 a enganosa-esperança
 de laçar o tempo
 e afagar o eterno.
 (EVARISTO, 2017, p.90-91).

“Ao escrever” apresenta quatro estrofes organizadas em sete versos cada. É possível perceber que o poema é metalinguístico, pois trata do próprio movimento de escrita do texto poético. Todas as estrofes são iniciadas com a repetição das palavras do título e a complementação com alguns substantivos que estão interligados por conta de seus sentidos: “Ao escrever...”, os substantivos utilizados são a fome, o frio, a dor, e a vida. Na primeira e na terceira estrofe observa-se a presença de algumas rimas. Na primeira estrofe nos versos cinco e sete também: “há neste demente movimento [...] / de alguma migalha de alimento, assim como na estrofe: “buscando a ressonância [...] / da dupla ressonância”.

O poema também apresenta a assonância das vogais /a/, /o/, /e/ e /i/, em todos os versos tem-se várias palavras que possuem vogais em suas sílabas. O “refrão” colocado no início de cada estrofe juntamente com a assonância atribui ao texto um ritmo, quase uma musicalidade. Ainda, é possível observar que o poema une a questão da criação poética ao tema da miséria e descaso, provavelmente direcionado à condição de vida de pessoas afro-brasileiras.

A primeira estrofe evidencia o processo de criação poética como um movimento que tenta saciar a fome e preencher o vazio sentido pelo indivíduo. Pois o eu lírico “ao escrever a fome/ com as palmas das mãos vazias/ quando o buraco-estômago/ expele famélicos desejos/ há nesse demente movimento/ o sonho-esperança/ de alguma migalha alimento”, ou seja, escrever é a busca de saciar sua fome, mesmo que a fome enquanto necessidade fisiológica não possa ser saciada apenas escrevendo. Mas a fome do poeta o leva a esse movimento de buscar na escrita a sua “migalha alimento”.

Os pesquisadores da UTFP, Remenche e Sippel, em seu artigo “A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira”, realizam um estudo analítico de três poemas de Evaristo. Entre os textos analisados está “ao escrever”.

Conceição Evaristo, ao escrever, é interpelada a assumir uma posição-sujeito que denuncia a situação vivida pela população negra brasileira em condição de miséria. Denuncia não somente porque a observa e a descreve, mas porque, sobretudo, soma-se à condição dessa população e lhe empresta a voz em

diferentes movimentos, com a esperança que esse gesto ecoe e seja sentido pelos seus leitores, certamente pessoas que vivem em condição diferente (REMENCHE, SIPPEL, 2019, p.46).

Conceição Evaristo enquanto autora contemporânea expressa em suas composições a beleza das construções poéticas, e além disso, é dotada de uma escrita altamente engajada com seu gênero e classe. Muitos de seus textos denunciam os sofrimentos de seus antepassados afrodescendentes, e em tempos mais próximos, dos afro-brasileiros. Em “Ao escrever” a poeta segue o seu percurso de criação característico, é possível afirmar que ela consegue agregar em suas criações a estética contemporânea, a beleza do texto poético, e o engajamento social do texto literário. A sua literatura torna-se caracterizada pela presença de tais elementos.

[...] Há nessa escrita um acontecimento discursivo: ao enunciar seus versos no presente, a poeta recupera uma memória social e suas diferentes formações discursivas localizadas na dimensão horizontal dos discursos e as sintagmatiza em posição horizontal, disparando novos efeitos de sentido e de paráfrase e reorganizando o tecido da memória (REMENCHE, SIPPEL, 2019, p. 46).

A liricidade de Evaristo não deixa de fora o seu comprometimento com a causa da/do negra/o. Sua escrita é essencialmente ligada à memória e às tradições e manifestações da cultura afrodescendente, principalmente as cantigas e expressões orais. “Ao escrever” é um poema denso, carregado de sentidos que grita sobre a fome, o frio, a dor e a vida complicada e marcada de um povo sofrido e marginalizado pelas garras do preconceito e da opressão. “[...] Evaristo evidencia que sua escrita é marcada pela alteridade, pois traz uma voz além da sua, a voz do outro, esse outro marginalizado e sem voz que se soma à sua fala e pode, então, ser ouvido (mesmo que tal gesto represente uma ilusão-esperança)”. (REMENCHE, SIPPEL, 2019, p. 46).

A partir da vertente de diálogo com a questão social da discriminação étnica, e da análise da figura feminina afro-brasileira, percebe-se a função política da arte como forte característica presente nos poemas de Conceição Evaristo em *Poemas da recordação e outros movimentos*, tais pontos serão explorados nos próximos capítulos.

2. POESIA CONTEMPORÂNEA AFRO-BRASILEIRA: CONCEIÇÃO EVARISTO

*Os sonhos foram banhados
nas águas das misérias
e derreteram-se todos.*

*Os sonhos foram moldados
a ferro e a fogo
e tomaram a forma do nada.*

*Os sonhos foram e foram. [...]
EVARISTO, C. 2017, p.14*

2.1 CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Conceição Evaristo de Brito²² é poeta, romancista e educadora, nascida em 29 de novembro de 1946 no estado de Minas Gerais. Graduada em Letras pela UFRJ, foi professora da rede pública de ensino do Rio de Janeiro. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, e Doutora em Literatura Comparada pela UFF. C. Evaristo participa ativamente de movimentos de valorização da cultura negra no Brasil, e sua crítica literária busca questionar o lugar e a presença da figura afro-brasileira na literatura brasileira. Ela estreou na Literatura em 1990, ao publicar contos e poemas na série *Cadernos Negros*, uma série de publicações voltada para a divulgação e valorização da literatura de autoria afro-brasileira. Evaristo foi ganhadora, em terceiro lugar, do prêmio Jabuti de Literatura em 2015, com seu livro de contos *Olhos D'água* (2014). Suas obras literárias são: *Ponciá Vicêncio* (2003), que foi traduzido para língua inglesa, *Becos da Memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos D'água* (2014), *Histórias de Leves Enganos e Parenças* (2016), e *Canção para ninar menino grande* (2018). Em suas produções explora a condição dos afro-brasileiros, com destaque para personagens femininas, e para a problematização da existência da mulher negra. Evaristo escreve textos em prosa, a maioria de suas publicações são romances, mas também é autora de contos e poemas.

Conceição Evaristo transita entre a vida de acadêmica, de professora de Literatura, e a produção de obras literárias. Em 1996, publicou sua dissertação de Mestrado *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Em 2008, publicou a obra crítica *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Já no ano de 2011, publicou sua tese de doutorado *Poemas malungos, cânticos irmãos*. Aos 74 anos de idade a autora já pode ser considerada dona de um legado no que diz respeito à literatura de autoria feminina afro-brasileira. As obras de

²² Informações com base nos dados biográficos da autora disponíveis no site “Literafro” em: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> > Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

Evaristo vêm se tornando mais conhecidas a cada dia, a representatividade e a crítica social estão sempre presentes em suas produções. No ano de 2018 candidatou-se a uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL), pretendia ocupar a cadeira número 7, da qual Castro Alves é o patrono. No entanto, a autora não foi eleita perante a votação dos membros da Academia.

C. Evaristo é sem dúvida uma das autoras brasileiras mais populares da atualidade. Recentemente, em 20 de janeiro de 2020, participou de um dos capítulos de uma novela da *Rede Globo*, “Bom sucesso”, exibida às 19h00, pela emissora de televisão aberta. No capítulo com sua participação²³ a autora comparece a noite de autógrafos do livro de uma jovem autora negra, ela era grande admiradora dos trabalhos de Evaristo, e finalmente chega a conhecê-la. O episódio populariza ainda mais a figura de Evaristo, e de certa forma consegue que seu nome se torne ainda mais popular, chegando a pessoas que não estão a par dos acontecimentos literários do país por conta de sua condição de vida sem acesso aos bens culturais. Mas a partir de um capítulo de novela, popular entre as classes menos favorecidas que não possuem acesso à diversidade de bens culturais, passam a conhecer um pouco do trabalho de uma autora engajada.

No site “Literafro”, mantido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), está disponível uma biografia completa e organizada com toda a trajetória de Evaristo, desde a infância humilde até os percursos da vida acadêmica e literária. Além de um grande número de referências críticas de autores que pesquisam a obra da autora. É interessante ressaltar que a página traz uma parte da biografia na qual a própria autora fala de sua vida “Conceição Evaristo por Conceição Evaristo”, vejamos um trecho:

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos

²³ Com informações do site “Afróliterária” disponível em: < <https://afroliteraria.com.br/noticias/conceicao-evaristo-participa-de-novela/> > Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações... (EVARISTO, maio de 2009).

O trecho escolhido ilustra o ambiente e a vida simples preenchida pelo afeto e subjetividade. O relato da autora, sua forma de exposição, talvez por conta da veia literária, torna sua argumentação quase poética, os detalhes, a subjetividade explícita, envolvem o leitor dentro da atmosfera criada pela leitura do relato. Evaristo deixa claro que não teve uma vida fácil, enfrentou diversas dificuldades, não só na esfera econômica, mas também o preconceito racial. Mesmo assim, não se deixou abater pelo sistema opressor e racista. O gosto pela literatura foi despertado cedo, ela ainda era uma garotinha, mesmo com o pouco acesso aos textos literários a literatura se constituiu como sua paixão. Os pequenos fatos da infância descritos com riqueza de detalhes subjetivos demonstram que a época marcou intensamente sua vida.

C. Evaristo sempre deixou claras as raízes e o passado humilde, os preconceitos e enfrentamentos que vivenciou por ser uma mulher negra de origem simples. A autora alcançou grande progresso a partir das pequenas oportunidades que surgiam e ascendeu intelectualmente. Porém, sabe-se que nem todas as pessoas de classe baixa, mulheres ou homens negros/as têm as mesmas oportunidades de crescimento. A desigualdade social no Brasil ainda é a regra. O professor Eduardo de Assis Duarte é um dos nomes do cenário acadêmico brasileiro que pesquisa a vida e obra da escritora mineira Conceição Evaristo. Ele comenta fatos biográficos importantes para trajetória da autora:

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, formou-se nas escolas públicas da capital mineira. Mudou-se na década de 70 para o Rio de Janeiro onde passou em concurso público para o exercício do magistério e ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Letras. Em 1996, defendeu a dissertação de mestrado: *Literatura Negra: uma poética da nossa afro brasilidade*, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No doutoramento, pela Universidade Federal Fluminense, escolhe a literatura comparada, trabalhando a produção de autores africanos de língua portuguesa em confronto com a literatura afro-brasileira. (DUARTE, 2007, p. 25 *Apud* MENDES, 2009, p. 114).

Evaristo frequentou as escolas públicas do seu estado, Minas Gerais, mas ao mudar-se para o Rio de Janeiro e passar em um concurso público para atuar no magistério municipal inicia sua caminhada na educação pública como educadora. Em seguida, ingressou no curso de

Letras, terminou o curso, iniciou o mestrado e chegou ao doutorado. Paralelamente a vida de educadora e acadêmica ela também escrevia contos e poemas, inicialmente publicados nos anos 1990. A mudança de local de moradia aconteceu em virtude da situação da localidade na qual a escritora ainda muito jovem morava com a família, como descreve Duarte:

Conceição Evaristo nasceu em 1946, numa favela situada no alto da Avenida Afonso Pena, uma das áreas mais valorizadas da Zona Sul de Belo Horizonte. Com o tempo, barracos e moradores foram sendo removidos, a avenida ganhou um prolongamento, novos prédios se ergueram e os becos e as vielas da infância tiveram que se alojar na memória afetiva da futura escritora. (DUARTE, 2007, P.22 *Apud* MENDES, 2009, p. 119).

As lembranças dos tempos de infância, as vivências com a mãe, as tias, os tios, são muito fortes para a escritora. Em muitos poemas da obra, *Poemas da recordação e outros movimentos*, existem rememorações dos eus líricos que se confrontadas com fatos biográficos de sua vida podem guardar uma relação com a realidade. Esse é o caso dos poemas “Negro-estrela” e “Tantas são as estrelas”, o primeiro é dedicado ao seu falecido companheiro Osvaldo, e o segundo a sua tia Lia, também já falecida. “Menina” e “Bendito o sangue de nosso ventre” são dedicados à sua filha Ainá. A partir das dedicatórias carregadas de subjetividade percebe-se uma relação muito próxima entre a atmosfera de criação do texto poético com fatos e vivências de sua realidade que inspiraram sua expressão.

No artigo “Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo”, a autora é entrevistada, e expressa de maneira objetiva e simples a sua visão sobre a importância da literatura e do feminismo negro. Ao ser perguntada sobre a importância dos/as escritores/as negros/as se denominarem contadores de histórias ela responde:

Então, eu acho que você posicionar o seu texto literário ou posicionar a sua criação literária ou a sua estética literária dentro das culturas africanas, ou dentro de uma herança africana, é interessante, porque geralmente a literatura busca influências europeias para poder falar de determinados escritores. [...] Assim, acho que se afirmar como contadora de história é interessante, porque você se filia a uma influência e a uma tradição das culturas africanas. (EVARISTO, 2018, p.3 *Apud* DE JESUS, CASSILHAS, SANTOS, 2018, p.3).

Evaristo em sua fala ressalta a importância do seu lugar de fala enquanto mulher afro-brasileira, destaca a relevância do trabalho com a experiência e a herança deixadas por seus ancestrais africanos, e é a partir desse movimento que a literatura se desloca do centro

“universal” masculino, branco e europeu. C. Evaristo se posiciona como uma autora engajada na luta dos afro-brasileiros e, principalmente, na luta das mulheres negras. Durante a entrevista ao ser perguntada sobre a importância do feminismo negro ela responde:

[...] se a gente for pensar o feminismo das mulheres negras não nasce de uma teoria. Ele nasce de uma prática. Quando as mulheres brancas, de classe média, assumem essa luta feminista, elas assumem através de uma teoria, de um questionamento que a gente nem fez e nem podia fazer. A nossa atuação se dava na rua, no trabalho, na prática (EVARISTO, 2018, p.5 *Apud* DE JESUS, CASSILHAS, SANTOS, 2018, p.5).

A autora e militante do feminismo negro esclarece uma das principais diferenças para compreendermos as distinções entre o feminismo branco e o feminismo negro. Essa visão atravessa a ótica da interseccionalidade, pois não se pode falar apenas de feminismo sem observar as questões e agravantes que rodeiam seus sujeitos ativos as mulheres. E ao tratar do conceito de interseccionalidade no feminismo percebe-se que as mulheres negras estão comprometidas e afetadas de forma diferente em relação às mulheres brancas. Como a própria Evaristo aponta, o feminismo negro nasce da prática, esse era seu terreno. No que diz respeito ao conceito de interseccionalidade, Avtar Brah & Ann Phoenix, em seu artigo “Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade”, debatem sobre tal conceito, no qual diversos tipos de opressão são englobados e articulam as questões de gênero, etnia e classe. As pesquisadoras entendem esse conceito da seguinte maneira:

Nós concebemos a ‘interseccionalidade’ como um conceito que denota os efeitos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis que advém quando os eixos de diferenciação múltiplos – econômico, político, cultural, físico, subjetivo e experiencial – se interseccionam em contextos historicamente específicos. O conceito ressalta que as diferentes dimensões da vida social não podem ser separadas em vertentes discretas e puras (BRAH & PHOENIX, 2017, p. 662-663).

A interseccionalidade é uma visão pautada nos efeitos da diferença, as implicações contextuais e sociais, que influenciam a análise do sujeito feminino. Os eixos econômico, subjetivo e político, dentre outros, funcionam como agravantes a constituição de uma identidade. Na entrevista de Evaristo a visão, a experiencição, as percepções ligadas a uma ideia de coletivo e a constituição de sua identidade são abordadas, além de muitos dos temas

levantados por meio da entrevista estarem presentes em muitos dos poemas de sua coletânea de poemas.

A única obra de poemas publicada por Conceição até o momento é *Poemas da recordação e outros movimentos*, sua primeira edição foi publicada em 2008. Em 2017, surgiu a nova edição reeditada pela editora “Malê”, apresentando sessenta e cinco poemas, vinte e um a mais que a primeira edição. Grande parte da produção de Evaristo, e também sua criação literária, realiza um diálogo com diversas questões da contemporaneidade, mas, principalmente, rememora questões históricas. A obra específica aqui destacada ainda é pouco trabalhada, as pesquisas críticas costumam deter-se em seus romances ou contos. Ao longo do livro, encontramos poemas que dialogam com temas importantes dentro do universo afro-brasileiro, com destaque para questões que envolvem a mulher negra, e também a opressão, aborto, papel social da mulher, discriminação, presença da mulher na literatura, entre outros. Para fins analíticos será feito um recorte do livro. A análise irá deter-se numa seleção de poemas que apontam para as figuras femininas e temas relativos. São eles: “Eu-mulher”; “Vozes-mulheres”; “A noite não adormece nos olhos das mulheres”; “Fêmea-fênix”; “Bendito o sangue de nosso ventre”; e “Do fogo que em mim arde”.

2.2 CONCEIÇÃO EVARISTO E A CRÍTICA LITERÁRIA

Neste tópico será apresentada uma tabela que ilustra a pesquisa e levantamento realizado a fim de conhecer e contabilizar o total de dissertações de mestrado publicadas no Brasil, nos últimos anos, das mais diversas áreas de conhecimento, que fazem uso das obras literárias de autoria de Conceição Evaristo. Abaixo está a tabela com as informações referentes ao autor; ano; área de concentração; instituição; título do trabalho; e obra utilizada.

Dissertações de mestrado sobre obras de Conceição Evaristo²⁴

²⁴ Levantamento realizado nos seguintes sites de busca: “Catálogo de Teses e Dissertações da Capes” e “Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações”. Disponíveis em: <[http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/) e <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=%3A*Concei%C3%A7%C3%A3o+Evaristo&type=Title&filter%5B%5D=format%3A%22masterThesis%22&limit=20&sort=relevance> Acesso em: 18 de outubro de 2019.

Autor(a)	Título da dissertação	Instituição/ano	Obras utilizadas	Área
Aline Alves Arruda	“Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo: um um Bildungsroman feminino e negro”	UFMG/2007	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Dejair Dionísio	“Literatura afro em construção: a perspectiva da ancestralidade bantu em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo”	UEL/2010	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Maria A. C. de Oliveira	“A infância nos romances afro-brasileiros de Conceição Evaristo”	UNB/2015	<i>Becos da Memória e Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Ana X. G. de Oliveira	“Fêmea-matriz: a maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo”	UFP/2015	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Henrique F. de Melo	“Narrar e narrar-se, criar e criar-se: a escrevivência de Conceição Evaristo como emancipação do corpo negro”	UEL/2016	<i>Olhos d’ água e Insubmissas lágrimas de mulheres</i>	Letras
Elisângela Gomes	“Falas insubmissas: memória e comunicação na obra da escritora Conceição Evaristo”	UFG/2019	<i>Becos da memória</i>	Letras
Alessandra Saramin	“Olhos d’ água de Conceição Evaristo: a voz da mulher negra na corda bamba da tradução”	UFES/2019	<i>Olhos d’ água</i>	Letras

Elisângela O. Gomes	“A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro”	UFJF/2017	Poemas	Letras
Patrícia Ribeiro	“Vozes-mulheres entre lâminas e cetins: diálogo entre as poéticas de Conceição Evaristo e Dionne Brand”	UFJF/2012	Poemas	Letras
Margarete Aparecida de Oliveira	“Narrativas de favela e identidades negras: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo”	UFMG/2015	<i>Becos da memória</i>	Letras
Emilene Corrêa Souza	“A questão da memória identitária afro-brasileira na poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo”	UFRGS/2014	<u><i>Poemas da recordação e outros movimentos</i></u>	Letras
Adriana Soares de Souza	“Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo”	UFSC/2011	<i>Ponciá Vicêncio e Becos da memória</i>	Letras
Cátia Cristina B. Maringolo	“Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memória”	UNESP/2014	<i>Ponciá Vicêncio e Becos da memória</i>	Letras
Renata Jesus da Costa	“Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane”	PUC/2008	<i>Ponciá Vivêncio</i>	História

Simone Teodoro Sobrinho	“A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de "Insubmissas lágrimas de mulheres", de Conceição Evaristo”	UFMG/2015	<i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i>	Letras
Amanda Crispin Ferreira	“Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães”	UFMG/2013	Prosa e Poesia	Letras
Stefane Soares Pereira	“Sei que o mistério subsiste além das águas” e “Vagos desejos insinuam esperanças” – navegar entre Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo e A Mercy, de Toni Morrison é preciso”	UFJF/2012	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Rafaela Kelsen Dias	“Igual a todas, diferente de todas: a re-criação da categoria “mulher” em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo”	UFSJ/2015	<i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i>	Letras
Adriana de C. Morreira	“Africanidade: morte e ancestralidade em Ponciá Vicêncio e Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”	USP/2010	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Luciana de O. Rodrigues	“Conceição Evaristo: um salto sobre o abismo”	CES-JF/2010	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras

Marlei Castro Tondo	“A violência contra as personagens femininas nos contos de Olhos D’água da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo”	UTFPR/2016	<i>Olhos d’água</i>	Letras
Cláudia M. S. de Oliveira	“História para incomodar os da casa grande em seus sonhos injustos: menores em situação de risco em contos de Conceição Evaristo”	URI/2017	<i>Olhos d’água</i>	Letras
Gildete Paulo Rocha	“Literatura e afro descendência: a “escrevivência de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio”	UESC/2013	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Sarah Silva Froz	“Costurando as lembranças nos (b)ecos da memória de Conceição Evaristo: vidas entrecruzadas”	UEMA/2018	<i>Becos da memória</i>	Letras
Janice Souza Cerqueira	“Da literatura afro-brasileira à poesia afro feminina de Conceição Evaristo”	UEFS/2017	<u>Poemas</u>	Letras
Natália R. R. Serpa	“Cartografia e memória: a percepção dos lugares e de identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da Memória, de Conceição Evaristo”	FUESPI/2014	<i>Ponciá Vicêncio e Becos da memória</i>	Letras
Rosania Alves Magalhães	“A escrita feminina Afrodescendente na obra de Conceição Evaristo”	UFU/2014	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras

Manoela Dos S. Barbosa	“Representações de violência contra mulheres negras em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo”	UNEB/2016	<i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i>	Crítica Cultural
Gilmara S. Subutzki	“Favelas e vilas: um diálogo sobre os espaços urbanos marginais”	UFSC/2016	<i>Becos da memória</i>	Letras
João M. S. Campelo	“As vidas suscetíveis em contos de Olhos d’Água, de Conceição Evaristo”	UFPB/2018	<i>Olhos d’água</i>	Letras
Elisângela de L. Costa	“Becos da memória e da identidade em Conceição Evaristo”	PUC-MG/2014	<i>Becos da memória</i>	Letras
Sandra A. dos Santos	“A ancestralidade negro-brasileira na literatura de Conceição Evaristo: notas sobre Ponciá Vivêncio e Becos da Memória”	UNEB/2018	<i>Ponciá Vivêncio e Becos da memória</i>	Letras
Jane Cristina Cruz	“Uma análise do papel da narradora em Becos da Memória, de Conceição Evaristo”	PUC-MG/2016	<i>Becos da memória</i>	Letras
Mara B. de Atayde	“Mito, arquétipos e estereótipos em Ponciá Vivêncio de Conceição Evaristo”	UNIANDRADE/ 2015	<i>Ponciá Vivêncio</i>	Letras
Elen K. S. da Silva	“Errância e reescrita da identidade negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo”	UERN/2016	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras

Rosangela A. C. da Cruz	“Gênero e educação nas escrivências de Conceição Evaristo: um olhar sobre Ponciá Vivêncio e Becos da Memória”	UFMT/2016	<i>Ponciá Vivêncio e Becos da Memória</i>	Educação
Marluce Freitas de Santana	“Deslocamentos patriarcais pelo feminismo de Conceição Evaristo Alagoinhas – BA Junho/”	UNEB/2016	<i>Ponciá Vivêncio</i>	Crítica cultural
Andressa Marques da Silva	“Por uma promessa de vida mais viva: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo”	UNB/2013	<i>Ponciá Vivêncio e Becos da memória</i>	Letras
Cristiane R. A. da Silva	“Violência contra a mulher negra: Uma leitura de Insubmissas lágrimas de mulheres”	UNIMONTES/2017	<i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i>	Letras
Flávia Santos de Araújo	“Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vivêncio, de Conceição Evaristo”	UFPB/2007	<i>Ponciá Vivêncio</i>	Letras
Renata L. L. Severiano	“Violência, trauma e empoderamento representados nas Insubmissas Lágrimas de Mulheres, obra ficcional de Conceição Evaristo”	UERN/2018	<i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i>	Letras
Bruna C. dos Santos	“Percurso da memória em poemas de Ana Cruz e Conceição Evaristo”	PUC-MG/2017	<i><u>Poemas da recordação e outros movimentos</u></i>	Letras

Ângela de Fátima Langa	“A favela que não acabou: memória e espaço em Becos da Memória, de Conceição Evaristo”	URI/2015	<i>Becos da memória</i>	Letras
José Flávio da Paz	“Realidade e ficção em tempos de violência: textos, contextos e intertextos em contos contemporâneos”	UNIMAR/2015	<i>Olhos d'água</i>	Letras
Simone Conceição de Souza	“Imagens do negro nas obras A cor da Ternura, de Geni Guimarães e Ponciá Vivêncio. De Conceição Evaristo: A reafirmação da identidade e da cultura afro-brasileiras”	UEFS/2018	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras
Bárbara Araújo Machado	"Recordar é preciso": Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008)”	UFF/2014	<i>Becos da memória, Ponciá Vicêncio e Poemas da recordação e outros movimentos</i>	História
Simone Teodoro Sobrinho	“A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de "Insubmissas lágrimas de mulheres", de Conceição Evaristo”	UFMG/2015	<i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i>	Letras
Paraguassu de Fátima Rocha	“A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vicêncio de C. Evaristo”.	UNIANDRADE/2008	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Letras

*Total: 48 dissertações de mestrado catalogadas.

**Pesquisa e elaboração própria.

De acordo com a interpretação dos dados expostos na tabela, as publicações de dissertações de mestrado que utilizam as obras de C. Evaristo como *corpus* surgem a partir do ano de 2007. As últimas publicações datam do ano de 2019. A área principal em que se concentram os estudos acadêmicos sobre suas obras é a área de Letras, no entanto, existem dois trabalhos de história, um de educação, e dois de crítica cultural. Do total de quarenta e oito trabalhos, apenas cinco não são da área de letras. Há, ainda, teses de doutorado publicadas, e um grande número de artigos científicos que trazem estudos sobre suas obras.

No que diz respeito às obras mais utilizadas, alguns trabalhos se dedicam a apenas uma obra específica, outros fazem um comparativo entre duas obras da autora. *Ponciá Vicêncio* (romance) é a obra mais utilizadas dentre todas as outras, romances, contos, poemas. A segunda mais utilizada é *Becos da memória* (romance), a terceira é *Olhos d'água* (contos), e a quarta é *Insubmissas lágrimas de mulheres* (contos). Dentre todos os trabalhos encontrados, apenas dois trabalham exclusivamente a obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (poemas). PROM (Poemas da Recordação e Outros Movimentos) ainda é uma das obras menos trabalhadas da autora. Esse fato constituiu uma das motivações deste trabalho, partindo da ideia de trabalhar com um objeto textual ainda pouco explorado, que precisa ser mais conhecido e analisado.

Conceição Evaristo é um dos nomes mais comentados no cenário da literatura atual, principalmente no cenário da crítica literária brasileira. O professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte, em seu artigo de crítica ao lado de Elisângela Lopes, “Conceição Evaristo: literatura e identidade”, demonstra seu posicionamento crítico em relação à obra da autora mineira:

Conceição Evaristo vem trazendo a público, desde o início dos anos 90, uma literatura que transita do poema para o conto e deste para o romance. Sua produção poética é marcada por certa diversidade temática. De início, destaca-se a presença de uma voz feminina que promove a denúncia e a reflexão, exalta a memória – afetiva ou étnica –, como instrumento capaz de constatar fatos pessoais ou históricosociais, e canta a religiosidade híbrida brasileira, tudo isto no intuito de inscrever textualmente a realidade social e cultural dos afrodescendentes. (DUARTE E LOPES, 2020).

A produção literária de Conceição Evaristo pode ser interpretada como portadora de um caráter multifacetado devido ao trabalho com a diversificação temática apresentada em sua

escrita. Ela transita entre os diversos gêneros, escreve contos, poemas, romances. Como Duarte e Lopes destacam, existe um aspecto muito forte nas obras da autora, que é a voz da figura feminina. Essa figura está sempre atrelada ao movimento de denúncia e reflexão. Além disso, ao nos debruçarmos sobre as obras de Evaristo, aqui considerando, principalmente, *Poemas da recordação e outros movimentos*, se pode observar justamente o que os autores destacam em sua posição crítica. As obras da autora também são híbridas com relação ao trato com os temas ligados à cultura brasileira e também à cultura africana, já que autora é afro-brasileira; ela realiza um movimento de união entre os elementos das duas culturas.

[...] os contos de Conceição Evaristo são habitados por mendigos, favelados, meninos e meninas de rua. Personagens como Di Lixão, Duzu-Querença, Ana Davenga e Natalina trazem para sua ficção o universo marginal que a sociedade tenta ocultar. São narrativas marcadas por intensa dramaticidade e conduzidas de forma a transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades. (DUARTE E LOPES, 2020).

Uma das características marcantes das produções de Evaristo é a relação que elas apresentam com a realidade. São narrativas verossimilhantes em relação aos fatos e acontecimentos sociais, principalmente quando suas narrativas abordam a vida e as questões que são enfrentadas por pessoas retratadas na posição de inferiores, aqueles à margem da sociedade. A escrita de Conceição Evaristo apresenta um caráter de denúncia, através do texto literário, temas de importante relevância social passam a ser debatidos. Quando a violência, a opressão e o preconceito estão postos no texto literário, estão, de certa forma, confrontados. “A mesclagem de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, além de impactar o leitor, revela o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente para com aqueles irmãos colocados à margem do desenvolvimento”. (DUARTE E LOPES, 2020).

Ao tratar da poesia, Duarte e Lopes afirmam que “A poesia de Conceição Evaristo enfatiza a abordagem dos dilemas identitários dos afrodescendentes em busca de afirmação numa sociedade que os exclui e, ao mesmo tempo, camufla o preconceito de cor” (DUARTE E LOPES, 2020). O preconceito racial, o feminismo e os direitos dos homossexuais são pautas que a cada dia se tonam mais centrais nos debates cotidianos nos mais diversos espaços, seja na academia, na mídia, ou no cotidiano social. Atualmente vive-se a era do compartilhamento de informações, opiniões e experiências, com isso o debate sobre esses temas se torna mais presente. Os Estudos Culturais, que representam uma importante linha da crítica que possui como objetivo central discutir essas pautas nas (e através das) obras literárias), é uma área da

crítica que traduz e problematiza muitas das questões próprias da literatura de Evaristo. Maria da Glória Bordini, em seu artigo “Estudos culturais e estudos literários”, discute sobre a consolidação dos estudos culturais como uma das linhas de crítica literária. A autora salienta que “A existência de múltiplas culturas, distribuídas em tribos e facções, regiões, cidades e bairros, ou até na esquina ou no condomínio cada uma com sua especificidade e necessidades, determina uma alteração radical no campo dos estudos literários” (BORDINI, 2009, p.12).

O surgimento de novas formas de expressão, de vida e de compreensão do mundo, assim como as novas “tribos” faz com que a criação literária e a crítica passem por mudanças, pois de certa maneira ambas estão ligadas a expressão humana. “Diante do pluriculturalismo que as organizações populares, tanto quanto as elites intelectuais, têm tentado pôr em prática, um caminho para o estudo da literatura foi proposto nas pesquisas, eminentemente de cunho empírico, da chamada Escola de Birmingham” (BORDINI, 2009, p.13). As notáveis diferenças culturais e entre classes conduziu os estudos literários para uma abordagem que se baseia na observação dos fatos reais e empíricos, assim surgiu a vertente crítica literária dos Estudos Culturais.

Nesse intento, que tem sido denominado no mundo de língua inglesa de Cultural Studies, convocam-se interdisciplinarmente aportes de outras ciências, como a filosofia, a psicologia e psicanálise, a sociologia, a antropologia e a semiótica para lançar luz sobre como determinados traços da vida social, dentro de uma cultura específica, aparecem na obra literária, a partir das características poéticas que os manifestam. (BORDINI, 2009, p.13; grifo da autora).

A metodologia dos chamados Estudos Culturais nasceu na Inglaterra, e tem como marca principal a interdisciplinaridade, ou seja, o uso de aportes de outras ciências e não só da literatura. O uso de teorias de outros campos de conhecimento como a filosofia, sociologia e psicologia busca elucidar questões da vida social e cultural. A partir desse movimento a literatura agrega e correlaciona conhecimentos diversos em seu exercício de crítica. “O método de trabalho dos Estudos Culturais partiu da análise literária para a cultural” (BORDINI, 2009, p.14).

Os Estudos Culturais, portanto, nascem de uma insuficiência da teoria literária nos anos 50/60, que, preocupada com a explicação imanente dos textos, herança do Formalismo Russo e do New Criticism, esquecia sua inserção sociocultural e a materialidade de seus processos de produção e recepção, em

favor de uma essencialização universalista de suas formas e de seus sentidos. (BORDINI, 2009, p.14).

Os Estudos Culturais utilizam a influência sociocultural e seus efeitos nos processos de produção e recepção literária. Essa nova vertente da crítica que surgiu em meados dos anos 1960 rompe com as proposições críticas de literatura assentadas em uma leitura que não mais era suficiente para compreender a literatura e suas vertentes. Nesse sentido, o estudo crítico das obras de Conceição Evaristo se utiliza de algumas concepções dos Estudos Culturais. Pois ao analisar suas construções literárias se percebe a necessidade de algumas constatações de áreas de estudo como a sociologia e a antropologia. Assim, a análise de PROM será perpassada por algumas contribuições teórico-críticas dos Estudos Culturais.

A literatura de C. Evaristo coloca em evidência figuras marginalizadas, esquecidas e menosprezadas. A leitura de alguns poemas presentes em PROM (Poemas da Recordação e Outros Movimentos) pode chegar a causar um efeito catártico no leitor, é o caso do poema “A menina e a pipa-borboleta”, que ilustra poeticamente a dinâmica de um cenário social no qual uma menina de origem humilde é abusada sexualmente, tem sua pureza arrancada de si, é maculada, e sofre um aborto em um banheiro público. O poema pode causar o efeito catártico ao levar o leitor a refletir e se dar conta de que essa é uma situação que pode ser real e comum, infelizmente, para muitas meninas pobres no Brasil. A saber, o poema:

A menina e a pipa borboleta

A menina da pipa
ganha a bola da vez
e quando a sua íntima
pela, macia seda, brincava
no céu descoberto da rua,
um barbante áspero,
 másculo, cerol, cruel
rompeu a tênue linha
da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel, seda esgarçada,
da menina estilhaçou-se
entre as pedras da calçada,
a menina rolou
entre a dor e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,
a menina expulsou de si
uma boneca ensanguentada
que afundou num banheiro

público qualquer.
(EVARISTO, 2017, p.50).

O texto constrói um cenário impactante, através da leitura é possível criar uma imagem mental que busca visualizar os sofrimentos que a pobre menina, sozinha e abandonada, sofreu. Os temas principais do poema são o estupro de menores e o aborto. O texto metaforiza a temática do estupro associada à atmosfera da infância destruída. A narrativa de Evaristo caminha em linha próxima aos seus poemas no que diz respeito à temática.

Nessa linha, os contos de Conceição Evaristo são habitados por mendigos, favelados, meninos e meninas de rua. Personagens como Di Lixão, Duzu Querença, Ana Davenga e Natalina trazem para sua ficção o universo marginal que a sociedade tenta ocultar. São narrativas marcadas por intensa dramaticidade e conduzidas de forma a transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades. (DUARTE E LOPES, 2020).

As narrativas de Evaristo, seus contos, trazem personagens que estão sempre imersos em um ambiente marginal, além de suas características também apontarem para esse contexto. Como salientam os autores, ela transpõe para a literatura o universo marginal existente na sociedade, mas que é manipulado e negado na realidade. A tensão, a violência, as experiências, são vividas pelos seus personagens e realizam uma unificação entre o real e o ficcional. Para as autoras de *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*, organizada por Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes, e Maria do Rosário A. Pereira, Conceição Evaristo é

Uma escritora que a cada novo livro amplia sua presença na cena literária brasileira contemporânea, e consolida projeção internacional, assim é Conceição Evaristo. Seu nome já há alguns anos é regularmente citado nos eventos acadêmicos, e sua produção, constituída de poemas, contos, romances e ensaios, em parte já traduzida para o inglês, francês, espanhol e italiano, tem provocado inúmeras leituras – entre teses e dissertações, ensaios e artigos críticos – tal sua riqueza e atualidade. (CÔRTEES, DUARTE E PEREIRA, 2016).

Nas palavras das autoras é possível ter uma noção da intensidade da projeção literária de C. Evaristo. Desde o ano de 2008 sua presença no cenário da literatura brasileira se estende, e ela já é uma autora com projeção internacional, algumas de suas obras estão sendo traduzidas para diversos idiomas. Suas obras estão sendo constante objeto de análise seja em dissertações,

teses, e trabalhos de conclusão de curso, além dos inúmeros artigos científicos, isso nas mais diversas áreas de conhecimento, e não só na literatura. Isso comprova a consistência e a importância do debate proposto através de suas produções. As organizadoras do livro ainda completam, na apresentação da obra crítica, suas considerações sobre o percurso da carreira da escritora afro-brasileira:

O primeiro poema veio a público em 1990, no décimo terceiro volume de *Cadernos Negros*, publicação coletiva do grupo Quilombhoje, de São Paulo, e, desde então, a autora tornou-se presença constante na cena literária afro-brasileira. A estreia individual se deu com o romance *Ponciá Vicêncio*, em 2003, cuja personagem emblematiza a herança da escravidão. Evaristo retoma parodicamente o modelo do *bildungsroman* europeu, para colocar a personagem numa sofrida trajetória de abortos e anulação de si mesma. O enredo entrelaça história social e individual, e vem comovendo milhares de leitores em todo o país e no exterior (CÔRTEZ, DUARTE E PEREIRA, 2016. Grifo dos autores).

A citada obra, *Ponciá Vicêncio*, premiada no ano de 2015, recebeu o terceiro lugar do prêmio Jabuti de Literatura, um dos prêmios mais cobiçados no meio literário. C. Evaristo é um dos nomes significativos da atualidade quando se fala de literatura afro-brasileira, mas ela não é a única autora que escreve priorizando seu lugar de fala. Carolina Maria de Jesus foi escritora negra de origem humilde, que escreveu uma obra polêmica no cenário literário, e que se tornou leitura obrigatória do vestibular de importantes universidades brasileiras. “Nessa obra, a autora, negra, moradora da favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, expressa seu lócus de enunciação por meio de diários que expunham sua posição de subalternidade” (BAROSSO, 2017, p. 31). *Quarto de despejo* é sua criação, é uma espécie de diário no qual a autora retrata de forma poética e com riqueza de detalhes como era a sua vida de catadora de papel, uma mulher pobre com uma família para sustentar e que vivia a margem da sociedade brasileira capitalista, elitista e racista.

“Apesar do sucesso de vendas de *Quarto de despejo* à época da publicação, a crítica passou a valorizar a obra da autora como uma produção digna de ser estudada *como literatura* muito recentemente” (BAROSSO, 2017, p.22 grifo da autora). Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo não são os únicos nomes de destaque. Ao realizar uma pequena busca, muitos nomes serão encontrados para representar o cenário da literatura afro-brasileira ou literatura negra no país.

Negra e de origem humilde, é desse lugar que Conceição fala. Nascida em Belo Horizonte, a escritora superou as dificuldades materiais da infância, conciliando os estudos com o trabalho até formar-se professora, mestre e doutora em literatura. Sua obra está marcada por uma poética da alteridade comprometida com a crítica social, a história dos afrodescendentes, a ancestralidade cultural, ao lado de profundas reflexões sobre a mulher (CÔRTEZ, DUARTE E PEREIRA, 2016).

As palavras das autoras ressaltam características e particularidades da vida de Evaristo que neste trabalho já foram mencionadas. Mas ainda assim, elas enfatizam o lugar de fala, a herança cultural, e a bagagem de experiências que compuseram sua figura e colaboram na composição de suas obras. Como destacam as autoras, a obra de Evaristo está marcada pela poética da alteridade, as marcas que definem as distinções entre os seres humanos, a importância de conhecer e compreender as diferenças do/da outro/a. Além disso, suas profundas reflexões sobre a mulher afro-brasileira colocam tal figura em lugar de destaque e caracterizam suas obras com uma carga de feminismo negro. “A escritora situa seus dramas em meio a reflexões sobre raça e gênero, sem deixar sua literatura cair na cilada da idealização ou da militância” (CÔRTEZ, DUARTE E PEREIRA, 2016).

Para citar mais alguns nomes que integram a representatividade negra na literatura brasileira, seja no que se refere à autoria ou ao tema, Elizandra Souza tem aparecido bastante nos estudos literários, sua obra tematiza aspectos da opressão, da condição feminina, da cultura e da religiosidade afrodescendente. Lousa e Camargo, em seu artigo “Voz que liberta, corpo que resiste: questões de gênero em poemas de Elizandra Souza”, discorrem sobre a trajetória e as principais características das composições poéticas da autora. Souza é uma autora da periferia de São Paulo, sua literatura de autoria feminina traz o lugar de fala de uma mulher negra e da zona periférica de uma metrópole brasileira. “Sua escrita procura desmistificar a representação feminina canonizada, romper com mitos e tabus que se preocupam em oprimir e esvaziar o discurso feminino”. (LOUSA E CAMARGO, 2018, p. 264). Seus versos procuram muitas

vezes denunciar as mais diversas violências imputadas às mulheres periféricas como a simbólica, a de gênero, a social e a física, além de evidenciar uma resistência profunda e contundente à estrutura patriarcal que as marginaliza. (LOUSA E CAMARGO, 2018, p. 2018).

Elizandra Souza, assim como Evaristo, é poeta, e a partir de seu lugar de fala, mulher negra que luta contra os estereótipos e opressões sofridas, faz de sua escrita uma ferramenta de engajamento para denunciar e romper com o ciclo de opressão instaurado no passado. Ela é um dos nomes fortes da literatura negra e periférica. “Assim, as opressões e injúrias sofridas e compartilhadas por Elizandra Souza seriam combustível para a ação, para mudar as relações

patriarcais” (LOUSA E CAMARGO, 2018, p. 246). As autoras destacam em seu artigo o poema “Menstruação”, ele se aproxima, na questão do tema (a menstruação), do poema “Bendito o sangue do nosso ventre”, de C. Evaristo. A seguir, o poema citado de Souza.

Sangre mais uma vez!

Exepe do teu corpo
o embrião não fecundado
Junte todo o amargor
e sangue outra vez!

É dolorido,
mas sinta com intensidade essa cólica
esse mal estar,
mas sangue mais uma vez!

Sangre nessa hipócrita sociedade,
junte todas as dores expelidas,
retire da calcinha
esse absorvente encharquecido
E jogue fora todos esses sangrados.

Mas Menstrue e Ação!

(SOUZA *apud* LOUSA E CAMARGO, 2018, p. 250).

O poema de Souza apresenta uma linguagem simples e concisa, e trata de uma das temáticas polêmicas do universo feminino: o período menstrual. A menstruação por muito tempo foi considerada um assunto tabu na sociedade “civilizada” ocidental²⁵. As mulheres eram consideradas impuras durante esse período. Um fato interessante que ilustra essa questão é que muitos dos comerciais de TV, com propagandas de absorventes, fazem uma adaptação para a demonstração de uso do produto com líquidos, mas não se utiliza um líquido vermelho como é o sangue, se faz uso de líquidos de outras cores, e não “cor de sangue”. Qual o motivo de não se utilizar uma exemplificação de eficácia do produto com uma demonstração mais próxima à realidade? O sangue menstrual ainda é um tabu para a maioria das pessoas. O sangue que simboliza a fertilidade da mulher não é concebido por alguns de forma positiva. A menstruação é um momento natural na vida de qualquer mulher saudável. A poeta, em seu texto, realiza

²⁵ Sobre esta afirmação ver: “Sangue menstrual e magia amatória: concepções e práticas históricas”, artigo disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/72464/47456> > Acesso em: 12 de maio de 2020.

uma exemplificação das etapas e acontecimentos que envolvem o período menstrual correlacionando com a crítica social.

Na segunda estrofe se fala sobre como é dolorido sentir a cólica, sentir um mal-estar, que de fato é um dos sintomas que acometem grande parte das mulheres no período menstrual, mas quando ela remete ao dolorido da cólica pode não estar falando apenas da cólica enquanto sintoma físico. Essa ideia da dor pode remeter as dores de ser mulher, o mal-estar de ser uma mulher na sociedade e o quanto todas “sangram” todas as vezes que somos oprimidas e menosprezadas. E ainda, a mulher negra sofre mais que a mulher branca devido à sua carga de preconceito histórico. A terceira estrofe é uma das mais fortes: “Sangre nessa hipócrita sociedade,/junte todas as dores expelidas, /retire da calcinha/ esse absorvente encharquecido/E jogue fora todos esses sangrados.” Nestes versos existe uma correlação entre os fatos reais do período menstrual, para grande parte das mulheres esse assunto sempre foi tratado como tabu na sociedade. Os versos aproximam essa temática com a crítica social, a crítica se dirige à nossa hipócrita sociedade, mentirosa e falsa. Todas as dores que a mulher passa não são apenas dores físicas, mas também dores emocionais, que são fruto de toda a opressão e sofrimento que se passa por ser uma mulher. A partir do momento em que a mulher sangra no absorvente e o joga fora se pode enxergar um paralelo com o sangrar e jogar fora as dores, as tristezas e não ficar apenas na posição de vítima sofredora, e sim “menstrue e ação”. A mulher não deve se abater e deixar que as pressões e preconceitos a derrubem e abatam. Esse mal-estar que a sociedade nos causa deve ser combatido. Por isso, o sangrar também pode ser entendido como uma forma metafórica de lutar e buscar reverter a situação de opressão sofrida. Neste poema em questão existe uma proximidade de temática com poema de Conceição Evaristo posto a seguir:

Eu-mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.

Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes - agora - o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.
(EVARISTO, 2017, p.23)

Em versos da primeira e segunda estrofe se pode perceber a insinuação à imagem da menstruação: “Uma mancha de sangue/ me enfeita as pernas [...]”. A hipótese de relação entre os versos e a temática pode ser levantada devido à predileção de Evaristo ao trabalho com o tema da menstruação e questões do universo feminino, e ao contrário da visão ocidental e colonial de que o sangue menstrual é algo ruim, sujo, e que deve ser escondido, em poemas da autora a imagem do sangue menstrual é enaltecida. É o caso de “Bendito é o sangue de nosso ventre”, desde o título do poema se percebe que a visão sobre o sangue menstrual não é negativa. Em versos da primeira estrofe do poema a autora escreve: “[...] De sua negra e pequena flor/ um líquido rúbeo, vida-vazante escorre”. A menstruação é motivo de alegria, é um momento de transição e de comemoração. A menina se torna mulher, portadora do dom da vida e das maravilhas de sua natureza feminina.

No cenário apontado destacam-se as produções literárias de Evaristo, e com relação às marcas características da sua escrita, salienta-se um conceito cunhado pela própria autora e que permeia todas as suas obras, desde os contos, os poemas, ou os romances, trata-se da “escrevivência”. Esse termo está ligado à escrita atravessada pela vivência, o processo de criação literária que é atravessado pelas marcas da experiência. E de acordo com Barossi, “A escrevivência, por sua vez, permite o transbordamento da memória e sua montagem com a história, penetrando nos espaços em branco do texto” (EVARISTO, *Apud* BARROSSI, 2017). Tal conceito pode ser considerado uma de suas características estéticas. As composições literárias de C. Evaristo são profundamente marcadas por experiências de vida, e assim se caracteriza sua escrevivência.

A escrita fruto da experiência é justamente o que caracteriza sua escrevivência. Suas experiências particulares enquanto mulher negra que partem de uma posição individual, mas que chegam a atingir e expressar os anseios e realidades da coletividade. Em vista do silenciamento que os povos africanos sofreram no Brasil, a autora se posiciona também como porta-voz de seus antepassados. A escravização dos povos de origem africana já não é mais um

fato concreto na atualidade, mas a segregação e o preconceito, como frutos desse péssimo legado, ainda são um problema social alarmente, muitas das vezes não identificado por pessoas brancas por conta da naturalização de comportamentos ofensivos e opressores nas mais diversas escalas sociais. No tópico seguinte serão abordadas características e opiniões críticas sobre a obra que constitui o *corpus* deste trabalho, o livro *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*. Para simplificar em alguns momentos ao tratar da referida obra, será utilizada uma abreviação do título original resultando em (PROM).

2.3 POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS (PROM)

A coletânea *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* foi publicada inicialmente no ano de 2008, pela editora “Nandyala”. Essa edição conta com quarenta e quatro poemas autorais de Conceição Evaristo. Uma das temáticas centrais presentes nos poemas é a condição de existência e a subjetividade dos sujeitos afro-brasileiros; Evaristo enfatiza as dores, as vivências, as lutas e pontos da cultura afro-brasileira em seus poemas. A figura da mulher afro-brasileira se destaca dentro da obra, muitos são os poemas que remetem à expressão dessa figura, adiante essa questão será mais trabalhada. A apresentação à primeira edição foi feita por Iris Maria da Costa Amâncio, professora universitária e pesquisadora da área da literatura. A pesquisadora inicia sua apresentação com uma declaração precisa sobre o livro: “Memória, feminilidade e resistência negra. Está é a tônica de *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, antologia poética da consagrada escritora afro-mineria Conceição Evaristo” (AMÂNCIO, 2008, p.5; Grifo da autora).

Amâncio continua sua apresentação pontual e contextualizada dos poemas presentes na antologia, em suas palavras mescla versos dos poemas de Evaristo para fortalecer sua argumentação. E através de uma escrita que une a subjetividade, a exemplificação e a contextualização, ela consegue descrever e caracterizar o livro e sua essência textual:

Tecendo os fios de suas vivências pessoais e coletivas, a poeta convida o leitor a mergulhar em profundas “águas-lembranças”, espelho hídrico do qual emergem imagens e vozes femininas a revelar um tessitura poética escrita na ancestralidade; “nova velha seiva” que “borda os tempos do viver”. Assim, avó, tia, mãe e filha performatizam a “letra-desenho” de vidas traçadas em sonhos e esperanças, apesar da dor, do banzo, da fome e do frio que habitam o cotidiano de sujeitos negros em exclusão sócio-racial. (AMÂNCIO, 2008, p. 5).

PROM pode ser interpretado como uma obra que unifica características e expressões de narrativas e histórias e as transforma em versos e poemas, a narrativa se torna poetizada. Essa é uma peculiaridade da obra e que também tem conexão, em parte, com suas características enquanto obra contemporânea. Ao final de sua apresentação, Amâncio conclui “[...] Conceição Evaristo vivifica e teima em afirmar ao leitor, uma vez mais, sua habilidade e excelência na configuração das linhas do seu corpo-linguagem, cosido ‘por mãos ancestrais’” (AMÂNCIO, 2008, p.6; aspas da autora).

No ano de 2017 PROM é reeditado pela editora “Malê”, a nova edição conta com 65 poemas, 21 a mais que a primeira. Os poemas adicionados foram: “Certidão de óbito”; “Pão”; “Amoras”; “Abacateiro”; “Cremos”; “Flor magnólia”; “Vergonhamento”; “Canção pr’amiga”; “Carolina na hora da estrela”; “Clarice no quarto de despejo”; “Pigmeia, Edmea e Macabéa”; “Só de sol a minha casa”; “No meio do caminho”; “Deslizantes águas”; “A empregada e o poeta”; “Inquisição”; “Só o medo”; “Medo do escuro”; “Medo das dores do parto”; “Coisa de pertença”; “Apesar das acontecências do banzo” e “Estrelas desérticas”.

A edição do ano de 2017 não possui apresentação inicial, mas conserva a abertura de seções dos poemas que é feita, desde a primeira edição, por trechos de prosa escritos por Evaristo; são recortes de suas produções em prosa que estão ligados à temática de cada grupo de poemas que é antecedido por trechos em prosa. Em resenha publicada no site da editora “Malê” datada do ano de 2017, Aline Arruda, professora e pesquisadora em literatura, comenta sobre a reedição de PROM:

Conceição é hoje uma das escritoras mais importantes para a literatura brasileira. Seus recentes prêmios são prova disso. O Jabuti para *Olhos d’água* é um deles. É mais que merecido então que sua obra seja reeditada e que novos livros sejam lançados. A editora Malê percebeu essa importância e tem investido nesse belo trabalho. Poemas da recordação e outros movimentos, antes, em 2008, lançado pela Nandyala, é agora reeditado pela editora carioca. (ARRUDA, 2017²⁶).

Nove anos após a primeira edição e em meio ao movimento de “descoberta” de Conceição Evaristo pela mídia e da qualidade e importância de suas produções, surgiu a reedição de PROM. No capítulo seguinte, no qual estarão as análises dos poemas dessa antologia, será utilizada a terceira edição do livro, publicada em 2017 pela editora “Malê”. Ao

²⁶ Trecho retirado da resenha sobre a reedição da obra *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* encontrada no site da editora. Disponível em: <<https://www.editoramale.com/single-post/2017/06/05/Poemas-da-recordacao-e-outros-movimentos-1>> Acesso em: 30 de março de 2020.

longo de sua resenha, Arruda discorre sobre características gerais e também particulares dessa nova edição, ela comenta sobre a organização e o acréscimo de novos poemas:

A nova edição traz 21 poemas a mais que a anterior e investe numa organização muito interessante, dividida em temas que são iniciados, no livro, por trechos em prosa da autora. Assim, os 65 poemas aparecem em seis blocos que se iniciam com essas espécies de epígrafes, passagens que carregam o lirismo de Evaristo. (ARRUDA, 2017).

Ao comentar sobre a nova organização da antologia, a pesquisadora destaca os principais pontos de modificações e acréscimos em relação à primeira edição. Além disso, a reedição feita pela editora “Malê” trouxe pequenas alterações nos títulos dos poemas, por exemplo, os poemas “Da menina, a pipa” e “Do menino, a bola” passam a se chamar, respectivamente, “A menina e a pipa-borboleta” e “O menino e a bola”, isso acontece com mais alguns poemas.

No que diz respeito à realização de uma análise estrutural sobre a organização e a função de cada objeto que compõe o todo que passa a ser conhecido como livro, Gérard Genette, em sua obra *Paratextos editoriais*, realiza um completo e pertinente estudo sobre o objeto convencionado como livro. Algumas de suas reflexões e observações se fazem interessantes e coerentes para serem aplicadas a PROM de Conceição Evaristo.

Primeiramente é importante levantar o seguinte questionamento: o que é um paratexto? Genette o define da seguinte maneira “[...] assim, para nós o paratexto é aquilo por meio do qual um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e, de maneira mais geral ao público” (GENETTE, 2018, p.9). O paratexto pode ser entendido como um conjunto no qual cada parte tem sua função delimitada e importância objetiva. Tal organização de coisas compõe o objeto chamado de livro. Sobre a função do paratexto o autor complementa: “As funções do paratexto constituem, pois, um objeto muito empírico e muito diversificado, que se deve evidenciar de maneira indutiva, gênero por gênero e, muitas vezes espécie por espécie” (GENETTE, 2018, p.18). Assim, sua função pode estar ligada a um processo de organização de determinados componentes que fazem parte de algumas classes e caracterizam o texto como livro. Adiante serão vistas algumas das classes nomeadas como paratextos, as quais mais se destacam na organização de PROM.

O primeiro elemento paratextual a ser destacado, que está presente nas classificações feitas por Genette, é o *release*: “[...] trata-se de um texto curto (geralmente de meia a uma página) que descreve, à maneira de resumo ou qualquer outro meio, e de modo normalmente

elogioso, a obra a que se refere [...]” (GENETTE, 2018, p.97). Em PROM identifica-se a presença de um *release* na quarta capa. E como descrito pelo autor é um resumo de meia página, que adianta ao leitor a temática e alguns pontos relevantes do livro. O texto realiza algumas antecipações sobre características da obra por inteiro, além disso, valoriza a produção e faz um convite à sua leitura.

Outro elemento classificado nos estudos de Genette e presente em PROM são as dedicatórias. O autor as define da seguinte forma: “[...] consistem em prestar uma homenagem, em uma obra, a uma pessoa, a um grupo real ou ideal, ou a alguma entidade ou algo do tipo” (GENETTE, 2018, p.109). Ou seja, a dedicatória destaca uma homenagem a alguém. Chama a atenção do leitor e desperta curiosidade sobre o motivo e a relação do autor com aquele ou aquela que foi homenageado. Em PROM estão presentes algumas dedicatórias em poemas específicos. O poema “Fêmea-fênix” traz uma dedicatória “para Léa Garcia”. “Menina” está dedicado à filha de Conceição Evaristo: “para Ainá, minha filha, ou minha mãe, talvez”. “Bendito o sangue de nosso ventre” também é dedicado a filha de Evaristo: “para Ainá, aos 19 anos, pela sua menstruação primeira”. “Para a menina” é dedicado a todas as crianças afro-brasileiras: “para todas as meninas e meninos de cabelos trançados ou sem tranças”. O poema “Cremos” é dedicado ao poeta Nei Lopes, pelo poema “História para ninar Cassul-Buanga”. As dedicatórias despertam no leitor a curiosidade e demonstram que o poeta pode ter uma relação próxima com a pessoa a quem dedica sua criação.

As “epígrafes” também são um dos elementos paratextuais destacados por Genette. Elas também estão presentes em PROM. Mas o que é uma epígrafe? “[...] uma citação colocada em exergo, em destaque, geralmente no início da obra ou de parte da obra [...]” (GENETTE, 2018, p.131). A epígrafe é um ponto de destaque, um texto que pode carregar a intenção de dialogar com outros textos (intertextualidade). Na obra em questão de Evaristo (PROM) estão presentes epígrafes no início de cada seção de poemas. E como destaca Genette, “as epígrafes de capítulos, ou de partes, ou de obras singulares reunidas em coletâneas, localizam-se regularmente ainda no início de seção” (GENETTE, 2018, p.135). Em *Poemas da Recordação e outros Movimentos* tem-se uma epígrafe no início de cada uma das seis seções de poemas, elas são trechos em prosa de escritos da própria C. Evaristo e dialogam com a temática dos poemas organizados em cada parte.

É interessante destacar a visão de Genette com relação ao efeito que a presença de uma epígrafe causa em uma obra

O efeito oblíquo mais poderoso da epígrafe deve-se talvez a sua simples presença, qualquer que seja ela: é o efeito-epígrafe. A presença ou a ausência

de epígrafe assinala por si só, afora pequena margem de erro, a época, o gênero ou a tendência de um escrito. (GENETTE, 2018, p.144).

A epígrafe é colocada separada do texto principal, geralmente ela é escrita em fonte diferenciada e colocada como ponto de destaque. A presença desse elemento paratextual pode ser percebida com destaque pelo leitor, como uma mensagem inicial, ou uma pista sobre o texto que está por vir. Mas sem dúvida a epígrafe e sua simples presença causa o efeito de destaque e desperta a curiosidade do leitor. Todos os elementos paratextuais aqui exemplificados trazem para a obra literária, o livro, questões a serem observadas. A riqueza paratextual que é abordada por Genette em sua obra *Paratextos editoriais* demonstra que de fato um livro carrega em si um grande número de significados muitas vezes não explorado. Como destaca o autor sobre a intenção e utilização do paratexto, “qualquer que seja a intenção estética que se lhe acrescente, o paratexto não tem por desafio principal “tornar bonito” o entorno do texto, mas, sim, assegurar-lhe um destino conforme os desígnios do autor” (GENETTE, 2018, p.358).

Ainda sobre as visões críticas relativas a *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, Anselmo Peres Alós, do Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique, em sua resenha “O lirismo dissonante de uma afro-brasileira”, realiza observações pontuais sobre as características principais de PROM. Em relação à expressividade dos poemas de C. Evaristo, ele argumenta que

Em seu exercício de expressão, o lirismo dos poemas de Evaristo trabalha explicitamente no sentido de instaurar uma retórica da resistência, dando especial atenção ao dismantelamento dos estereótipos em torno do negro e da mulher (e mais especificamente, da mulher negra) no imaginário brasileiro (ALÓS, 2011, p.286).

Os críticos das obras de Evaristo, principalmente quando se trata de seus poemas, percebem o lirismo carregado de sentidos que instauram a atmosfera de luta e questionamento. Seus poemas vão na contramão dos estereótipos que recaem sobre a figura dos afro-brasileiros, tanto mulheres quanto homens. Adiante em sua resenha crítica o autor discorre sobre a intenção da voz lírica que se apresenta nos versos de Evaristo:

Há uma tensão dialética entre a busca pela própria voz e a resistência ao silêncio histórico imposto aos afrodescendentes no Brasil. Como alternativa para enfrentar esse silêncio secular, Evaristo realiza uma arqueologia afetiva, escavando nas memórias familiares elementos que permitam ao sujeito

poético afirmar-se no mundo, ao mesmo tempo que reconstitui as suas origens e concretiza sua identidade. (ALÓS, 2011, p. 286).

O resgate das recordações e do passado caminha para a construção de uma identidade expressa textualmente. A voz lírica que ecoa na maior parte dos versos dos poemas narra experiências e memórias que rompem com o silenciamento histórico imposto aos afrodescendentes no Brasil. A memória histórica e afetiva reconstitui momentos e busca a afirmação das figuras expressas através dos versos como sujeitos. Para Alós, Evaristo tem um projeto poético com objetivos definidos:

No projeto poético de Conceição Evaristo, ganha destaque a preocupação de construir uma identidade afirmativa para a mulher negra, cujo papel nas cadeias produtivas do imaginário nacional foi apagado em função dos resquícios da herança escravocrata do Brasil. (ALÓS, 2011, p.287).

A mulher afro-brasileira é um dos sujeitos que se destaca na construção poética da autora, muitos dos poemas trazem as figuras femininas como sujeitos principais e protagonistas. Esse movimento de colocar mulheres negras como centro em seus poemas realiza o trabalho de reestruturação e rompimento do imaginário tradicional e racista, no qual a mulher negra não é vista como um ser humanizado, mas sim como objeto. O trabalho poético literário da autora contribui para o deslocamento de uma visão tradicional e doente para uma visão que humaniza tais sujeitos. Ao final de sua argumentação crítica, Alós destaca sua percepção central sobre a trajetória da escrita de Evaristo:

A trajetória da escrita poética de Conceição Evaristo faz ainda com que o/a leitor/ a aventure-se em um universo lírico marcado pela resistência feminina em relação à submissão, seja ela com relação às dinâmicas do poder na seara do gênero, seja com relação ao pertencimento étnico-racial. (ALÓS, 2011, p.287).

Evaristo escreve do seu lugar de fala, o lugar de uma mulher negra que carrega as recordações e histórias sobre o passado de opressão de seu povo. Ela mesma enquanto autora ainda sofre formas de discriminação e preconceito velado, pois é originária de uma família humilde, ela é uma exceção à “regra” do percurso de vida e carreira possíveis para muitas mulheres e homens afro-brasileiros. Evaristo, em entrevista concedida ao site jornalístico

“Mídia Ninja” no ano de 2019²⁷, comenta sobre essa questão do preconceito racial no Brasil; quando perguntada se em sua visão o Brasil é um país racista, responde que

Tenho certeza que o Brasil é racista. Desde os anos 1980 o movimento social negro teve um papel muito importante na desconstrução do mito da democracia racial. Hoje qualquer brasileiro dizer que não somos um país racista ele tem que ser muito alienado ou muito cínico. O grande salto do Brasil foi ter tido a coragem de por o dedo na ferida. O primeiro discurso oficial de um chefe da nação nesse sentido foi do FHC, mas também não por ele ser consciente e sim por pressão dos movimentos sociais. As denúncias nas conferências e tratados internacionais até a gente chegar às ações afirmativas. (EVARISTO, 2019).

A fala da autora, dentre outras ao longo da entrevista concedida ao site, são de suma importância, pois levam ao debate sobre a questão primordial e atualmente em pauta pela mídia, que é o racismo no Brasil. As palavras da autora destacam o seu engajamento frente à literatura, que não é apenas objeto de deleite e entretenimento, mas também um local para discussão ativa das mazelas sociais. Em relação às ideias que conjugam a literatura e seu poder enquanto ferramenta humanizadora, Antonio Candido, em *O direito à literatura*, salienta que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção* (CANDIDO, 2011, p. 179; aspas do autor). Ou seja, a literatura através do debate social pode dar visibilidade maior a uma questão e através desse processo tornar o leitor mais sensível a tal problemática. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p. 177).

No próximo capítulo será iniciado o processo de análise dos poemas de PROM, considerando suas principais características estéticas e as marcas de autoria. Além de realizar um diálogo com posicionamentos teóricos que dialogam e complementam a visão analítica da obra literária.

²⁷ A entrevista na íntegra pode ser encontrada no site do portal de notícias “Mídia Ninja”. Disponível em: <<https://midianinja.org/eduardosa/nao-colem-em-mim-esse-discurso-da-meritocracia-diz-conceicao-evaristo/>> Acesso em 05 de abril de 2020.

3. CONCEIÇÃO EVARISTO: A IMAGEM DA MULHER AFRO-BRASILEIRA

*Menina, eu queria te compor em versos,
cantar os desconcertantes mistérios
que brincam em ti,
mas teus contornos me escapolem.
Menina, meu poema primeiro,
cuida de mim.
(EVARISTO, 2017, p.33)*

Este capítulo apresenta o estudo analítico proposto para a pesquisa relativa à obra poética *Poemas da recordação e outros movimentos* de Conceição Evaristo. Como objeto de análise foram escolhidos os seguintes poemas de PROM: “Eu-mulher”; “Vozes-mulheres”; “A noite não adormece nos olhos das mulheres”; “Fêmea-fênix” e “Do fogo que em mim arde”. Algo que aproxima todos os poemas é que ambos são direcionados a acontecimentos da vida feminina, ou mesmo ilustram a figura feminina afro-brasileira.

Durante o processo analítico serão utilizados estudos críticos sobre a obra de C. Evaristo, pensamentos teóricos acerca do feminismo negro como “Mulheres negras: moldando a teoria feminista” de Bell Hooks. Também as constatações teóricas de Djamila Ribeiro em *O que é lugar de fala*, entre outras obras teóricas e analíticas. As análises que aqui serão **deslanchadas** terão como objetivo observar e constatar a presença e manifestação da figura feminina afro-brasileira nos poemas de Evaristo. Para isso, busca-se evidenciar as marcas características que comprovam a presença de tal figura. Além disso, marcas estéticas particulares das construções poéticas da autora também serão analisadas. A ordem de análise dos poemas seguirá o sumário da edição de PROM aqui utilizada (publicada pela Malê em 2017).

Iniciamos com o poema “Eu-mulher”:

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
Violento os tímpanos do mundo.

Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo.

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.
(EVARISTO, 2017, P. 23).

O poema apresenta em sua estrutura apenas três estrofes e não segue uma regularidade quanto ao número de versos. Algo importante a destacar, nesse primeiro poema, é a composição de palavras de que a poeta faz uso, e em outros de seus poemas ao longo do livro também. A composição acontece desde o título “Eu-mulher”, duas palavras são unidas pelo hífen para formar apenas uma. Em vários dos poemas de PROM é possível verificar essa marca característica e peculiar de trabalhar a escrita dos poemas. Muitas das palavras compostas são criações da autora em virtude da sua licença poética, pois usualmente na Língua Portuguesa não se utiliza e nem se costuma ver a junção de tais palavras. Esse é o caso de “Eu-mulher” e de tantas outras palavras. Entre os sessenta e cinco poemas, vinte e seis apresentam palavras duplas e unidas por hífen que não são utilizadas juntas em variantes da Língua Portuguesa.

Para exemplificar tem-se os seguintes poemas: “Todas as manhãs” com a palavra “voz-banzo”; “Filhos da rua” com “útero-terra”; “Eu-mulher” com “fêmea-matriz”; “Vozes-mulheres” e “brancos-donos”; “Fêmea-fênix” e “eu-mulher”; além de outros vinte e um poemas. Esse quesito em particular chama a atenção durante a leitura dos poemas de PROM, pois são muitas palavras hifenizadas que levam a ideia de junção de sentidos entre as duas palavras com sentidos diferentes que nos textos são aproximadas e se tornam um vocábulo. Esse jogo de palavras compostas provoca uma substantivação da linguagem, tendo como efeito uma condensação das palavras; essa tendência é muito comum na poesia brasileira contemporânea, especialmente entre os/as poetas cuja forma lírica é concisa.

Voltando a “Eu-mulher”, o poema não apresenta rimas explícitas e não segue uma divisão métrica tradicional. Assim como grande parte dos poemas contemporâneos a forma tradicional não é o seu ponto chave. Os versos apresentam imagens fortes e metáforas, ao que parece o eu lírico que se apresenta é feminino. A seguir, a primeira estrofe é retomada:

Uma gota de leite

me escorre entre os seios.
 Uma mancha de sangue
 me enfeita entre as pernas.
 Meia palavra mordida
 Me foge da boca.

Os seis versos parecem descrever fisicamente e através de metáforas a imagem de uma mulher. Ela tem uma gota de leite a escorrer de seus seios, logo, pode ser uma mãe, pois as mulheres grávidas ou recém saídas do período gestacional, apresentam leite a escorrer dos seios. A cena de um parto se torna forte nesses versos, primeiro o leite a escorrer dos seios, depois o sangue que enfeita as pernas, isso leva a imaginar uma mulher que acaba de dar à luz, de trazer uma vida ao mundo. Essa mulher guarda particularidades, pois sua palavra e voz não são livres, ela apenas possui meia palavra, ou seja, pouca voz.

No que diz respeito às questões identitárias e sociais suscitadas diante da análise do poema em questão, destacam-se as observações feitas por Ana Beatriz Gonçalves em seu artigo “Processo de (re)definição na poesia de Conceição Evaristo”, ela afirma que “no poema “Eu-mulher” percebemos uma voz poética que reconhece a importância de ser mulher: ela é a força que move o mundo, aquela que gera a vida. Por meio de imagens de sangue e semente, vemos a vida” (GONÇALVES, 2009, p.54). A mulher construída no poema é a imagem de uma mulher sofredora, porém forte e que busca mostrar ao mundo a sua importância e o seu poder.

Vagos desejos insinuam esperanças.
 Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo

Acima estão os versos da segunda estrofe que apresentam o eu lírico feminino (“eu mulher em rios vermelhos/inauguro a vida”). A presença da voz feminina é demarcada, ela inaugura a vida em rios vermelhos. Isso pode levar a imaginar o sangue e as dores do parto. Pode também remeter a dificuldade, abandono, que cerca o momento inaugural da vida daqueles que nascem sob o signo da pobreza. Aqueles que nascem de mães desprovidas, estigmatizadas, como é o caso das mulheres negras periféricas no Brasil. A mulher desses versos inaugura a vida, ou seja, ela tem a capacidade natural de gerar uma vida e o faz. Conceição Evaristo em seu ensaio “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”,

destaca que “À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral” (EVARISTO, 2009, p. 23).

A mulher negra retratada na literatura tradicional e canônica tem a sua função maternal negada, na maioria das vezes ela aparece como serviçal, ama de leite. Essa é uma questão que possui bases na realidade social, pois durante o período escravocrata brasileiro as mães afrodescendentes eram separadas de seus filhos, não tinham os direitos de conviver com os mesmos. Muitas das vezes eram obrigadas a cuidar e a amamentar os filhos de seus “senhores” e relegar os seus²⁸.

A mulher nesse poema atesta uma de suas funções primordiais: a de ser a única capaz de gerar e trazer ao mundo uma vida. Ela, mesmo em voz baixa, violenta os tímpanos do mundo. A figura feminina negra é exaltada, pois mesmo possuindo pouco espaço de voz ela se faz ouvir. Na segunda estrofe há uma personificação: “Em baixa voz/ violento os tímpanos do mundo”, a escolha de palavras neste verso é forte. E pode remeter a ideia de reversão dos papéis, pois a mulher negra durante décadas foi, e ainda é, violentada. Mas agora ela assume sua posição de luta e mesmo em baixa voz violenta os tímpanos do mundo, ela não mais se cala, fala até ser ouvida.

A figura feminina representada nesse poema é exaltada, não se vê uma postura de sujeito que aceita e permanece no menosprezo. “Antevejo”/ “antecipo”/ “antes-vivo”, a assonância das vogais atribui ao poema um movimento que parece marcar a força dessa mulher através da vogal “a” que inicia as palavras. Além das assonâncias, vale destacar a presença forte do fonema /t/, que projeta na rede sonora a força dessa mulher. Ela tem a capacidade de antever, antecipar e antes-viver, é dotada de sabedoria e de conhecimentos que a compõem como sujeito. Ainda em relação às questões identitárias que podem ser observadas nesse poema, se torna necessário refletir sobre o conceito da “diáspora”. De acordo com Gonçalves, “O conceito clássico de diáspora está associado à experiência judaica de exílio forçado, dor, sofrimento. É também aplicado ao grande movimento de negros originários da África que vieram para o Novo Mundo via escravidão – a diáspora negra” (2009, p. 51). Aplica-se aqui a esse conceito o sentido de representar o movimento dos africanos tirados de suas raízes étnicas e trazidos para a América para serem escravizados. Esse acontecimento marcou e marca a vida de todos os afrodescendentes.

²⁸Para entender um pouco mais sobre a temática ver: “A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX” artigo disponível em:< <https://www.redalyc.org/html/1933/193346401016/>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

As criações poéticas de Evaristo, assim como as manifestações de outras/os autoras/es negras/os, se constitui como uma forma de resgate e manifestação de sua cultura. Além de ser a forma de demarcar seu lugar de fala e existência. “Podemos entender a literatura dessas mulheres como uma arma de criatividade, palco de resistência do sujeito diaspórico, local onde questões da diáspora são levantadas, questionadas, reforçadas” (GONÇALVES, 2009, p.52).

“Eu-mulher” é uma construção poética que regata os sofrimentos do sujeito feminino que teve contato com os resultados causados pelo processo diásporico. Tal poema desde o título é uma forma de autoafirmação do sujeito mulher negra que se apresenta e reivindica o seu lugar no mundo.

Antes – agora – o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo.

A terceira e última estrofe realiza o arremate e conclui ideias sugeridas através da leitura analítica. A mulher que se apresenta desde os primeiros versos agora se coloca como o começo, meio e fim de todas as coisas (“antes – agora – o que há de vir”). Essa figura feminina une as expressões do passado, presente e futuro para marcar sua presença e sua relevância. O eu lírico feminino expresso através do pronome pessoal (eu) demarca fortemente o seu lugar. Ela é a fêmea-matriz, aquela que origina os novos seres, ela é o marco inicial. É também a força-motriz é a peça principal, aquilo que atribui movimento e que alavanca os acontecimentos. E diante de tudo isso, ela acentua que é uma mulher, um ser do gênero feminino. O eu lírico ao marcar sua identidade e seu gênero rompe com a tradição hegemônica branca, masculina e europeia. A representação de destaque é da presença de uma mulher, mulher que reconhece seu valor e as lutas travadas por conta de sua origem.

Em relação às peculiaridades ao se tratar da figura feminina negra é de importância destacar palavras de Djamila Ribeiro em *O que é lugar de fala?*. Para a pesquisadora “A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto” (RIBEIRO, 2017, p.25). É válido destacar que ao trabalhar com as questões voltadas para a figura feminina negra existem particularidades. Não se pode universalizar a figura feminina, pois a mulher branca e a mulher negra são compreendidas e recebidas de modos opostos na sociedade.

A figura feminina expressa em “Eu-mulher” se coloca como o abrigo da semente, as expressões metaforizadas carregam os versos de densidade poética e penetram na mente do leitor. Essa mulher, primeiramente é uma mulher, ou seja, é um sujeito. E além disso, é a engrenagem que faz o mundo girar, ela é “moto-contínuo/ do mundo”.

Assim, verificamos na escrita de autoras afro-brasileiras, como é o caso de C. Evaristo:

[...]um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência (EVARISTO, 2009, p. 25).

As palavras da autora confirmam ideias que podem ser percebidas ao longo dos poemas de PROM, também de “Eu-mulher”. Além do teor denunciativo, o poema também resgata a identidade cultural e o orgulho da mulher afro-brasileira. Atualmente, mesmo em uma sociedade que resguarda seus preconceitos, a postura da escritora afro-brasileira não é de apenas lamentar a impotência, mas sim de se auto afirmar.

O segundo escolhido para análise é “Vozes-mulheres”, a seguir o poema:

A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes

recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2017, p. 24 e 25).

“Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo apresenta seis estrofes, elas não seguem divisão tradicional, ou esquema métrico. E possuem variada quantidade de versos. Não há rimas consoantes, mas aparecem aleatoriamente rimas toantes, marcadas pela repetição da vogal tônica de algumas palavras no final dos versos. As estrofes não obedecem a uma regularidade na organização sintática. O título “Vozes-mulheres” faz a indicação de que se trata de vozes, no plural, e pode dizer respeito a múltiplas falas de diversas mulheres. Esse poema também apresenta a característica da escrita de Evaristo que é a composição de palavras exposta desde o título. A estrutura dos versos e a organização do poema conduzem ao paralelismo, pois cinco das seis estrofes são iniciadas com “a voz de [...]”. Percebe-se uma recapitulação das vozes (bisavó, avó, mãe, o eu, e a filha).

As vozes que são expressadas a cada estrofe estão reiterando e sendo reiteradas, a voz de todas as mulheres é aproximada, já que todas estão ligadas pelos laços afetivos e de parentesco.

A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A primeira estrofe resgata a voz da primeira representante da geração de mulheres representadas imageticamente no poema, essa voz é da bisavó. Diante das imagens sugeridas pelo eu lírico a bisavó perdeu sua infância, pois sua voz ecoou lamentos nos porões dos navios, os versos sugerem que a bisavó foi uma mulher negra que ainda criança foi escravizada, jogada nos porões de navios negreiros.

Silvestre e Feldman, em seu artigo “Vozes-mulheres” do terceiro mundo – a perspectiva de Conceição Evaristo”, realizam uma aprofundada análise sobre o poema “vozes-mulheres”. Diante da primeira estrofe destacam que “Ao mesmo tempo em que a primeira estrofe descreve

um sujeito subalterno, aparentemente impotente (uma criança, menina, negra, escrava), concede uma voz a esse indivíduo [...]” (SILVESTRE E FELDMAN, 2015, p. 105).

“A voz da minha bisavó ecoou/criança nos porões do navio”, essa voz reflete a identidade da mulher originária de países do continente africano e que desde criança foi subalternizada, trazida nos porões dos navios negreiros, para ser explorada pelo branco em países da Europa e da América. A voz da bisavó é utilizada como marco inicial da geração de mulheres fundadoras dessa genealogia. A voz da matriarca ancestral, a primeira da geração fundadora da família, é a imagem inicial construída nos versos.

É possível observar nesse poema, e também em outras construções presentes em PROM, que a autora centra os versos em personagens femininas e suas histórias, colocando sempre uma mulher como o princípio. E assim, ela contraria a lógica tradicional e patriarcal na qual apenas a figura masculina pode ser a fundadora de gerações. Os versos ressaltam vozes femininas e criam figuras trazendo para o texto um caráter narrativo, é como se a poesia contasse uma história. Torna-se importante para o processo analítico, aqui disposto, discutir a problemática que envolve o feminismo e suas vertentes. Tendo em vista que ao abordar a ideia de construção da imagem feminina afro-brasileira nos poemas de Evaristo se torna imprescindível dialogar com as questões ligadas ao feminismo negro. Para tanto, são trazidas as contribuições da teórica e ativista social americana Bell Hooks em seu texto “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”.

Ao discorrer sobre as questões de diferença social e étnica, relacionada às mulheres negras, Hooks afirma: “Há muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no status social, no estilo e qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham [...]” (HOOKS, 2015, p. 197). As diferenças de classe e status social que a teórica aponta são percebidas em “Eu-mulher” desde os primeiros versos, pois a geração de mulheres negras retratadas no poema, sofreram com acontecimentos particulares por conta de sua condição de mulheres negras. Esse é o caso da bisavó que apenas podia ecoar lamentos presa nos porões do navio negreiro.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

No terceto acima o percurso histórico da geração de mulheres é continuado. A partir da voz da avó, sucessora da bisavó, os versos constroem uma figura feminina que apresenta características diferentes a cada estrofe. Pois cada uma delas apresenta suas formas de

resistência. “Eu-mulher” constrói uma linha histórica do percurso da família de base matriarcal, deslocando o centro “universal” masculino e branco, que é desconstruído, a partir do movimento da autora para apontar a identidade feminina afro-brasileira. São mulheres negras as fundadoras de suas genealogias, elas são as figuras de destaque.

No segundo e terceiro versos da segunda estrofe “a voz de minha avó/ ecoou obediência/ aos brancos-donos de tudo”, aqui são evidenciados o sofrimento e os diversos abusos sofridos por essa avó enxergada como sujeito subalterno por ser uma mulher negra. Djamila Ribeiro, no capítulo “Mulher negra: o outro do outro”, ressalta que: “Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo” (RIBEIRO, 2017, p.25). O local de subserviência atrelado a população de mulheres negras tem raízes históricas e ainda na atualidade é um grave problema social a ser enfrentado.

O poema em sua bela composição não deixa de sugerir imagens fortes e problemáticas, a literatura se mostra multifacetada. O texto literário é o lugar da composição e da expressão artística, mas também pode ilustrar problemáticas de densidade social. A seguir, a terceira estrofe:

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

“A voz da minha mãe/ ecoou baixinho revolta”, essa voz ecoou com revolta contra a posição de subalternidade que ocupava, não mais nos porões dos navios ou nas senzalas, mas nos fundos das cozinhas alheias. “Mulheres negras, por exemplo, possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores – materialidade!” (RIBEIRO, 2017, p.26). As palavras de Ribeiro resumem bem as dificuldades que a mulher negra enfrentou e enfrenta em uma sociedade como a brasileira, que não se reconhece racista, mas segue padrões e glorifica tudo o que se refere à branquitude. A estrofe destaca a função árdua e não recompensadora que a mãe do eu lírico desempenhou. Ela se mostra diferente das primeiras mulheres que a precederam, agora sua voz, mesmo baixinho, ecoa a revolta. A mãe do eu lírico que traz consigo as vozes anteriores manifesta sua revolta por ser mais uma mulher negra a ser explorada e menosprezada.

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista (HOOKS, 2015, p. 207).

As palavras de Hooks sustentam o cenário sugerido em “Eu-mulher” no qual várias gerações de mulheres negras ocupam posições inferiores e não têm oportunidade de progredir em sua condição social. Elas suportam a opressão, o racismo e o machismo, porém se mostram conscientes de que como sujeitos deveriam ter condições e oportunidades de progredir. A mãe é aquela que se via com poucas oportunidades na vida e que não tinha como subverter sua realidade, então permanecia como “serva” dos brancos. Mas ainda assim, demonstrava a identidade e postura de revolta contra a escassez de oportunidades. O poema destaca o papel dos brancos, a quem a mulher negra obedecia, os que se achavam donos de tudo. Agora, a quarta estrofe

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.

Tais versos trazem a expressão da voz do próprio eu lírico. Nessa estrofe em particular é visível uma desconstrução da forma em relação às demais, trata-se de um quinteto e os dois versos finais são postos em desalinhamento aos anteriores. Essa aparente diferenciação da forma pode ser uma ferramenta para marcar e destacar questões. Uma das possibilidades seria a intenção de destacar o rompimento com a tradição e a desconstrução do eu lírico subalternizado. Muitas são as interpretações para as peculiaridades presentes nessa estrofe. Pode-se pensar que a voz do eu lírico marca a liberdade de expressão e luta através de sua voz e versos, ela questiona sua posição de oprimida. Ainda, esses cinco versos podem assinalar o sofrimento que muitas mulheres negras ainda passam. O eu lírico ao mencionar “rimas de sangue/ e fome”, pode querer destacar tais problemáticas que afligem suas semelhantes. Ela escreve rimas carregadas, compostas, o seu combustível para escrever foi pensar no sangue derramado e na fome. A poeta, ao dizer que sua voz “ecoa versos perplexos / com rimas de sangue”, marca sua posição de poeta engajada com as questões identitárias e cujo lirismo expõe as feridas de sua condição.

“O não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva à legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo” (RIBEIRO, 2017, p. 30). Torna-se importante para

entendermos a autoria feminina afro-brasileira compreender e pesquisar questões que envolvem a vivência e experiencição da mulher negra na sociedade. Pois é sabido que as experiências e a localização de um sujeito na sociedade interferem no modo como ele/ela produz suas manifestações literárias, atrelando às suas produções características próprias e particulares.

O eu lírico que manifesta sua voz na quarta estrofe é a primeira a conseguir subverter e desconstruir sua identidade e de suas antecessoras. Ela não mais se encaixa no lugar comum de mulher negra subalternizada. Agora posiciona-se como uma mulher consciente de toda a história de sua genealogia. Ela rompe com toda a estrutura existente anteriormente, sua voz a partir dos “versos perplexos” pode enfim ecoar “rimas de sangue/ e fome”. É o início da luta em busca do seu lugar de fala, e de ressignificar sua história de sofrimento. O poema funciona como forma de “discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil” (EVARISTO, 2009, p. 24).

Em seguida, a quinta estrofe:

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de mais uma integrante da família é resgatada e ecoada através dos versos. Agora é a vez de trazer à tona a expressão da filha, o eu lírico expõe a sua voz. Recorrendo a todas as vozes anteriores à sua: bisavó, avó, e mãe, a filha tem a oportunidade de se posicionar e apresentar sua força. A voz da filha recolhe a sabedoria de todas as vozes expressas anteriormente. Ela adota a postura de revolucionar sua identidade como sujeito, recolhe em si as vozes mudas e engasgadas nas gargantas de suas antecessoras, e as utiliza como bagagem no processo de assumir o seu lugar de fala. Convergentes a essas questões apresenta-se a conceituação do “lugar de fala” colocada por Ribeiro no capítulo “O que é o lugar de fala?”: “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (2017, p.37).

O lugar de fala é uma construção ideológica que busca demarcar a posição do sujeito vivenciador de determinadas problemáticas, isso o/a capacita para legitimamente abordar e discutir assuntos relacionados a tais questões. Assim, quando se fala de “lugar de fala” na poesia

de autoria afro-brasileira, trata-se do lugar de autoridade e legitimidade dos sujeitos negros, em questão as mulheres negras, experienciadoras do racismo, discriminação de gênero e de classe.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

A sexta e última estrofe resgata mais uma vez a voz da filha, o eu lírico destaca a importância que a voz de sua filha resguarda. A voz da filha é do ontem, hoje e agora, aquela que pulsa e traz consigo o eco da luta por liberdade e igualdade. Os versos de “Vozes-mulheres” em sua última estrofe revelam o otimismo do eu lírico, a coragem e orgulho direcionados à sua filha, sua representante. Ela rompe com a subalternidade, a imposição e ocupa o seu lugar de fala, direciona-se à busca por liberdade em todos os âmbitos: “Na voz de minha filha/ se fará ouvir a ressonância/ o eco da liberdade”. Os versos do poema funcionam como um clamor, evidencia os sofrimentos e lutas, mas destaca a coragem, o ânimo e a esperança do eu lírico.

A voz da filha se mostra como uma das mais importantes, pois ela tem a coragem e a esperança de romper e renovar sua identidade enquanto mulher negra. As imagens femininas sugeridas ao longo do poema desenharam um percurso que apresenta a caminhada de mulheres negras em uma sociedade racista e machista.

Conceição Evaristo afirma em relação à literatura de autoria afro-brasileira: “[...] os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (2009, p.27). E assim, C. Evaristo rasura a identidade universalista masculina, europeia e branca. E traz à tona a expressão da identidade da mulher afro-brasileira que enfrentou dificuldades e aos poucos conquista seu espaço e constitui sua identificação no espaço social. Essa mulher deixa de ser apenas um sujeito subalterno e silenciado, para tornar-se alguém que faz ecoar sua voz e reivindicar o seu lugar de fala.

O poema a seguir é “A noite não adormece nos olhos das mulheres”:

Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
 nos olhos das mulheres,
 há mais olhos que sono
 onde lágrimas suspensas
 virgulam o lapso
 de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
 nos olhos das mulheres,
 vaginas abertas
 retêm e expulsam a vida
 donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
 e outras meninas-luas
 afastam delas e de nós
 os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
 jamais nos olhos das fêmeas,
 pois do nosso sangue-mulher
 de nosso líquido lembradiço
 em cada gota que jorra
 um fio invisível e tônico
 pacientemente cose a rede
 da nossa milenar resistência.
 (EVARSITO, 2017, p. 26 e 27).

Ao iniciar a leitura desse poema o que chama atenção, depois de seu título poético e metafórico, é a dedicatória existente. Os versos são dedicados à memória de Beatriz Nascimento²⁹. Maria Beatriz Nascimento, nascida em Aracaju-SE (1942) e falecida em 1995, foi uma intelectual, ativista negra, poeta, professora e historiadora. Nascimento é um importante nome no que diz respeito ao estudo da temática do racismo, ela foi ativista em prol dos direitos das mulheres e da população negra. Após o breve contato com a biografia de Nascimento é possível perceber a identificação e admiração direcionadas a ela por C. Evaristo. O poema trata das incansáveis mulheres negras que nunca descansam na busca por sua autoafirmação.

A noite não adormece
 nos olhos das mulheres,
 a lua fêmea, semelhante nossa,
 em vigília atenta vigia
 a nossa memória.

O primeiro quinteto recapitula o título do poema “a noite não adormece [...]”, esse verso está presente no início todas as outras três estrofes. Essa repetição atribui aos versos um

²⁹Informações biográficas disponíveis no portal “Geledés”. <<https://www.geledes.org.br/beatriz-nascimento/>> Acesso em 15 de outubro de 2019.

paralelismo e traz a ideia de musicalidade, pois a repetição conduz a ideia de refrão inicial. “A noite não adormece/ nos olhos das mulheres”, esses versos apresentam uma inversão de sentido, pois os olhos que deveriam não adormecer, porém a noite quem não adormece. Além disso, a escrita metafórica conduz a imagem de mulheres que não descansam, sempre ativas e vigilantes, elas não adormecem. A lua é citada, ela que é um elemento sobrenatural quando relacionada ao universo feminino. Regina Meira Aguiar, em seu artigo “Ritual da lua: o eterno retorno do feminino”, discute as relações históricas e mitos que relacionam mulher e lua. Aguiar alude ao texto de Terrin para dizer o seguinte: “Mais do que uma mitologia, a aceitação da influência da lua em nossas vidas remonta a figurações arquetípicas do feminino e do materno, da ligação intrínseca com a natureza, com o abandono ao *devir* [...]” (AGUIAR, 2001, p. 103). A mulher e a lua apresentam uma relação natural e histórica se observados costumes e tradições antigas. “O ritual da lua cheia é o mais conhecido. Esteticamente belo, sonoro ritmado, feito num círculo mágico” (AGUIAR, 2001, p. 104).

Através da pesquisa realizada por Aguiar observa-se a fundamentação mitológica relacionada à estreita e profunda ligação entre mulher e lua. Isso também é percebido nos versos do poema “a lua fêmea, semelhante nossa”, o eu lírico estabelece uma relação de similaridade e proximidade com a lua, ela é chamada de fêmea. E ainda, a lua, “em vigília atenta vigia/ a nossa memória”. A lua é uma companheira, uma semelhante, ao brilhar no céu noturno ela faz uma vigília e vigia a memória do eu lírico. A figura da estrela noturna é traduzida com apreço, ela é amiga, ajudante, companheira. Ana Beatriz Gonçalves, ao analisar tal poema, ressalta que

“A noite não adormece nos olhos das mulheres” mostra a imagem de mulheres como geradoras da vida, que resistem pacientemente ao tempo. A voz poética traz às mulheres a responsabilidade de preservar a memória e a necessidade de resistir, já que a resistência é uma característica dos povos da diáspora (GONÇALVES, 2009, p. 54).

Assim como em outros poemas de C. Evaristo presentes em PROM e aqui destacados, “A noite não adormece nos olhos das mulheres” transmite a imagem das mulheres como marco fundador da vida, resistentes e persistentes. As figuras femininas surgidas dos versos da autora ocupam lugar de destaque, elas são protagonistas e através de sua expressão preservam e resgatam os costumes afro-brasileiros.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono

onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

Os versos trazem à tona uma atmosfera que destaca a força da figura feminina que é representada. A inversão presente na estrofe inicial do poema continua. A noite não adormece nos olhos dessas mulheres, elas nunca descansam, elas precisam continuar em vigília, pois são perseguidas, menosprezados, mas mesmo assim, não se deixam abater pela atmosfera de opressão que as cerca. Fazendo um paralelo entre os temas expressos no poema e a pessoa a quem ele foi dedicado, Beatriz Nascimento, é possível perceber que os versos ilustram a persistência, a luta e a força da mulher negra. Ela que mesmo diante de tantos abalos se mostra forte e não adormece diante da sua jornada. O sono não é mais forte que a coragem, ele não tem espaço para existir devido à constante vigília dessas mulheres.

Esse poema em especial, assim como outros poemas de Conceição Evaristo, apresenta uma linguagem poética que remete ao universo do lirismo. Nesta estrofe observamos a assonância das vogais /a/ e /o/. A linguagem também se apresenta de uma forma metaforizada. As mulheres continuam a ser descritas como criaturas fortes, sujeitos que permanecem em uma posição de luta e combate e não escondem suas tristezas.

Em relação ao título do poema, “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, é interessante apresentar suas interligações ou a intertextualidade (a conexão entre textos ou temas). De junho de 2019 a julho do mesmo ano, aconteceu na “Baró Galeria”³⁰, em São Paulo, a exposição de arte “A noite não adormecerá jamais nos olhos nossos”. O título da exposição se aproxima do título do poema que aqui é analisado. Ao realizar uma pesquisa percebe-se que na questão de temática e expressão a exposição caminha em convergência com as imagens levantadas através do texto poético. A coletiva da exposição obteve a presença de dezoito artistas mulheres sob a curadoria de Carollina Lauriano. A exposição contou com pinturas, fotografias, performances, dentre outros acontecimentos. Entre as temáticas presentes na exposição estavam questões como a espiritualidade, memória e identidade, deslocamentos e lutas institucionalizadas.

O trabalho surge da necessidade de apresentar e discutir a pluralidade de linguagens, mídias e pesquisas que estão sendo produzidas por mulheres racializadas pelo país, ao mesmo tempo que procura descentralizar os

³⁰Informações coletadas no site “Arte!Brasileiros” disponível em: < <https://artebrasileiros.com.br/agenda-arte/a-noite-nao-adormecera-jamais-nos-olhos-nossos/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

discursos e criar uma rede de mulheres artistas, ampliando assim os circuitos de arte (ARTE! BRASILEIROS, 2019).

A definição do projeto artístico encontrada no site “Arte!Brasileiros” resume as motivações do acontecimento artístico. A preocupação em destacar as produções de mulheres racializadas no país, e descentralizar os discursos artísticos, se mostra uma proposta convergente às ideias de representação e autoafirmação da figura feminina afro-brasileira. Assim como no poema aqui discutido de C. Evaristo.

A noite não adormece
 nos olhos das mulheres,
 vaginas abertas
 retêm e expulsam a vida
 donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
 e outras meninas-luas
 afastam delas e de nós
 os nossos cálices de lágrimas.

A terceira estrofe de “A noite não adormece nos olhos das mulheres” expressa fortemente a ligação biográfica existente entre as produções da autora Conceição Evaristo e a sua própria vida. Tais versos remetem ao fatídico momento de consolidação da vida. Ou seja, o parto, as vaginas abertas retêm e expulsam a vida, pois são elas que se abrem para expulsar a nova vida gerada e as trazem ao mundo. E ainda guardam e protegem essas vidas. São citados nomes de “meninas luas”, entre elas Ainá, nome da filha de C. Evaristo.

Em relação ao processo analítico do texto literário, Antonio Candido, em seu trabalho *O estudo analítico do poema*, salienta que “Num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem” (CANDIDO, 1996, p. 16. Grifo do autor). Ao realizar a análise de um poema, um texto literário, é possível observar o plano da tradução do sentido, buscar compreender o que o texto nos fala. E também perceber o conteúdo humano, a mensagem que exprime a visão de mundo do autor. Nas construções poéticas de Evaristo é necessário observar o sentido e o conjunto das expressões advindas de suas palavras. E além disso, compreende-se a mensagem e a visão de mundo sobre os sujeitos que a autora deseja transmitir.

Os versos ilustram o momento de consolidação da vida do ser vivo que foi gerado e protegido pela mulher e que depois é posto para fora, trazido ao mundo, durante o parto. Tal momento é descrito como o que afasta das mulheres as tristezas, “os cálices lágrimas” são esquecidos. A partir da consolidação da vida, durante o seu nascimento, essas criaturas trazidas

ao mundo são “meninas luas”. Elas se assemelham à lua, elas brilham e iluminam, são a expressão do otimismo e confiança em dias melhores a partir de sua existência e caminhada. A cada nova geração de mulheres surgem novas esperanças de romper com os estigmas enraizados.

Essa estrofe também cita o nome de uma histórica figura feminina negra. A rainha Nzinga Mbandi³¹, conhecida como a rainha guerreira nascida em 1581/82. Nzinga comandava os reinos do *Ndongo* e *Matamba*, estados africanos existentes antes da colonização portuguesa. Hoje essa região é conhecida como Angola. De acordo com a série “UNESCO Mulheres na História da África – Njinga A Mbande: rainha do Ndongo e do Matamba”,

Durante quatro décadas, a rainha do Ndongo e do Matamba opor-se-á com vigor aos projetos coloniais portugueses, tecendo estratégias, mantendo uma hábil correspondência diplomática e dirigindo ela própria muitas vezes as operações militares. A Rainha Njinga morre aos 82 anos, a 17 de Dezembro de 1663. Ao longo de toda a sua vida, com coragem, obstinação e um grande sentido estratégico, nunca desistiu perante a adversidade. Impôs-se como uma soberana excepcional no Ndongo e no Matamba, opondo forte resistência aos projectos coloniais na região. Em Angola, no Brasil, em África e em muitos outros países, ela é ainda hoje uma figura histórica incontornável (UNESCO, 2014, p. 37-38).

Nzinga é uma das meninas-luas citadas em “A noite não adormece nos olhos das mulheres”; ela simboliza a mulher guerreira, a rainha que esteve à frente de reinos e desenvolveu diversas funções. A imagem da rainha Nzinga também diz respeito a figuras femininas negras que marcaram a história, não como oprimidas e sofredoras, mas como mulheres de fibra que deixaram ao mundo suas conquistas e o exemplo de sua caminhada. Assim como Beatriz Nascimento, Nzinga é uma figura que estimula o orgulho da mulher negra por seu gênero e sua etnia.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
da nossa milenar resistência.

³¹As informações aqui destacadas são provenientes do site da “Fundação Cultural Palmares”. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=53160>> . Acesso em: 20 de outubro de 2020.

A quarta estrofe apresenta uma conclusão para as questões colocadas pelo eu lírico nas três estrofes anteriores. O refrão presente em todas as quatro estrofes é retomado com uma diferenciação. Nas três primeiras estrofes, o refrão está no presente “a noite não adormece” transmitindo a ideia de que existe um movimento marcado no tempo presente, a noite não adormece nos olhos dessas mulheres, elas não descansam, não largam seus objetivos. Na última estrofe o refrão remete ao futuro “a noite não adormecerá”, assim funcionando como uma espécie de conclusão. O verbo no futuro também assume um tom profético; a poeta sabe que a resistência será sempre uma marca na vida das mulheres. Tal verso atesta que a eterna vigília, o movimento de buscar se proteger, buscar independência, e o seu lugar no mundo, é o movimento realizado por essas mulheres. Esse movimento é contínuo e nunca acabará. A noite jamais adormecerá nos olhos dessas fêmeas. Outro ponto interessante apresentado são as marcações de gênero. No terceiro verso lê-se “[...] nosso sangue mulher”, o sangue é personificado e adquire um gênero.

Sendo a poesia uma materialização lírica da vida, é possível encontrar em suas manifestações, os poemas, marcas temporais e estéticas que, vinculando-os a ciclos culturais diacrônica e sincronicamente complexos e inter-relacionados, registram a própria complexidade diacrônica e sincrônica da vida. Ou seja, se a vida se faz poesia, faz-se a poesia espelho para a contemplação da vida (RAMALHO, 2004, p. 43-44).

Para Ramalho, a poesia pode ser considerada uma materialização lírica da vida, ela guarda as manifestações e marcas temporais e estéticas que a relacionam ao tempo e à cultura as quais está vinculada. As palavras da autora exemplificam movimentos presentes em “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. A construção versificada que se constitui como poema demonstra ligação com os acontecimentos da vida, ou seja, o poema funciona como “espelho para contemplação” de figuras femininas negras na história. O poema realiza uma materialização lírica da vida e apresenta suas marcas culturais, temporais e estéticas que o ligam ao ciclo cultural ao retomar figuras importantes para a representação das mulheres negras.

As mulheres ilustradas nesse poema, como Beatriz Nascimento e Nzinga, apresentam destaque social, são figuras de mulheres negras que construíram sua história, e romperam com o estereótipo de mulher negra subalternizada. Assim, o poema recorre à construção da imagem de mulheres fortes e persistentes. Elas não se deixam abalar pelas restrições, pelos preconceitos e segregação. São mulheres que buscam seu lugar no mundo e que expressam a sua força e a sua capacidade enquanto mulheres negras. Essa estrofe através de uma construção poética e de

metáforas conclui tudo que foi dito desde a primeira estrofe. O sangue mulher não é um sangue comum, é o sangue que recebe o acréscimo, pois é o sangue-mulher.

O sangue jorra, um fio invisível e tônico; ao mesmo tempo em que o sangue pode representar o sangue derramado, ele pode ser uma metáfora para significar as lutas, dificuldades e problemas enfrentados por essas mulheres. A cada gota que jorra constrói o fio invisível e tônico, a luta dessas mulheres acontece e tem seus níveis. Aos poucos, se constrói o fio, que talvez não seja visível para todos, mas que é tônico, forte, bem construído. Pacientemente, de maneira calma, o fio vai construindo a rede da milenar resistência. No último verso dessa estrofe “a milenar resistência” dessas mulheres comprova a tese de que realmente o poema trata da luta, resistência e construção do lugar da mulher negra na sociedade.

A seguir, o poema “Fêmea-fênix”:

Fêmea-fênix
Para Léa Garcia

Navego-me eu-mulher e não temo,
sei da falsa maciez das águas
e quando o receio
me busca, não temo o medo,
sei que posso me deslizar
nas pedras e me sair ilesa,
com o corpo marcado pelo olor
da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,
sei do inebriante calor que queima
e, quando o temor
me visita, não temo o receio,
sei que posso me lançar ao fogo
e da fogueira me sair inunda,
com o corpo ameigado pelo odor
da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,
sei do cativante vazio da miragem,
e quando o pavor
em mim aloja, não temo o medo,
sei que posso me fundir ao só,
e em solo ressurgir inteira
com o corpo banhado pelo suor
da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,
na vital carícia de meu cio,
na cálida coragem de meu corpo,
no infindo laço da vida,

que jaz em mim
 e renasce flor fecunda
 Vivifico-me eu-mulher.
 Fêmea. Fênix. Eu fecundo.
 (EVARISTO, 2017, p. 28-29).

O poema é dedicado a Léa Garcia, importante personalidade negra no Brasil. Léa Lucas Garcia de Aguiar³² nasceu no Rio de Janeiro em 1933, tem oitenta e sete anos de idade. Ela é considerada uma das atrizes negras brasileiras mais renomadas, tendo atuado em diversas produções importantes do teatro, cinema e da televisão brasileira. Léa foi premiada como melhor atriz no Festival de Gramado (2004) e na Jornada Internacional de Cinema da Bahia (2007)³³. Léa Garcia veio de uma família humilde, mas teve a oportunidade de ter uma boa educação. Ela iniciou sua carreira no teatro ao ingressar no “Teatro Experimental do Negro” liderado por Abdias Nascimento. A carreira da atriz é extensa, são diversas as produções artísticas que contaram com a sua presença.

“Fêmea-fênix” apresenta quatro estrofes de oito versos. Todas são iniciadas com verbos e acrescentam a ideia de ação do eu lírico feminino. Cada estrofe ilustra atitudes do eu lírico e caracteriza suas consequências. O título do poema transborda sentidos, pois a fêmea é indicada como a figura mitológica da fênix. “A simbologia da fênix reside, mormente, na circularidade do tempo, e, sobretudo, no processo de renovação da vida, visto que, da sua morte, renasce para a vida. [...] o pássaro de fogo, símbolo do renascimento e da perpetuação” (SOARES E SUZUKI, 2015, p. 18).

A imagem da fênix tem sua origem na mitologia grega, é conhecida como o pássaro que renasce das cinzas. Representa a renovação, o renascimento. O poema em questão de C. Evaristo em seu título realiza uma junção de elementos, a fêmea que representa o feminino e a fênix que diz respeito à renovação. De acordo com o *Diccionario de Símbolos* de Juan Eduardo Cirlot, a fênix é interpretada da seguinte maneira: “No Ocidente cristão, significa o triunfo da vida eterna sobre a morte. Na alquimia, corresponde à cor vermelha, à regeneração da vida universal e à conclusão da obra³⁴” (CIRLOT, 1992, p. 103).

Pode-se inferir que o eu lírico desse poema é a uma fêmea-fênix. É importante destacar a ligação entre os dois vocábulos que unidos formam o título do poema, as sílabas iniciais de

³² As informações foram encontradas no site da Fundação Cultural Palmares. Disponível em: < http://www.palmares.gov.br/?page_id=27064> Acesso em: 24 de outubro de 2020.

³³ Informações do site “Ipeafro”. Disponível em: < <https://ipeafro.org.br/personalidades/lea-garcia/>> Acesso em: 24 de outubro de 2020.

³⁴ Tradução própria da passagem original: “En el occidente cristiano, significa el triunfo de la vida eterna sobre la muerte. En alquimia, corresponde al color rojo, a la regeneración de la vida universal y la finalización de la obra”.

cada palavra apresentam uma correspondência sonora (fêm/fên), isso atribui sonoridade ao poema, levando a um paralelismo vocabular.

Navego-me eu-mulher e não temo,
 sei da falsa maciez das águas
 e quando o receio
 me busca, não temo o medo,
 sei que posso me deslizar
 nas pedras e me sair ilesa,
 com o corpo marcado pelo olor
 da lama.

A primeira estrofe, assim como as demais do poema “Fêmea-Fênix”, traz de início a expressão do eu lírico feminino. No primeiro verso tem-se o verbo navegar na primeira pessoa do singular acompanhado do pronome oblíquo, ele diz respeito a uma ação que é desenrolada no decorrer dos versos dessa estrofe. Os versos estão contextualizados a uma atmosfera simbólica e metafórica “navego-me eu-mulher e não temo/ sei da falsa maciez das águas”. O eu lírico aponta a ação inicial de navegar e entende as águas como falsas. A ação de navegar nas águas, metaforicamente, pode ser entendida como a caminhada, a jornada de vida do eu lírico. A imagem das águas e o ato de navegar pode ser uma forma metafórica de ilustrar o mundo e seus caminhos, suas possibilidades. O eu lírico destaca que às vezes sente receio, mas não teme o medo quando este até ela chega. As imagens líquidas são muito frequentes em Evaristo, “água”, “sangue”, além de palavras que fazem parte desse campo semântico. De modo geral as composições poéticas da autora caminham em direção ao feminino e a elementos que remetem a esse universo. Conforme no diz Solidade e Botoso:

Na poética de Evaristo, há o desejo de construir a personagem negra de uma outra forma, colocá-la como protagonista de sua história, como um ser passível de sentimentos, de história, de cultura, desconstruir a sensualidade como principal característica (SOLIDADE E BOTOSO, 2020, p.53).

Evaristo em suas construções elabora uma figura feminina negra que desconstrói os estereótipos atrelados às mulheres negras pela sociedade e, conseqüentemente, por parte da literatura canônica. A mulher negra expressa nos versos de Evaristo tem consciência de sua classe, é inteirada com as lutas históricas de suas semelhantes, e têm orgulho da sua etnia.

As imagens metafóricas transformam esse eu lírico feminino em um ser diferenciado, já que pode deslizar nas pedras e sair ilesa. É como se ela própria fosse também a água que desliza sobre as pedras, que não sofre nenhum dano ao realizar essa ação. A linguagem poética

e metafórica remete a um universo no qual o eu lírico está presente e constantemente se transformando, pois ela é a “fêmea-fênix”. Assim, ao deslizar-se por entre as pedras seu corpo fica marcado pelo odor, cheiro da lama.

[...] Evaristo promove, por meio do discurso poético, um meio para que a voz da mulher negra se faça ser ouvida, diante dos estereótipos que envolvem toda a gama de discursos e também do aparato histórico que rege as perspectivas do que viria a ser a mulher negra na sociedade (SOLIDADE E BOTOSO, 2020, p. 55).

Torna-se visível o caráter engajado das obras de Evaristo, particularmente em PROM, o discurso poético é um meio de dar visibilidade e espaço para os dilemas que cercam a vida da mulher negra na sociedade. A poesia, texto literário, se constitui como forma de expressão artística, mas também carrega sua parcela de conexão e verossimilhança com a realidade social.

Durante sua caminhada pela vida, navegando, o eu lírico é consciente da falsa maciez das águas, da falsa ilusão de facilidade que a vida pode lhe oferecer. E ao ter medo, ela não se deixa abalar por tal sentimento, pois é consciente de suas capacidades. Sabe que pode se transformar, se adaptar. Mas ainda assim, seu corpo marcado pela lama, ela marca o seu corpo, suas passagens, vivências e os acontecimentos que rondam a sua existência enquanto o ser eu-mulher.

Abraso-me eu-mulher e não temo,
sei do inebriante calor que queima
e, quando o temor
me visita, não temo o receio,
sei que posso me lançar ao fogo
e da fogueira me sair inunda,
com o corpo ameigado pelo odor
da chama.

A segunda estrofe segue um caminho semelhante ao da primeira, agora tratando do fogo, o eu lírico realiza a atividade de “abrasar-se”. Ela se queima, se incendeia, e é consciente do “inebriante calor da queima”. E quando o temor lhe visita não tem medo, pois sabe que pode se lançar ao fogo e da fogueira sair “inunda”. Os versos remetem a uma atmosfera metafórica na qual a fêmea-fênix descreve o calor e o medo, mas se mostra forte, e intocável perante o fogo.

A situação ilustra uma circunstância na qual o eu lírico passa por dificuldades, ela é consciente do calor que a queima. Às vezes o receio a visita, ainda assim, ela se mostra como a fênix, aquela que se lança ao fogo e da fogueira sai intocável, a chama não a queima. O eu

lírigo é uma fêmea-fênix, o fogo não a destrói, ela permanece ileso. O fogo a purifica e transforma e a partir dele pode renascer. A estrofe marca um entrelaçamento entre a água – elemento feminino – e o fogo – elemento masculino. Em Evaristo, o elemento fogo também participa de sua constituição, já que ela se vê como fênix. Ou seja, o fogo que a deveria destruir, na verdade a faz renascer. Nesse sentido, água e fogo apontam para a força feminina que a poeta quer promover neste e em outros dos seus poemas.

[...] Evaristo desenha uma mulher que sonha, que sorri, que se reconhece como parte importante de algo maior, que denuncia suas dores em forma de poesia, que mesmo tendo consciência de sua condição, é humana e não deseja o mesmo fim a suas semelhantes (SOLIDADE E BOTOSO, 2020, p. 57).

As marcas biográficas nos poemas presentes em PROM são visíveis, se realizada uma pesquisa, muitas serão as conexões encontradas entre fatos da vida de C. Evaristo e as temáticas expressas em seus poemas. O diferencial de sua poesia é a colocação de sujeitos negros como centrais, principalmente a figura da mulher negra, que está ao centro, e é a temática principal de seus versos. A mulher negra é humanizada e reconstruída em seus versos.

[...] Conceição Evaristo em seus textos, busca destacar o papel da mulher negra, a qual, apesar do racismo, do menosprezo e das tentativas de silenciamento de sua voz, eleva-se, avulta e traz consigo a memória da escravidão e dos sofrimentos passados, num claro esforço de demarcar novos horizontes para uma figura que preserva as tradições e se insere num universo prenhe de dificuldades e preconceitos [...] (SOLIDADE E BOTOSO, 2020, p. 61).

Ainda sobre as imagens expressas na estrofe, o corpo desse eu lírico carrega o odor da chama, mas está renovado e purificado. O eu lírico é uma criatura de facetas múltiplas que a fortalecem, assim consegue superar suas dificuldades e dilemas. A chama não a queima, a chama “ameiga” seu corpo, o acaricia e deixa o seu odor, sua marca. A fêmea-fênix reconhece que tem temores e que às vezes o medo a cerca, porém ela não teme o medo que possa sentir. Sua coragem a torna invencível e cada vez mais poderosa.

Deserto-me eu-mulher e não temo,
sei do cativante vazio da miragem,
e quando o pavor
em mim aloja, não temo o medo,
sei que posso me fundir ao só,
e em solo ressurgir inteira

com o corpo banhado pelo suor
da faina.

A terceira estrofe segue uma linha comum às anteriores. A estrutura das três estrofes é semelhante. Inicialmente, apresenta uma afirmação do eu lírico que desencadeia uma série de ações. E em seguida, surgem os desdobramentos dos acontecimentos ligados ao eu lírico e suas ações. O elemento abordado em tais versos é a terra. A fêmea-fênix realiza o movimento de “desertar-se”. Ela se funde à terra, torna-se um deserto. Novamente ela mostra-se consciente das armadilhas que a cercam (“sei do cativante vazio da miragem”), mas ainda assim não teme. Seus artifícios são muitos, depois de se fundir ao mar e navegar-se, de misturar-se ao fogo e abraçar-se, ela funde-se ao deserto e deserta-se. Esse eu lírico feminino torna-se contido desses elementos, absorve a força de cada um e a partir deles fortifica-se.

Torna-se relevante pensar numa Re-existência desse corpo negro feminino por perspectivas outras, que possibilitem uma composição de ser e estar no mundo pelas memórias ancestrais e coletivas positivas que tenham uma função educativa para o fortalecimento das relações afetivas, um movimento contra o racismo e a eliminação de toda e qualquer forma de dominação (OLIVEIRA E SILVA, 2018, p.4).

Historicamente as mulheres negras precisaram lutar para subverter sua posição de inferiorizadas. A herança escravista pôs sobre elas o estigma e a marginalização, e assim, por muito tempo ocuparam lugares inferiores na escala social. É fato que muitas ainda ocupam tais lugares, mas a conscientização do seu real valor enquanto ser humano faz a mulher negra reivindicar seus direitos. É indiscutível o peso do fardo para uma mulher negra na sociedade ocidental, sendo necessário a elas lidar com a opressão em diversas escalas. E assim, caminhar em direção oposta à exclusão de preconceitos históricos assentados em nossa cultura.

Os medos e dificuldades que serviriam para ofuscá-la não o fazem, mesmo expondo sua fragilidade a fêmea-fênix não se deixa abater ou vencer pelo medo, receio e pavor. O eu lírico a cada estrofe passa por uma transformação, o seu eu, seu corpo sofre modificações por todos os elementos que a cercam. A terceira estrofe mostra sua capacidade de fundir-se ao solo, de se manter inteira mesmo sozinha. Cada elemento que a modifica passa a fazer parte do seu eu, passa a compor suas entranhas, pois a cada momento de dificuldade a fêmea-fênix renasce.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,
na vital carícia de meu cio,
na cálida coragem de meu corpo,
no infindo laço da vida,

que jaz em mim
 e renasce flor fecunda
 Vivifico-me eu-mulher.
 Fêmea. Fênix. Eu fecundo.

A quarta e última estrofe apresenta versos que conduzem a uma conclusão das imagens anteriormente apresentadas. O eu lírico parece entoar um canto que a fortalece e a torna uma figura expressiva. Através dos versos é possível observar que a “fêmea-fênix” demonstra o seu poder e sua fraqueza. “Vivifico-me eu-mulher e teimo/ na vital carícia de meu cio”, tais versos expõem a vitalidade e os instintos femininos que guarda o eu lírico, as formas características do ser feminino. A fêmea-fênix demonstra sua força.

No quinto e no sexto versos da quarta estrofe evidencia-se a expressão trazida pelo poema ao ser intitulado como fêmea-fênix: “[...] no infindo laço da vida/ que jaz em mim/ e renasce flor fecunda”. Ainda que o laço da vida chegue a morrer, que ela se encontre abatida, assim como a fênix ele renasce. A mulher negra, figura ilustrada pelo poema, é comparada a uma flor que carrega o signo da fecundidade e do renascimento.

Conceição Evaristo em seu ensaio “Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, ressalta as características das construções literárias encabeçadas por mulheres negras, enquanto sujeitos e personagens de suas produções. “[...] uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2005, p. 54. Grifo da autora).

A estrofe no primeiro e no sétimo versos retoma a expressão: “vivifico-me eu-mulher” que parece funcionar como um mantra evocando força e coragem. “Vivifico-me eu-mulher./ Fêmea. Fênix. Eu fecundo”, o eu lírico feminino é colocado como senhora das ações em cada estrofe. Ela é a figura de destaque que navega, abrasa, deserta e vivifica.

Pode-se concluir que na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo como da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sociocultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas (EVARISTO, 2005, p. 54).

Desse modo, é importante definir parâmetros de análise específicos ao trabalhar com textos literários de autoria feminina negra. Tais produções representam uma inovação e

rompimento com a estética tradicional da literatura brasileira. E assim, a observação de tais objetos literários não pode se desvincular do lugar sociocultural em que tais obras estão imersas.

Ainda sobre os versos da última estrofe, por mais que haja momentos em que o seu laço da vida se finalize devido aos ciclos, a flor fecunda renasce, e a partir desse momento ela torna-se uma mulher, ela é uma fêmea fênix que tem o poder da fecundidade. Todo o poema tem um trabalho elaborado em relação à metáforização e à composição lírica. Percebe-se a construção organizada para expressar a figura feminina afro-brasileira. A fêmea fênix expressa seu orgulho, coragem e força. Ela não está na posição de menosprezo, mas sim na posição daquela que representa a fertilidade, que é uma flor renascida a cada instante.

Concluimos a análise de “Fêmea-fênix” com mais uma passagem do ensaio de C. Evaristo acima citado: “Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é como atos de criação linguística, a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos” (EVARISTO, 2005, p. 52). A literatura que utiliza a linguagem como sua principal ferramenta é um local privilegiado para o questionamento, produção e reprodução de sentidos.

O último poema a ser analisado é “Do fogo que em mim arde”.

Do fogo que em mim arde

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
ele queima, sim,
é chama voraz
que derrete o bico do teu pincel
incendiando até as cinzas
o desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
É este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do autorretrato meu.
(EVARISTO, 2017, p. 81).

O poema “Do fogo que em mim arde” se apresenta em duas estrofes. A primeira com oito versos e a segunda com dez. É possível identificar algumas rimas entre o terceiro e o quinto

versos da primeira estrofe e o terceiro verso da segunda estrofe (“não aquele que te apraz/ é chama voraz/ aquele que me faz”). O título do poema remete ao elemento fogo, muito presente em poemas de PROM, e também em poemas escolhidos para análise. O fogo é representado como um elemento que se aproxima do eu lírico, ou seja, para ele se torna fundamental e indispensável. O símbolo do fogo pode dizer respeito às emoções e sentimentos que em si o eu lírico guarda. A simbologia do fogo diz respeito a transformação e renovação. Pois ao mesmo tempo em que queima, purifica e renova. De acordo com o Dicionário dos Símbolos de Cirlot:

Os alquimistas especialmente conservam o significado dado por Heráclito ao fogo, como um “agente de transformação”, pois todas as coisas nascem do fogo e a ele voltam. Neste sentido, de mediador entre as formas em desaparecimento e as formas na criação, o fogo assimila-se à água, e também é um símbolo de transformação e regeneração³⁵ (CIRLOT, 1995, p.209-210).

Abaixo, a primeira estrofe de “Do fogo que em mim arde”:

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
ele queima, sim,
é chama voraz
que derrete o bico do teu pincel
incendiando até as cinzas
o desejo-desenho que fazes de mim.

Os versos demonstram a presença do eu lírico que se faz manifesto através dos pronomes pessoais. Porém, ainda não é perceptível uma definição em relação ao gênero. Ou seja, não se sabe se os versos apresentam um eu lírico feminino ou masculino. Tais versos trazem o direcionamento do eu lírico para um interlocutor, isso pode ser percebido no sexto e oitavo versos do poema (“que derrete o bico do teu pincel/o desejo-desenho que fazer de mim”).

[...] nos poemas da escritora, a eu lírica persegue o entrelaçar de ausência e presença da mulher negra. A escrita insinua um caráter de conhecimento e autorreconhecimento identitário, mas a parcela histórica conferida a todo ato poético engajado traz à luz a ausência daquelas mulheres, cujo rastro (de

³⁵ Tradução própria do trecho original: “Los alquimistas conservan en especial el sentido dado por heraclito al fuego, como "agente de transfoamción" pues todas las cosas nacen del fuego y a él vuelven. En este sentido de mediador entre formas en desaparición y formas en creación, el fuego se assimila al agua, y también es un simbolo de transformación y regeneración”.

lágrimas, de luta, de recordações) não se permite chegar ao objeto criador (SOUZA, 2019, p.14).

É possível observar o movimento realizado pela autora para trazer para dentro do texto literário a presença de uma figura, um sujeito, por mais que as marcas de gênero não estejam expressas, a atmosfera do poema conduz a imaginar um eu lírico que busca desconstruir uma imagem pré-elabora de si mesmo.

A imagem do fogo sugerida pelos versos parece sustentar a ideia de fogo renovador para o eu lírico, mas não para o seu interlocutor (“sim, eu trago o fogo/ o outro/ não aquele que te apraz/ ele queima, sim”). Para o interlocutor ao qual o eu lírico direciona-se o fogo é a chama que queima, derrete e desmancha o pincel (“é chama voraz/ que derrete o bico do teu pincel/ incendiando até as cinzas”). Esse fogo mostra-se intenso, pois até as cinzas, que simbolizam o final do fogo, os restos, ele ainda pode queimar.

Os versos da primeira estrofe buscam uma conexão com o interlocutor que tem o seu pincel derretido por esse fogo. O pincel é a ferramenta de criação de um pintor, ao ter o seu pincel destruído não será possível criar uma imagem sobre o eu lírico. “Que derrete o bico do teu pincel/ incendiando até as cinzas/ o desejo-desenho que fazer de mim”. Aquele que tem seu pincel derretido teve também incendiado o “desenho-desejo” que fazia do eu lírico. Seria então um desenho ruim, uma imagem infiel, criada pelo interlocutor? Partindo para a segunda estrofe é possível elucidar essa questão.

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
É este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do autorretrato meu.

Essa estrofe apresenta uma característica comum a alguns dos poemas analisados aqui, que são os versos iniciais repetidos em cada estrofe. Ou seja, na primeira e na segunda estrofe, o primeiro e o segundo versos funcionam como uma espécie de recapitulação ou refrão (“sim, eu trago o fogo/ o outro”). O eu lírico menciona o fogo como um elemento fundador e importante.

No poema *Do fogo que em mim arde*, haveria uma voz inflamada que reclama a própria potência falocêntrica do pincel e da pena. Na segunda estrofe, agora é a eu lírica autora de sua imagem, que não é mais apenas o desenho da primeira estrofe, é “letra desenho”, portanto, agora ela tem o poder das palavras nas mãos e pode escrever-se, fazer um autorretrato, ressignificar-se muito além de seu desenho desejado pintado por mãos alheias (SOUZA, 2019, p. 20. Grifo da autora).

Ao interpretar “Do fogo que em mim arde” é possível atribuir ao eu lírico uma presença feminina. Já que esse eu lírico se coloca em uma posição de contestar as imagens que fazem de si e a representação infiel à qual é atribuída a sua figura. Existe uma mudança de posição desse eu lírico, visível na transição da primeira para a segunda estrofe. O eu lírico reclama o seu poder de escrever-se e de ser autor(a) de seu próprio retrato, de contar sua história e percorrer seus caminhos. O eu lírico não se contenta em ser descrito(a) por palavras e imagens de outros, é sua vez de usar o seu lugar de fala.

O fogo é um elemento que compõe o eu lírico: “aquele que me faz/ e que molda a dura pena/ de minha escrita”. A partir disso, é possível enxergar um direcionamento metapoético, pois os versos remetem ao momento de criação poética. O fogo molda a escrita do eu lírico, é um elemento que está presente na sua própria composição enquanto ser: “é este o fogo, / o meu, o que me arde/ e cunha a minha face”. Através de todos os momentos de envolvimento com fogo enquanto o elemento primordial à sua construção, o eu lírico faz o seu próprio retrato, seu autorretrato. Assim, consegue transpor a imagem de si mesmo, uma imagem fiel e próxima de si. Ao ver-se como quem traz o fogo, Evaristo parece cruzar seu poema com o mito de Prometeu – personagem que trouxe o fogo para o mundo, o que deu à humanidade a capacidade criativa, baseada em seus desejos, sentimentos, conhecimentos etc. De acordo com Ana Paula Quintela Sottomayor, em seu ensaio “O fogo de prometeu”: “O fogo ao surgir no mundo, dissipou as trevas e trouxe aos homens a luz da civilização e da esperança. [...] Prometeu, o titã filantropo que arrebatou do céu o fogo para dar de presente aos mortais [...]” (SOTTOMAYOR, 2001, p. 134). O Prometeu se compadeceu da situação dos humanos na terra e deu-lhes de presente o fogo, através dele a humanidade teve muitos avanços, no entanto Prometeu recebeu um castigo por seu feito. “Quanto a Prometeu, agrilhou-o Zeus a meia-altura numa coluna, condenando-o, além disso, a suportar o flagelo de uma águia que lhe devorava o fígado continuamente renovado [...]” (SOTTOMAYOR, 2001, p. 135).

Porém, neste poema Evaristo parece ocupar esse lugar de Prometeu, tornando-se responsável pela criação de sua própria obra, vendo-se a si mesma como fundadora de sua história e de sua escrita. Diferentemente de Prometeu ela liberta-se e se desprende das imagens

e ideias falsas que fazem de sua pessoa. Ao ter o fogo sob seu domínio ela consegue tomar as rédeas do seu destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de autoria feminina se mostra como um terreno fértil, uma literatura portadora de grande potencial a ser explorado. Atualmente, no ambiente acadêmico, o número de pesquisas que investigam produções elaboradas por mulheres cresce a cada dia. Sem dúvida, esse crescimento acompanha o percurso traçado pelas mulheres na própria sociedade, que vêm galgando e ocupando o seu espaço. Ao tratar especificamente da autoria feminina, outros desdobramentos surgem, como é o caso da autoria feminina afro-brasileira, a literatura negra, produzida por mulheres negras. A organização e desenvolvimento desse trabalho de pesquisa teve como objetivo observar, analisar e refletir sobre a figura feminina afro-brasileira expressa em poemas de Conceição Evaristo.

Evaristo é uma autora negra que apresenta uma vasta fortuna crítica. Produtora de poemas, contos, romances e também atuante na área da crítica literária. A obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, eleita como objeto de análise, *corpus* literário, para a construção deste trabalho de pesquisa, é uma coletânea de poemas, e serviu como principal terreno para a investigação da figura feminina afro-brasileira. As teorias e posicionamentos críticos utilizados aqui, além das vertentes de análise e reflexão que construíram essa pesquisa, tiveram como objetivo compreender e questionar as construções poéticas de Evaristo em PROM, além de buscar visualizar e desvendar a imagem da figura feminina expressa através dos versos da autora.

A obra de poemas escolhida (PROM) tem duas edições, e para aqueles que as conhecem e/ou analisaram seu conteúdo é visível a profundidade e a genialidade criadora da autora. Também é indiscutível o caráter de denúncia social, e reivindicação do lugar de fala presentes na obra. Ainda assim, a poesia e o lirismo também se mostraram elementos marcantes nas construções poéticas presentes ao longo da obra.

Ao analisar uma obra literária se pode buscar compreender as entrelinhas, refletir sobre a construção e os seus aspectos característicos e particulares. Nas análises presentes no terceiro capítulo não foram deixadas de lado a carga social e as conexões entre literatura e realidade. O texto literário é uma elaboração humana e está, na maioria das vezes, impregnado de sentidos e caminhos que apontam para o mundo ao nosso redor.

A interpretação e análise literária de um poema é uma tarefa minuciosa que exige um mergulho em toda a profundidade e variedade de sentidos expressa nesse texto. Todas as análises aqui realizadas objetivaram conectar e compreender a junção de sentidos expressa através do texto literário. Para finalizar, abaixo está uma estrofe do poema “Ao escrever”, de Conceição

Evaristo, que de forma metapoética exprime a importância e a essência da palavra para a/o artesã/ão da palavra: a/o poeta.

[...] Ao escrever a vida
no tubo de ensaio da partida
esmaecida nadando,
há neste inútil movimento
a enganosa-esperança
de laçar o tempo
e afagar o eterno.
(EVARISTO, 2017, p. 90-91).

REFERÊNCIAS:

Primeiro capítulo

ALBUQUERQUE, Thays Keylla de. Poesia contemporânea: uma aproximação horizontal. *Revista Encontros de Vista*. Recife, nº 19, jan/jun. 2017, p. 124-136.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AMADO, Janaína. *Jacinta Passos, coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador: EDUFBA; Corrupio, 2010.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Culturix, 1993.

BOSI, Alfredo. Jorge de Lima poeta em movimento (Do “menino impossível” ao *Livro de sonetos*). *Estudos Avançados*. P. 183-207. 2016.

BISPO, Elielson A. JOB, Sandra M. O eu-lírico em três momentos de Jorge de Lima: Parnasianismo, Modernismo e na temática Afro-brasileira. ANAIS – I Colóquio de Letras da FALE/CUMB. UFP. Fevereiro de 2014.

BRÊTAS, Manuela. Violão de rua: a poesia engajada dos anos 60. XII – Encontro regional de história. Anpuh, Rio de Janeiro, p. 1-8. 2006.

CRAVEIRO, Pedro. *Vivendo de hora em hora: sobre a geração mimeógrafo brasileira & a nuvem cigana*. *eLyra*. N.11, p. 129-144. Junho de 2018.

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz. *Questão de pele*. Língua Gera, 2009. P. 19-37.

FRIEDRICH, Hugo. Perspectiva da lírica contemporânea: dissonâncias e anormalidade. In: *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas cidades, 1991, p. 15-34.

FONSECA, Dagoberto J. FONSECA, Simone de L. F. DE JESUS, Tarcísia E. T. Homemulher: nossos ossos negros de breu/luz. *Itinerários*. Araraquara, n. 46, p. 15-33, jan./jun. 2018.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à primeira edição. In: *Poemas Negros*. São Paulo: Editora Jatobá, 2014, p.4-11.

FREDERICO, Grazielle. MOLLO, Lúcia T. DUTRA, Paula Q. “Quem não se afirma não existe”: entrevista com Cristiane Sobral. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. N.51, p.254-258, maio/ago. 2017.

JUSTINO, Katiuce Lopes. *Conversa de senhoras: a performance do feminino em Ana Cristina Cesar*. 2014. 151 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto.

JÚNIOR, Luiz G. dos S. Uma revisão crítica da poesia marginal brasileira. *Revista Estação Literária*. Londrina, v.12, p. 217-228, jan. 2014.

JUNQUEIRA, Ivan. Modernismo: tradição e ruptura. In: *Poesia sempre*. Rio de Janeiro, a. I, n.1, p. 153-168, janeiro, 1993.

LIMA, Jorge de. *Poemas Negros*. São Paulo: Editora Jatobá, 2014.

LIMA, Renata D. "Já fizemos muitos minutos de silêncio, agora serão gerações e gerações de barulho": As poesias das mulheres negras das periferias de São Paulo. *Anais XV – Congresso Internacional da ABRALIC*. P. 5606 – 5616, 07 a 11 de agosto de 2017.

MELO NETO, João Cabral de. Crítica Literária. In: *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 71-90.

PEREIRA, Maria do Rosário A. O caminho das palavras: o negro e a mulher na literatura de Míriam Alves. *Literafro* – UFMG. 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/347-o-caminho-das-palavras-o-negro-e-a-mulher-na-literatura-de-miriam-alves-critica> Acesso em: 20 de agosto de 2020.

REZENDE, Renato. *Poesia brasileira contemporânea: crítica e política*. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

REMENCHE, Maria de Lourdes R. SIPPEL, Juliano. A escrivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. N. 20, v. 2, p. 36-51, 2019.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Et al. *Violão de Rua: cadernos do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1962.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Et al. *Violão de Rua: cadernos do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1962.

SANT'ANNA. Affonso Romano de. Et al. *Violão de Rua: cadernos do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1963.

SILVA, Beatriz A. da. *Jacinta, passos de uma escritora à margem*. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura). – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, Florentina. Mulheres negras escritoras. *Revista Crioula*. N. 20, p. 19-39. 2º semestre de 2017.

Segundo capítulo

ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. *Estudos Feministas*.

Florianópolis, n.19, p. 283-300, jan./abr. 2011.

- ARRUDA, Aline Alves. “Poemas da recordação e outros movimentos”. *Literafro* – UFMG. 2020. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em: 30 de maio de 2020.
- AMÂNCIO, Iris Maria da C. Apresentação. In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. P. 5-6.
- BARROSI, Luana. Poéticas da escrevivência. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. N.51. p. 22-40, mai./ago. 2017.
- BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v.41, n.3, p.11-22, setembro, 2006.
- BRAH, Avtar. PHOENIX, Ann. Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade. In: BRANDÃO, Izabel. (Org.). Tradução da Cultura: Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p.661-679.
- CÔRTEZ, Cristiane. DUARTE, Constância Lima. PEREIRA, Maria do Rosário A. Vozes da escrevivência. In: *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. *Literafro* – UFMG. 2020. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em: 30 de maio de 2020.
- CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. LOPES, Elisângela. Conceição Evaristo: literatura e identidade. 2020. *Literafro*-UFMG. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em: 30 de maio de 2020.
- DE JESUS, Jessica O. de J. CASSILHAS, Fabrício H. M. SANTOS, Silvana M. dos. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, n.26, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê. 2017.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros – Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2018.
- LOUSA, Pilar L. CAMARGO, Flávio P. Voz que liberta, corpo que resiste: questões de gênero em poemas de Elizandra Souza. *Travessias Literárias*. São Cristóvão, v.16, n.2, p. 245-264, jun./dez. 2018.

- MENDES, Ana Cláudia D. Eco e memória: “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo. *Terra roxa e outras terras*. V. 17, dez. 2009.
- Terceiro capítulo
- AGUIAR, Regina Meira. Ritual da lua: o eterno retorno do feminino. *Último Andar* (PUCSP), São Paulo, v. 4, p. 101-116, 2001.
- CANDIDO, Antônio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH/ USP, 1996.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Diccionario de Símbolos*. Barcelona: Editorial Labor S. A. 1992.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- GONÇALVES, Ana Beatriz. Processos de (re)definição na poesia de Conceição Evaristo. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 51-61, 2009.
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 16, p. 193-210, janeiro-abril de 2015.
- OLIVEIRA, Célia R. C. de. SILVA, Carla A. da. Para além do black-power: estéticas das práticas e escritas de mulheres negras na educação por uma afro-(re)existência. COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia. P. 3-13, 12 a 17 de outubro de 2018.
- RAMALHO, Christina. Hybris: nosso inusitado templo de poesia: Ana Valls, Elaine Pauvalid, Glória Maria Miranda, Idalina Azevedo da Silva, Lea Madureira, Leda Mendes Jorge, Luiza Viana, Teresa Drummond, Verônica de Aragão, Ivana Barreto. In: CUNHA, Helena Parente (Org). *Além do cânone*. Vozes femininas cariocas estreadas na poesia dos anos 90. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p. 43-64.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando. 2017.
- SILVESTRE, Nelci A. C. FELDMAN, Alba K. T. “Vozes-mulheres” do terceiro mundo - a perspectiva de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*. Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 96-111, 2015.
- SOARES, Fagno da S. SUZUKI, Júlio C. O mito da fênix e a escravidão: reflexões historiográficas acerca do trabalho escravo contemporâneo no Brasil. *Revista Piauiense de História Social e do Trabalho*. Parnaíba, ano 1, n. 1, julho-dezembro de 2015.
- SOUZA, Taise C. dos S. P. Poesia feminina subalterna negra: uma voz de resistência. *Nau Literária*. Porto Alegre. PPG-LET-UFRGS, vol. 09, n.1, jan./jun. 2013.

SOLIDADE, Maria de F. de S. BOTOSO, Altamir. Representações do feminino em *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo. *Revista África e Africanidades*. Ano XIII, n. 35, agosto de 2020.

SOUZA, Rosana A. de. Memória rastro em poemas de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*. Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 13-22, 2019.

SOTTOMAYOR, Ana Paula Q. O fogo de Prometeu. *HVMANITAS*. Vol. LIII, 2001.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura Praça de Fontenoy n°7, França, 2014.